NO «SUPLEMENTO LITERÁRIO»: ALBERTO FERREIRA RESPONDE A JOSÉ RÉGIO

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 17 DE OUTUBRO DE 1968 N.º 16 462 ANO 48.º UM ESCUDO

PHILIPS TRIUNFO DA TÉCNICA

VEJA AS NOVIDADES DA SÉRIE TRIUNFO DA TÉCNICA NOS AGENTES PHILIPS

FICARÃO NA CHECOSLOVÁQUIA SETENTA MIL SOVIÉTICOS

PRAGA, 17 — (A. N. I.) — O Parlamento checoslovaco reune-se amanhã para ratificar o tratado assinado pela Checoslováquia e pela União Soviética, nos termos do qual permanecerão indefinidamente em território checoslovaco cerca de 70 mil soldados soviéticos — anuncia-se em Praga.

As restantes tropas — segundo afirmou ontem o chefe do Governo soviético, Aleixis Kossyguine — vão retirar «gradualmente».

Oldrich Cernik, chefe do Governo checoslovaco, usando da palavra após a assinatura do acordo, sublinhou que só será autorizada «a permanência de tropas soviéticas no território do país», indicando assim claramente que as forças dos restantes países do Pacto de Varsóvia serão também «gradualmente» retiradas.

A delegação soviética, chefiada por Kossyguine, era integrada por altas individualidades soviéticas, civis e militares. Os soviéticos chegaram a Praga apenas cinco horas depois de Oldrich Cernik, que regressou de Moscovo, onde se recusou a assumir sózinho a responsabilidade da assinatura do tratado.

Alexandre Dubcek, primeiro secretário do Partido Comunista Checoslovaco, não se encontrava no aeroporto quando chegaram os dirigentes soviéticos. A sua ausência fora já notada pelos jornalistas aquando da chegada de Cernik.

Dubcek encontrava-se, no entanto, entre os dirigentes checoslovacos que assistiram á assinatura do tratado que legaliza a presença das tropas estrangeiras em território checoslovaco.

Entre as personalidades soviéticas presentes contavam-se o ministro dos Negócios Estrangeiros, André Gromiko, o ministro da Defesa André Grechko, o primeiro-vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, Vasil Kuznetsov, o comandante das forças do Pacto de Varsóvia que invadiram a Checoslováquia, general Ivan Pavlovski, e o embaixador da União Soviética em Praga, Stepan Chervonenko.

No discurso que proferiu após a assinatura do tratado, Kossyguine sublinhou:

«Os países socialistas tomaram esta decisão convencidos de que o processo de normalização da Checoslováquia, que se iniciou já, vai continuar e de que o povo checoslovaco não dará oportunidade ás forças anti-socialistas para deter esse processo»

Alexei Kossyguine (á esquerda), chefe da delegação soviética que, ontem, chegou a Praga para a assinatura do tratado russo-checo, foi cumprimentado no aeroporto da capital da Checoslováquia, pelo primeiro-ministro deste país, Oldrich Cernik. (Telefoto especial para o «Diário de Lisboa»)

JACQUELINE

ONASSIS

JACQUELINE VAI CASAR-SE COM ONASSIS

— SEGUNDO UM JORNAL DE BOSTON

BOSTON, 17 — (R.) — Um jornal desta cidade diz hoje que Jacqueline Kennedy, viuva do presidente Kennedy, vai casar com o magnate grego Aristotles Onassis. A sr.ª Kennedy tem 39 anos e Onassis 62.

O «The Boston Herald-Traveler» diz que o casamento poderá efectuar-se ainda este mês «e, em todo o caso, antes do Natal.»

Onassis é um velho amigo da família Kennedy e passou o ultimo fim-de-semana na casa de Hyannis Port.

«O local do casamento é um segredo bem guardado mas soube-se que Nova York, Maryland e uma cidade europeia são os sítios mais prováveis», acrescenta o jornal.

A sr.ª Kennedy e outros membros da sua família têm feito frequentes cruzeiros a bordo do luxuoso iate de Onassis, «Cristina».

VIETNAM: IMINENTE O FIM DOS BOMBARDEAMENTOS

— CONFIRMA O PRIMEIRO-MINISTRO DA AUSTRÁLIA

CANBERRA, 17. — (A. N. I.) — Resta apenas chegar a acordo sobre um ponto para que os Estados Unidos possam anunciar a suspensão total dos bombardeamentos ao Vietnam do Norte — declarou esta manhã o primeiro-ministro da Austrália, John Gorton.

As negociações entre os Estados Unidos e o Vietnam do Norte «arrastam-se há já alguns dias, e com um pouco de sorte o presidente Johnson poderá em breve fazer a esperada declaração» — afirmou o primeiro-ministro australiano.

«Tudo o que posso dizer é que nos temos mantido em contacto permanente com os Estados Unidos, sobre as conversações que têm decorrido em Saigão, Paris e Washington» — prosseguiu Gorton.

«Não discuti pessoalmente a questão com o presidente Johnson, mas tenho sido informado de tudo o que se passa por intermédio do nosso ministros dos Negócios Estrangeiros, Paul Hasluck, e do secretário de Estado norte-americano Dean Rusk» — afirmou o primeiro-ministro aos jornalistas.

A Austrália informou já os Estados Unidos da sua posição relativamente a uma eventual suspensão dos bombardeamentos ao Vietnam. Tal informação foi dada a título particular, e não é minha intenção discuti-la agora — sublinhou.

«O problema é tão delicado que não quero pronunciar-me antes de Washington divulgar um comunicado oficial sobre o assunto» — concluiu o primeiro-ministro australiano.

MAIS TV DA «APOLO»

CABO KENNEDY, 17 — (R.) — Os astronautas americanos da cápsula «Apolo 7» efectuaram hoje o seu quarto programa de televisão transmitido directamente do espaço e o comandante Walter Schirra deu a milhões de espectadores uma lição de navegação da nave espacial.

No início da emissão os astronautas não apareceram, focando a camara apenas os instrumentos de bordo, enquanto Schirra dava explicações sobre o seu funcionamento e sobre a forma de verificar a altitude a que se encontra a cápsula.

As imagens de hoje não foram tão nítidas como nas anteriores emissões, aparentemente devido a mau funcionamento do equipamento na Terra.

O comandante Schirra também mostrou aos espectadores a zona da cápsula reservada para os astronautas dormirem em sacos-camas devidamente presos para não andarem a flutuar.

«Jornal do Comércio»

Iniciou hoje o 116.º ano de publicação o nosso prezado colega «Jornal do Comércio», decano dos diários de Lisboa.

Ao seu director, sr. dr. Fausto Lopo de Carvalho, e a todos os seus colaboradores apresenta o «Diário de Lisboa» as suas saudações.

Edição da noite

REFORMA DAS FACULDADES DE LETRAS

O «Diário de Lisboa», sempre atento aos problemas do ensino e da educação, entendeu ser oportuno, neste momento promover alguns inquéritos sobre aqueles mesmos problemas, omeadamente sobre os da Universidade, que são dos que se encontram na primeira linha e o Governo parece firmemente disposto a resolver em primeiro lugar.

A confirmar este asserto está o facto de na segunda reunião do novo Conselho de Ministros, como ontem noticiámos, se haver deliberado promover um amplo inquérito, dentro e fora da Universidade, e com vista á Reforma da mesma, há tanto tempo reclamada dos mais diversos sectores. Ora, julgamos que este amplo inquérito que oficialmente se vai promover não prejudica de modo nenhum o interesse e a oportunidade daqueles que entretanto já tínhamos programado — antes pelo contrário, pensamos que estes podem dar alguns válidos e positivos

(Continua na pág. seguinte)

Agitação estudantil em Espanha

(Ler na pág. 11)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

FACULDADES DE LETRAS: O ENSINO EM QUESTÃO

MÉRITOS E INCONVENIENTES DA CHAMADA REFORMA

APRECIADOS PELO PROF. JACINTO DO PRADO COELHO

PROF. PRADO COELHO

(Continuação da pág. anterior)

contributos para ele, dentro de um espírito de diálogo que se quer seja o desta hora.

Assim principiamos hoje a publicar as respostas ao primeiro desses inquéritos, que lançamos imediatamente depois de ser conhecido o teor da (impròpriamente) chamada Reforma das Faculdades de Letras. E dizemos impròpriamente chamada Reforma, porque, de facto, não se trata de uma verdadeira reforma, com tudo que isso implica de repensar as questões essenciais do respectivo ensino, mas de um arranjo ou de uma medida mais ou menos de emergência tendente a resolver alguns problemas imediatos e a criar aquele «segundo nível» do ensino universitário que o prof. dr. Orlando Ribeiro inteligentemente defendeu numa série de importantes artigos publicados nas colunas do nosso jornal e depois reunidos em volume — ou seja, o nível «da preparação simplificada e rápida dos quadros técnicos do ensino.» Por isso, do mesmo passo que se recolhem depoimentos sobre o actual arranjo, pensa-se estar já a dar um contributo para a futura, a verdadeira Reforma, que o espírito lúcido, aberto e atento do actual ministro da Educação Nacional, sr. dr. José Hermano Saraiva, encarará também como necessária.

Por outro lado, depondo sobre as medidas concretas, e ainda restritas, agora tomadas, os nossos entrevistados não deixarão, também, certamente de equacionar os problemas mais amplos que lhe estão subjacentes, a começar pelo da Reforma da Universidade, que com todos se relaciona e entrelaça. Assim, é já, e também, da própria Reforma da Universidade que se fala, ou para que se aponta, num depoimento notável como é este primeiro que hoje publicamos da autoria do sr. dr. Jacinto do Prado Coelho, professor catedrático do curso de Filologia Românica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

«Continuam à espera da verdadeira reforma»

«1. Por enquanto, não são precisamente as Faculdades de Letras que estão de parabéns. E' que a chamada «reforma» que instituiu o bacharelato tinha em vista tão-só (esse pouco!) acudir a um dos mais graves problemas nacionais: o recrutamento de professores para o ensino secundário. Problema de tão urgente solução que, envolvendo o numero e a qualidade dos docentes, obriga a fazer concessões quanto á qualidade para assegurar o numero indispensável. E daí, cumpre reconhecer: talvez nem tudo, no ensino que se fazia nas Faculdades, fosse o melhor aproveitamento do tempo para a formação de bons professores dos liceus e escolas técnicas... A «reforma» (mais propriamente um «arranjo», uma nova arrumação de cadeiras já existentes em função do bacharelato, agora criado, e da licenciatura) não deve, pois, ser julgada por aquilo que não pretendeu ser; continuamos á espera duma verdadeira reforma das Faculdades que, felizmente, se conta entre as primeiras preocupações do actual Governo, e que se integrará na ambicionada reforma total da Universidade portuguesa. Entretanto, e pondo de lado pormenores discutíveis da referida arrumação (fàcilmente sanáveis se se considerar que os meses que vão seguir-se constituem uma fase experimental, após a qual se farão os necessários reajustamentos), a chamada «reforma» tem desde já para nós, professores universitários, o mérito de nos obrigar a um exame de consciência e de nos convidar a pensar muito sèriamente no que é e no que deve ser a Universidade no nosso tempo e no nosso País.

2. Apenas uma observação, em parentesis, atendendo á finalidade do «arranjo» a que se procedeu. Parece-me que ele foi prejudicado por se submeter ao esquema tradicional das licenciaturas em Letras, em que, de momento, se julgou conveniente não tocar. Por exemplo: se não erro muito, os bacharéis em Filologia Germanica, quando professores do ensino secundário, serão mais vezes chamados a ensinar a língua portuguesa (para o que não recebem, na Universidade, qualquer espécie de preparação) do que a ensinar a língua alemã. Não seria mais adequado ás próprias necessidades do ensino secundário oferecer aos alunos três possibilidades: o bacharelato em Inglês e Português, o bacharelato em Inglês e Francês e o bacharelato em Alemão e Português — além do actual bacharelato em Inglês e Alemão?

● Apreensões causadas pela criação do bacharelato

3. A criação do bacharelato e duma licenciatura em novos moldes não pode deixar de causar certas apreensões. Nós, professores universitários (ás vezes um tanto distraídos dos problemas pedagógicos), vamos navegar entre Cila e Caríbdis, temos de evitar com igual cuidado dois perigos reais. Voltamos a sentir agudamente a ambiguidade da função das Faculdades de Letras, que, segundo o texto da reforma de 1957, têm como primeira finalidade «a formação de um escol no domínio das letras e da cultura humanística, em sentido lato», mas que, cada vez mais, tendem a transformar-se em Escolas do Magistério Secundário. Há países em que estas Escolas são distintas das Faculdades. Em Portugal, porém, a duplicação será possível ou até desejável? De qualquer modo, se o que se pretende é preparar, o melhor e mais rápidamente possível, professores do ensino secundário, então devemos renunciar, no bacharelato, a cursos excessivamente monográficos e de minuciosa especialização «desinteressada». Incumbe-nos coordenar a elaboração de programas e a adopção de métodos de acordo com uma visão de conjunto que se preze de realista. Mas outro perigo é manifesto: o de se baixar o nível do ensino universitário de Letras, por se considerar, de modo mais ou menos consciente, a tarefa de fabricar bacharéis menos universitária que a de formar licenciados. Uma coisa é preciso não esquecer: que os professores do ensino secundário que ambicionamos não são apenas «técnicos», mas homens cultos aptos a cultivar, nas suas multiplas facetas, a personalidade dos alunos. Pois como poderia olvidar-se, numa Escola de Humanidade, que o objectivo ultimo, em todos os níveis do ensino, é a formação integral de homens?

● Favorecer o que é vivo e renovador

4. A prometida reforma da Universidade portuguesa terá de basear-se numa revisão longamente meditada da concepção do papel da Universidade numa sociedade moderna e da concepção da pedagogia universitária. Propõe-se o Governo promover um largo inquérito preparatório dentro e fora da Universidade, e só podemos felicitar-nos por esse facto: a Universidade é de todos nós — ou devia ser sentida como tal. Vão defrontar-se opiniões diferentes: cultura desinteressada ou cultura «empenhada»? centralização ou autonomia? politicização ou despolitização? ensino e investigação unidos ou separados? Por mim, creio que se ganharia em sacrificar algum tanto o espírito geométrico, a que presta culto a burocracia, em benefício da variedade, da ductilidade; por outras palavras: em favorecer o que é vivo e renovador em detrimento da uniformidade e do formalismo estagnantes. Nós não temos um verdadeiro Ministério da Educação Nacional — costumava lamentar Delfim Santos, que era o unico catedrático português de Pedagogia; temos, sim, um Ministério de Administração Escolar. Multiplicar especializações, instituir, por exemplo, uma licenciatura em Pedagogia, outra em Psicologia? Sem duvida. E também tornar mais maleáveis os planos de estudos, facultar melhores condições de trabalho, promover menos aulas magistrais e mais pesquisa, mais trabalhos de seminário, mais diálogo, mais estímulos para a iniciativa pessoal e o espírito crítico, ao mesmo tempo que fomentar o espírito de equipa. A minha experiência docente leva-me a ter uma grande confiança na qualidade humana do aluno universitário português.

● Relações entre o ensino e a investigação

5. Não quero terminar sem desenvolver um pouco um dos temas enunciados, que, no fim de contas, se relaciona com as apreensões quanto á pedagogia ao nível do bacharelato. Refiro-me ás relações entre ensino universitário e investigação. Decerto, a investigação deve alimentar continuamente o ensino universitário, e o bom professor universitário será, também, forçosamente, um investigador — ou um criador —, não um simples expositor. Já no século XVIII ponderava Matias Aires, no *Problema de Arquitectura Civil:* «Os mestres que ensinam por obrigação julgam (não sei se bem) que cumprem a sua obrigação ensinando só aquilo de que foram ensinados, e não o que alcançaram por si mesmos». Eu associo a actividade docente á alegria da descoberta e da criação em comum. Sucede, no entanto, que muitos investigadores chamados ao ensino apenas por o serem, se revelam medíocres professores; quando muito úteis no ensino para, episòdicamente, comunicarem em seminários ou colóquios os resultados ou o estado actual das suas pesquisas, com os inerentes problemas de método. É asim desejável distinguir as carreiras de professor e de investigador, embora considerando complementares as suas actividades. E criar em Portugal estruturas, que actualmente quase não existem, para a investigação no domínio das ciências humanas (até hoje, aparentemente, julgadas menos necessárias, por menos rendosas, que as outras). Os problemas do ensino universitário estão, a meu ver estreitamente ligados á falta de organismos anexos á Universidade onde, com continuidade e segurança, não ao sabor da generosidade ocasional dos Planos de Fomento, se realize investigação, com olhos postos predominantemente (mas não exclusivamente), nas realidades nacionais.»

As explosões na Petroquímica foram devidas a fuga de gás

Esta madrugada, as populações da zona de Cabo Ruivo e dos bairros próximos foram alarmados por dois grandes estrondos que, com intervalos de dez minutos, deram desde logo a impressão de tratar-se de explosões. No entanto, como mais nada de anormal se verificasse, os milhares de pessoas que haviam acordado com as fortes detonações voltaram a recolher-se. De manhã, porém, procuraram inteirar-se do sucedido. Alguns dos nossos leitores que residem na zona telefonaram-nos para saber de pormenores.

Houve, de facto, duas fortes explosões na fábrica da Sociedade Portuguesa de Petroquímica, na Avenida Marechal Gomes da Costa. Daquele estabelecimento fabril informaram-nos que, cerca das 3 e 30 de hoje, devido a uma fuga de gás, dois armários de analisadores rebentaram provocando dois grandes estrondos. As explosões não tiveram quaisquer consequências para o funcionamento normal da fábrica. Os armários de chapa ficaram naturalmente destruídos, mas não houve incêndio e foi o pessoal privativo da fábrica que resolveu as sequências da ocorrência.

XVIII CONGRESSO DA LIGA DOS BOMBEIROS:

Portugal tem necessidade de mais batalhões de sapadores

Começaram hoje, de manhã, no recinto da Feira das Indústrias, os trabalhos do XVIII Congresso da Liga dos Bombeiros Portugueses, incluído este ano nas comemorações do centenário dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, que passa precisamente hoje. A mesa do congresso é composta pelos srs. eng.º Russo Belo, presidente, eng.º Albuquerque Barbosa e José Dias Cara Nova, secretários.

A sessão constou da exposição e crítica de três teses: «Aplicação aos corpos de bombeiros municipais de um decreto-lei», pelo major Gedeão, dos Bombeiros Municipais de Coimbra; «Viaturas de combate e sua utilidade em relação ás zonas a que se destinam» pelo comandante Campeão, dos Bombeiros Voluntários de Alenquer; e «Espuma de alta expansão», pelo 2.º comandante Serra e Moura, dos Bombeiros Voluntários de Lisboa.

Estrutura anacrónica do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndio

A exposição destas matérias seguiu-se viva discussão, em que intervieram vários dos 200 participantes no congresso. Das numerosas declarações destacamos aquela em que o sr. major Sérgio Bacelar, comandante dos Bombeiros Voluntários de Leixões, se referiu á estrutura anacrónica do Conselho Nacional dos Serviços de Incêndio, que não correspondem ás exigências actuais e «onde, disse, deviam ter assento representantes dos bombeiros».

Uma maior ajuda ao voluntariato e a necessidade de criação de mais corporações de sapadores (hoje só existem duas, em Lisboa e Porto) foram igualmente focadas com interesse.

Antes de se dar início ao congresso propriamente dito foi descerrada uma fotografia do saudoso bombeiro Francisco Antunes Lopes antigo vice-presidente da Liga organizadora, que faleceu em Março, último, tendo usado então da palavra o presidente da mesma, António Moura e Silva. Hoje, á tarde, os participantes foram recebidos pelo ministro do Interior e pelo Presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

AS TRÊS MENINAS DA TRINIDAD

São três meninas da ilha de Trinidad. Três meninas de um jovem país muito curioso, com 4828 km quadrados de superfície e 800 mil habitantes (brancos de origem francesa, espanhola, portuguesa e inglesa, negros descendentes de escravos, enfim, indianos e chineses).

Pois escreveram-nos todas três, esperançadas em que alguns dos nossos leitores possam querer corresponder-se com elas.

Aqui estão os nomes. Sandra (18 anos), Janice (16) e Marilla Saney (14). Moram na High Street, em Siparia. Acrescentar, p. f. Trinidad, West Indies.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreu em combate em Moçambique, o soldado do recrutamento provincial 72007966, Cheneb Conias Mocumbi.

O NOVO DIRECTOR DE ECONÓMICAS E FINANCEIRAS É HOJE EMPOSSADO

Na reitoria da Universidade Técnica de Lisboa, que funciona no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras realizou-se hoje, ao fim da tarde, o acto de posse do sr. prof. Jacinto Nunes, que é o novo director do I. S. C. E. F.

A posse foi conferida pelo sr. prof. Herculano de Carvalho, reitor da Universidade Técnica, que saudou o novo director. Respondeu o sr. prof. Jacinto Nunes, para agradecer a honra que lhe foi conferida.

Assistiram á cerimónia todos os professores de Ciências Económicas entre os quais dois actuais membros do Governo, os srs. prof. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações, e Costa André, subsecretário de Estado do Tesouro, além de outros que já foram chamados a desempenhar idênticas funções.

O sr. prof. Gonçalves Pereira, director cessante, não assistiu á cerimónia, a conselho do seu médico, em virtude de ter sofrido, recentemente, um enfarte de miocárdio.

QUE É O HOMEM? — I

Por JOEL SERRÃO

QUE É O HOMEM? Que é o homem, esse animal enigmático que se não limita a ser pois se interroga sobre o seu ser, a quem o simples existir não basta pois problematiza, a todo o momento, o sentido da própria existência? Não alimentemos grandes ilusões: não será possível definir homem, **tal como se tratasse de triângulo ou de pinheiro ou de cavalo.**

A razão da dificuldade lógica reside em que só as ideias são passíveis de definição — e o homem não é apenas uma ideia. Quanto a esta, a **ideia** de homem, é-nos impossível o distanciamento lógico, implicado em todo acto de conhecer, entre o sujeito cognoscente e o objecto conhecido. Ao definir **homem,** o homem compromete-se e limita-se, torna-se estranho a si mesmo, desproblematiza-se, ou seja, desumaniza-se. A **ideia** de homem fica, pois, aquém daquilo que **somos.** Mas que somos nós?

Animal racional (ou criador de símbolos, como pretende Cassirer)? Animal social ou político, como queria Aristóteles? Por excelência, animal metafísico e esfíngico? Ou, antes, **homo faber,** para o qual o fazer é a sua marca distintiva? Como isolar, porém, o fazer do pensar e do falar?

A verdade, nebulosamente entrevista, é que ele é **tudo** isso — e **mais** alguma coisa ainda que, implacàvelmente, extravasa de qualquer definição.

A sociabilidade ou a operatividade técnica são, evidentemente, comuns a outras espécies animais, conquanto em níveis diferentes: será necessário lembrar as insignificantes formigas e abelhas ou os castores? A racionalidade, como tal, é sem dúvida uma marca distintiva do comportamento humano, apesar das formas de inteligência detectadas por Koehler em macacos; simplesmente ocorre que a racionalidade não esgota as virtualidades humanas, o mesmo acontecendo com o símbolo, o qual postula *isso* que ele revelaria. Mas que é *isso* que o símbolo tornaria patente? Poderá, acaso, reduzir-se à razão aquilo que o símbolo, pelos ínvios caminhos que são os seus, explicita? A religião e a arte serão, porventura, apenas razão ou, sequer, predomínio da razão? A simples pergunta insinua, como é óbvio, uma resposta claramente negativa.

Seríamos, pois, tentados a reter, nem que seja provisòriamente, a apetência metafísica do enigmático ser que é o homem, desse animal apto a perguntar e em tornar problemática a resposta alcançada, como a sua característica exclusiva. Todavia, algumas dificuldades se erguem, e de monta. Que sabemos nós, em última instância, confinados ao nosso universo humano, das vivências dos «irracionais», que os impelem aos arroubos do canto e do amor, aos sacrifícios da maternidade, aos ímpetos da feroz luta mortal? O conceito de instinto, aliás em revisão, tem-nos servido aí, com excessiva comodidade, para estabelecer limites infranqueáveis... E naquilo que, especificamente, nos toca, será pertinente afirmar-se que *todos* os homens, como tais, são dotados dessa misteriosa apetência metafísica, que seria o sinal mais característico da espécie? Se assim fosse, como explicar esse estranho e permanente divórcio entre os homens-filósofos e os homens comuns? Assim, parece impor-se a dúvida: **se a apetência metafísica é aquilo que a todos nós distingue e individualiza,** nenhumas obras seriam mais populares do que as metafísicas. E são-no? Ou os metafísicos, afinal, não logram corporizar tal apetência? Mas, então, como é que ela se manifesta?

Seríamos tentados ainda a buscar a esquiva essência lógica do fenómeno humano por outras duas vias: a do seu rastro histórico e a da linguagem. Serão, todavia, conclusivas?

É evidente: só o homem é objecto de história, pois, além de estar situado no tempo, o que é comum aos outros animais, ele muda também a ritmos diversos dessoutros que impelem a evolução das espécies. A história humana não é, pois, tão-só um capítulo da história natural: é uma história qualitativamente diversa, isolável, como tal, do contexto da história da vida. Só nós sabemos que evoluímos no tempo, e sabendo-o, e ao sabê-lo, e enquanto o sabemos, instalámo-nos numa comunidade diversa da animal, — a pátria humana. Pátria essa, todavia, que o facto de concluí-la não basta para nos tranquilizar acerca do que ela, inequívocamente, signifique. O enigma mantém-se.

Olhemos para esse rastro humano na poalha esvanescente do tempo definitivamente transcorrido. Que se divisa aí? Sem dúvida, uma penosíssima ascensão à pátria humana (não durou o paleolítico centenas de milhar de anos?), mediante o diálogo entre a mão e a palavra, entre o fazer e o pensar, entre o acto e a ideia. Um animal a desanimalizar-se, entrado em mutação, em conflito consigo mesmo e com o meio. E o suor do trabalho e do esforço; as alegrias do amor, da dança e do canto; a tristeza e a dor da doença, da velhice e da morte; e o furioso e cego desencadear das emoções com o seu cortejo trágico de ódio, de violência, de morte e de guerra. E que fica dele, a atestar a sua especificidade? Os alicerces das cidades sumérias? As pirâmides egípcias? Logo nos acode, ai de nós!, o exemplo das enormes construções das térmitas ou as rochas constituídas por minúsculas conchas de foraminíferos... Tudo detritos, mais ou menos visíveis *ainda,* mas sujeitos a implacável destruição, de algo que para sempre se evolou... Só vagamente se apreende, por essa via, algo da substância humana: detritos que balizam uma evolução, que assinalam as pegadas do movimento humano, nas areias do tempo, enquanto, por outro lado, as termiteiras ou as colmeias de hoje, incessantemente construídas e destruídas, são, pelo menos, da mesma traça das que havia no tempo de Sócrates e de Platão.

Todavia, nem só vestígios dessa natureza atestam o movimento do homem no transcurso histórico. A «Ilíada» e a «Odisseia», a «Divina Comédia», o «Fausto»; o escriba acocorado, a Vitória de Samotrácia, as pinturas de Botticelli; o «Avesta», a «Bíblia», o «Corão», para além do pouco de matéria que são (pergaminho, papiro, papel, pedra, cores, etc.), abrem-nos os portais de algo que não cabe na materialidade do vestígio: a comunidade humana, pressentida na palavra e naquilo que ela encobre ou entremostra, no símbolo, no valor.

É que, além de tudo o mais, o homem é um animal que fala e se exprime pela linguagem lógica ou estética. Que fala porque pensa e pensa porque fala. E esta sua condição distingue-o, radicalmente, das outras espécies animais: como ensina Cassirer, «a diferença entre a *linguagem proposicional* e a *linguagem emotiva* representa a verdadeira fronteira entre o mundo humano e o animal».

Nota do dia

SOMOS TODOS INTERESSADOS

A RELATIVA PORMENORIZAÇÃO do comunicado sobre a reunião de anteontem do Conselho de Ministros **have**mos de a entender também como sinal de um estilo em que é possível vislumbrar simultâneamente o método e as intenções; não só se especifica, onde é possível, o sumário do que se tratou, como se dá conta de um esforço no sentido de revelar, até onde o permite a própria natureza dos assuntos focados, a orientação escolhida.

Julgamos de sublinhar estas circunstâncias na medida em que nos parece conter-se nelas o desejo, por parte do Governo, de manter o País informado do trabalho e das intenções da Administração. Parece-nos possível, com efeito, entender nisto dois pontos principais. Por um lado, verifica-se o reconhecimento do que é a singular posição de um governo, qualquer que ele seja, pois que o Governo — passe o verbo que é susceptível de discussão mas simplifica a linha do que se pretende dizer —, pois que o Governo manda em nome de quem é mandado. Por outro lado, não é apenas o que possa entender-se como desejo ou propósito de ir dando contas, mas parece-nos que, mais profundamente que isso, está aí implícito o que pode valer como contribuição útil para que se ganhe correntemente consciência do que é a coisa pública.

Este segundo ponto deve entender-se, parece-nos, como particularmente importante. O Governo (qualquer governo) não pode trabalhar, não conseguirá trabalhar com a consciência de o fazer ùtilmente permanecendo em circuito fechado. Dispõe certamente dos poderes para a iniciativa da decisão, mas se o fizesse em abstracto, sem ter em conta que as normas a decidir se destinam a regular as relações entre os cidadãos, as obrigações e os direitos dos cidadãos, ignorando a própria condição da cidadania, como haveria de esperar-se delas o acatamento sistemático e consciente?

O Governo eleva-se, valoriza-se e ganha autoridade na medida em que elevar e valorizar a condição dos cidadãos. Com cidadãos abúlicos, desinteressados, desatentos — passivos, afinal — o Governo (qualquer governo) isola-se e abstrai-se. Pelo contrário, a comunicação útil e oportuna, a chamada de atenção dos interessados, que somos todos nós, para o que é o seu próprio interesse, desperta o gosto salutar da cidadania e contribui para eliminar o fosso entre governantes e governados.

Aviso do «Osservatore Romano» aos católicos de esquerda

ROMA — Outubro — **(De um correspondente particular)** — Durante um congresso em Reggio-Emilia, os **grupos espontâneos,** onde se manifestam os círculos e as revistas dos **católicos dissidentes,** lançaram as bases das **assembleias de trabalho político** que devem, através de todo o país, definir os acordos de uma nova esquerda.

Perante o desenvolvimento da discussão entre os católicos italianos, o «Osservatore Romano» fez uma prevenção, numa breve nota não assinada, publicada no local mais representativo do jornal. Respondendo á acusação de «tendência moderadora» feita pelos grupos da oposição interna nas comunidades eclesiásticas, sociais e políticas, o jornal da Santa Sé recorda que os responsáveis não podem **deixar de seguir uma linha equilibrada entre os diversos interesses opostos e concretos, nem entregar-se a uma acção utópica a uma palavra destemperada ou exasperante».**

«Não se deve confundir — diz o «Osservatore Romano» — o aspecto concreto, positivo e, por conseguinte, delimitado duma maneira de agir responsável com a moderação derrotista e imobilista. São em geral os acusadores desta pretensa «moderação» quem, quer queiram quer não, concordam com os métodos e as forças que condiciona enormemente as suas veleidades de audácia, obrigando-os a marcar passo, até á renuncia

(Continua na pág. seguinte)

RECTÂNGULOS DA VIDA

A ESTRELA DA MANHÃ

por MARIA JUDITE DE CARVALHO

E eis-nos neste dia de hoje que nunca mais volta a repetir-se. É um dia baço, aparentemente vulgar, igual a todos os dias em que nada por nada ser acontece. Acordámos, comemos, trabalhámos, logo deitar-nos-emos para dormir, depois de ver um pouco de televisão ou de ter ido ao cinema. Coisas vulgares que todos os dias se repetem. Qual! Que nunca se repetem porque cada momento é diferente e tem, por assim dizer, a sua impressão digital. Então o dia de hoje, este dia que vamos esquecer, que já começámos a esquecer, foi único.

As coisas que aconteceram neste 13 de Outubro! Três africanos, por exemplo, (um abexim; um tunisino e um queniano) ganharam medalas nos Jogos Olímpicos; e o Duque chegou ao México pilotando um avião real; e uma mulher, em Lisboa, abandonou um filho; e Smith, na Rodésia, disse que na sua geração, nunca!; e um sismo destruiu uma povoação não sei onde mas era longe como tudo; e o filho de Kennedy ia nascer; e... e... Meu Deus, tanta coisa num só dia aparentemente igual a todos os outros dias!

E eis ainda que, agora me recordo, três americanos constipados andaram pelo cosmos a assoar-se e a contar as estrelas. E cá em baixo, na Terra, do outro lado do mar, morreu um grande poeta que em tempos desejara ardentemente possuir a estrela da manhã, e que pedira a amigos e inimigos que lha fossem buscar. «Digam que sou um homem sem orgulho/ Um homem que aceita tudo/ Que me importa?/ Eu quero a estrela da manhã.»

Quantas estrelas terão contado Schirra e os seus companheiros, lá em cima, constipados? E a estrela da manhã estaria onde sempre morou, ou teria descido ao Rio de Janeiro a fim de velar o velho poeta morto?

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

O BEM-ESTAR SOCIAL FAZ PARTE DA SAÚDE

— diz uma informação da O. M. S.

«O médico de hoje sabe que a Medicina não é apenas uma ciência biológica, mas também uma ciência social, e que os remédios sociais podem ser menos onerosos e mais eficazes que os remédios biológicos», afirmou o director-geral da Organização Mundial de Saude, dr. Candau, na sua alocução á Comissão Regional da Europa, reunida nos ultimos dias de Setembro em Varna, Bulgária.

«No decorrer dos ultimos vinte anos», disse também o dr. Candau, «as ciências e a tecnologia progrediram rápidadamente e criaram a necessidade de adquirir, em ritmo constante, novos conhecimentos, de penetrar pela investigação nos segredos da natureza e de aplicar os conhecimentos adquiridos para o bem comum». Quanto á Europa, foi aquele especialista de opinião que «deve desempenhar um papel importante no progresso das outras regiões».

A Comissão Regional da Europa esteve reunida sob a presidência do ministro bulgaro da Saude e Previdência Social, dr. V. Kalajdziev. Foram eleitos quatro novos dirigentes: os vice-presidentes dr.ª Esther Amundsen (Dinamarca) e dr. L. Faradi (Hungria), e os relatores dr. O. Chepine (Russia) e dr. J. de Coninck (Bélgica).

O que é a saúde

Durante os trabalhos da Comissão Regional estiveram em discussão outros problemas, como o da profilaxia das doenças cardiovasculares (que ainda não suscitou a atenção que merece) e o dos programas da saúde mental da infancia (a reavaliar nos próximos anos).

Mas o tema dominante foi, de facto, o papel do médico. «Estamos no limiar de uma nova era em que a acção médico-social completa deverá ser produto de um trabalho de equipa», disse «Sir» Max Rosenheim, que precisou também: «O médico de amanhã há-de ser levado, por formação, a reconhecer a individualidade do doente e identificar simultaneamente as suas perturbações psicológicas e físicas. Continuando apto a recorrer, se necessário, aos milagres da ciência moderna, o médico deverá servir-se sempre da sua personalidade própria e da sua compreensão para ajudar os doentes a atingir esse estado de completo bem-estar físico, mental e social que se chama saúde.»

DA DILIGÊNCIA AO JACTO

Viagem TAP oferecida ao cliente pioneiro da aviação comercial

A propósito da evocativa dos primórdios da aviação comercial no nosso País (ontem feita no nosso jornal pelo sr. Alberto de Azevedo) e do que sugeríamos, a TAP decidiu oferecer áquele nosso leitor uma viagem Porto-Lisboa-Porto, num dos seus modernos jactos.

Assim, o milésimo passageiro da Aero Portuguesa, cliente pioneiro das carreiras aéreas no final dos anos 30, que nunca tinha voado num avião a jacto, vai ter oportunidade de o fazer.

O sr. Alberto de Azevedo, que conta actualmente 72 anos utilizou todos os meios de transporte, desde as diligências aos aviões de motor convencional. Terá agora ensejo de apreciar as vantagens do enorme progresso operdo nos transportes aéreos portugueses. Estamos certos de que então, terá um suspiro de saudade por aqueles *bons velhos tempos* em que saltitava entre Lisboa e Casablanc (e vice-versa) no célebre aparelho da Aero Portuguesa, então classificado por uma famosa jornalista como «a cafeteir que voa como um aeroplano».

Aquele nosso prezado leitor, se quiser utilizar a oferta graciosa da T. A. P. poderá contactar com a delegação da companhia no Porto, que já recebeu instruções no sentido de lhe proporcionar a viabem indicada.

MÁ RECEPÇÃO DA TV EM SANTIAGO DO CACÉM

SANTIAGO DO CACÉM, 17 — Reina geral descontentamento nesta localidade pela má recepção da TV, através do retransmissor aqui montado.

Diz-se que os próprios técnicos da R. T. P. estão embaraçados com o material de que dispõem. O retransmissor é velho? Não reune as condições necessárias para satisfazer?

Sabe-se apenas que a população desta localidade, privada do Canal 7 que lhe dava uma imagem em condições satisfatórias, nem sequer os Jogos Olímpicos pode ver, em virtude do agravamento das deficiências surgidas com o canal 9.

Além do mais, deve acentuar-se que os alunos da Telescola não podem ser prejudicados nos seus estudos.

Mas até o negócio de televisores tem sido afectado, porque o público se desinteressou já quase completamente da Televisão.

AVISO DO «OSSERVATORE ROMANO»

(Continuação da pág. anterior)

no caminho traçado pelo seu ideal de partida. Não se deve confundir a moderação com o realismo, nem ver no realismo preguiça ou cobardia na acção. Mas deve reconhecer-se, e na altura exigi-lo, o esforço tenso e vigilante para um aperfeiçoamento progressivo do querer e do agir.»

Ainda que publicado no órgão da Santa Sé, este texto não se destina a responder ás críticas feitas á Igreja, se bem que nada impeça que se interprete neste sentido. Constitui um esclarecimento dirigido aos círculos políticos italianos, uma defesa bastante clara da democracia cristã e da fórmula «centro-esquerda moderado», recentemente muito maltratadas pelos participantes nas semanas sociais católicas de Catania. O Osservatore Romano» avisa, em suma, os católicos cujo descontentamento intempestivo lhes faz correr o risco de serem joguetes dos comunistas (e mesmo dos socialistas de esquerda) e apela para que os promotores do próximo gabinete centro-esquerda manifestem um «realismo mais vigoroso.

J. N.

Convenção relativa ao comércio de trigo

Através do Ministério dos Negócios Estrangeiros foi aprovada, para ratificação, a Convenção Relativa ao Comércio de Trigo, aberta á assinatura em Washington de 15 do corrente a 30 de Novembro do presente ano.

Esta Convenção tem por objectivo assegurar fornecimentos de trigo e farinha de trigo aos países importadores, bem assim mercados para o trigo e farinha de trigo dos países exportadores, a preços equitativos e estáveis; fomentar o desenvolvimento do comércio internacional do trigo e farinha de trigo; e favorecer, de uma maneira genérica, a cooperação internacional no que se refere aos problemas mundiais do trigo, tendo em conta as relações que existem entre o comércio do trigo e a estabilidade económica dos mercados de outros produtos agrícolas.

NÚCLEO DE ANTIGOS ALUNOS DO ATENEU

A direcção do Nucleo dos Antigos Alunos da Escola do Ateneu convida todos os antigos colegas a assistirem á sessão solene comemorativa do 15.º aniversário, que se realiza na sala Loureiro Botas, daquele estabelecimento amanhã ás 19 horas.

Haverá distribuição de prémios aos alunos mais classificados no ano transacto.

VOCABULÁRIO DO FRANCÊS FUNDAMENTAL

e de iniciação na crítica e na explicação literária

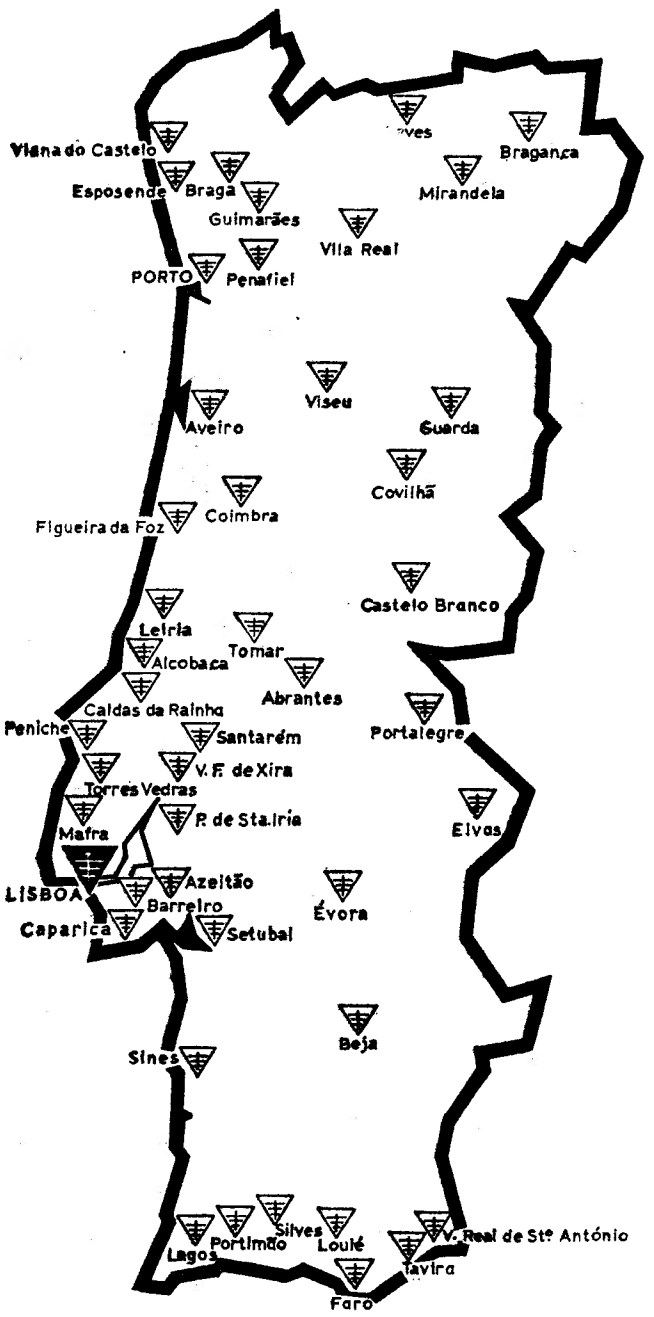
AS 3.300 PALAVRAS ESSENCIAIS DA LINGUA FRANCESA

pelo Prof. Fernando V. Peixoto da Fonseca

Volume de 136 páginas: 25$00

LIVRARIA BERTRAND

Portugal de lés-a-lés conhece o fabuloso JUNKERS-68 que...



JUNKERS

SILVEIRA & SILVA, L.da

...PARA FUNCIONAR NÃO NECESSITA DE FÓSFOROS

CARREGA-SE NO BOTÃO E...

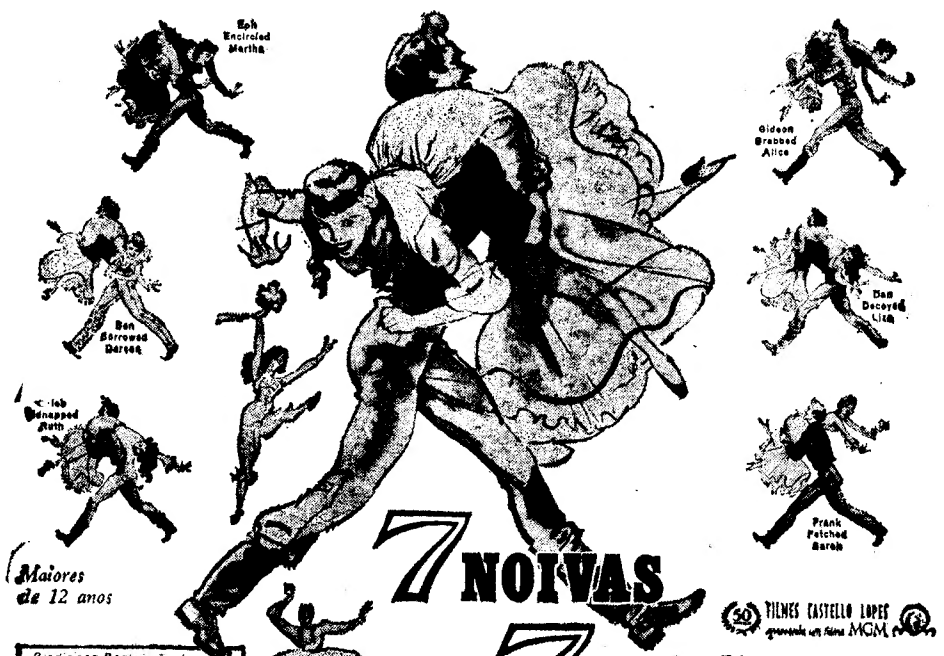
COM A MAIOR SEGURANÇA E MÍNIMO CONSUMO FICA-SE COM A MÁXIMA TEMPERATURA

UM FILME PARA TODA A FAMILIA

ESTREIA SENSACIONAL EM

70 m/m

E NA GRANDEZA INIGUALÁVEL DO SEU SOM ESTEREOFÓNICO TOTAL!



Maiores de 12 anos

7 NOIVAS PARA 7 IRMÃOS

(SEVEN BRIDES FOR SEVEN BROTHERS)

FILMES CASTELLO LOPES apresenta um filme MGM

Prodigiosa Realização de STANLEY DONEN

Com JANE POWELL · HOWARD KEEL e JEFF RICHARDS · RUSS TAMBLYN · TOMMY RALL

Argumento de ALBERT HACKETT & FRANCES GOODRICH e DOROTHY KINGSLEY — Baseado na novela de STEPHEN VINCENT BENET — Versos de JOHNNY MERCER — Música de GENE de PAUL

AMANHÃ no CONDES

DELICIOSO, ADORÁVEL, INESQUECÍVEL!

NUNCA 3 HOMENS LUTARAM, BATERAM E MATARAM COM TANTA FORÇA, AUDÁCIA E AGILIDADE!

O MAIS AUDACIOSO E ESPECTACULAR FILME DE AVENTURAS!

2.ª SEMANA

AVIS

ADULTOS

DOPERFILME

OS 3 SUPER-HOMENS

com TONY KENDALL — BRAD HARRIS — NIC JORDAN

GLÓRIA PAUL

EASTMANCOLOR

«OH, QUE DELÍCIA DE COISA»

HOJE, 2 SESSÕES: ÁS 21 E ÁS 23 HORAS — ADULTOS

ÚLTIMOS DIAS

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET

o mais moderno e confortável de lisboa

POR COMPROMISSOS ASSUMIDOS ESTE GRANDE ESPECTÁCULO, APÓS 5 MESES DE ÊXITO, DESPEDE-SE DE LISBOA EM 22, PARA ESTREAR NO PORTO NO DIA 25, COM

RAUL SOLNADO

SEXTA ● SÁBADO ● DOMINGO ÀS 18.30 H.

RICARDO BANDEIRA

EM

«AUTOBIOGRAFIA PRECOCE» DE EVTUCHENCO ● (12 ANOS)

AS ESTREIAS DE HOJE

No Politeama

Título em português — «O Sargento Ryker».
Produção — Americana.
Realização — Buzz Kulik
Intérpretes — Lee Marvin, Bradford Dillman, Vera Miles, Peter Graves e Lloyd Nolan
Género — Aventura.
Distribuição — Universal.
Processo — Colorido.
Classificação — 12 anos.

Atrás do reposteiro

- *Parece provável que a revista de «music-hall» «Click, já está» venha a subir á cena no Monumental e não no Variedades, como inicialmente chegou a estar previsto.*
- *A ser assim passaria para este teatro a fantasia «Lisboa é sempre mulher», que no início do próximo ano deve ser apresentada no Porto.*
- *A cantadeira Zélia Lopes foi convidada para desempenhar o papel de atracção nacional da nova revista do teatro ABC.*
- *O novo teatro Laura Alves deve ser inaugurado com a comédia «O jovem mentiroso».*
- *Amália Rodrigues declinou um convite para reaparecer num próximo espectáculo teatral.*

MONTIJO

Maiores 6 anos

Domingo, 20, às 17 h.

SENSACIONAL FESTIVAL TAURINO

6 Toiros de Lima Monteiro e dr. José Manuel Andrade para os distintos cavaleiros

MANUEL CONDE

J. MESTRE BAPTISTA

JOSÉ LUPI

e o Rejoneador Espanhol

D. GREGÓRIO MORENO PIDAL

2 Grupos de Forcados

Amadores de Lisboa e Amadores do Montijo capitaneados, pelos Ex.mos Srs. Nuno Salvação Barreto e António Sécio

PREÇOS — Sol desde 20$00 — Sombra desde 50$00

Bilhetes á venda — Agência ABEP — Tel. 328823 — Montijo — Tel. 230235

COLISEU HOJE às 21.30

(Maiores de 12 anos)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

Atracções de categoria

PALHAÇOS

SÓ ATÉ DOMINGO

SÁBADO

À TARDE — entrada gratuita ás crianças até 10 anos

À NOITE — maiores de 6 anos

ALMOCE E JANTE NO CIRCUITO

Av. Casal Ribeiro, 17-A

SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK

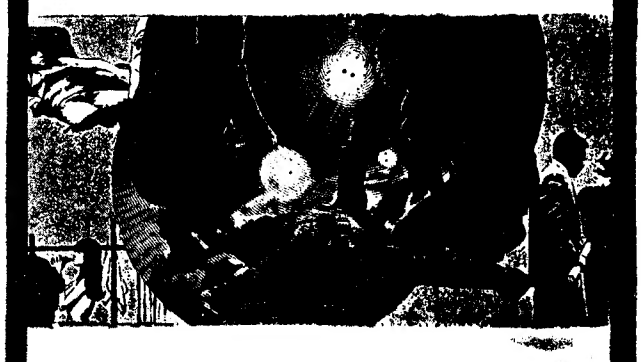
MAIS DE 43.000 ESPECTADORES NAS DUAS PRIMEIRAS SEMANAS ATESTAM O INVULGAR MÉRITO DA ESPANTOSA REALIZAÇÃO DE NORMAN JEWISSON

NO CALOR DA NOITE

IN THE HEAT OF THE NIGHT

COM

ROD STEIGER · SIDNEY POITIER



E COM INSOFISMÁVEL SUCESSO ENTRA EM

3.ª SEMANA

ESTA NOTABILÍSSIMA OBRA DE CINEMA

CLASSIFICADA PELA ACADEMIA DE HOLLYWOOD, COMO O

MELHOR FILME DO ANO

E DISTINGUIDA AINDA COM OS «OSCARS» PARA

MELHOR ACTOR ROD STEIGER / MELHOR ARGUMENTO / MELHOR SOM / MELHOR MONTAGEM

United Artists

Adultos

NOTÍCIAS DAS VEDETAS DO DISCO

Dyana Ross prepara-se para abandonar o conjunto «Les Supremes», o que é sensação nos tablados musicais da América do Norte.

●

«Bill Board», a revista especializada em temas discófilos, efectuou um resumo dos cançonetistas «soul» de maior projecção mundial. A lista ficou assim constituída: Aretha Franklim, James Brow, The Templations, Otis Reding, Marvin Gaee, Tamy Terrell, The Impression, Smokey Robinson, Wilson Pickett, The Delfines e em décimo lugar, Ladys Knight, Sam & Dave, (13.º) Dionne Warwick (7.ª) Prey Sletge (25.º), Ray Charles (26º.), The Four Tops (33.º) e Stevie Wonder (em quadragésimo» estão ainda na classificação.

●

A cançonetista de cor Shirley Bassey casou-se em Las Vegas, com um jovem de Trieste que conheceu no passado mês de Maio.

●

Alain Delon firmou contrato com a «Barclay» para 3 discos de 45 rotações e um de 33 rpm.

JEANNE MOREAU – NOVA FACETA ARTÍSTICA

Jeanne Moreau também aceita o disco como nova fonte de proventos: ganhou o Prémio da Academia Nacional Francesa do Disco com as composições «Enervas-me» e «Nunca disse que te amaria para sempre»

Georgie Fame vem ao Monumental

Georgie Fame é um caso de invulgar popularidade, ascendendo vertiginosamente a figura de primeiro plano no mundo do «music-hall».

Quando actuou, em 20 de Abril, no Royal Festival Hall de Londres, na presença da família real inglesa, acompanhado pela famosa orquestra norte-americana de Count Basil, obteve as maiores honras que um artista do género pode alcançar. Georgie Fame estará no Monumental, na próxima terça-feira, às 18 e 30. Terá a válida colaboração do Quinteto Académico + 2.

VIDA MUSICAL

Concerto no Pavilhão dos Desportos

Sob a regência do maestro Joly Braga Santos, a Orquestra Filarmónica de Lisboa, com a colaboração da pianista Florinda Santos, apresenta-se, hoje, no Pavilhão dos Desportos, em nova audição integrada na temporada cultural de iniciativa do Município.

O concerto, com entradas livres, principia ás 21 e 45. Preenchem o programa «Rosamunda» de Schubert; «Concerto n. 4», de Beethoven, para piano e orquestra e «Sinfonia n.º 2» de Joly Braga Santos.

PIANOS

Verticais e de Cauda

Alugam-se

CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA, & C.ª

RUA DO CARMO

● VALE MAIS TARDE, QUE NUNCA...

FINALMENTE LISBOA TEM... UMA ESPLÊNDIDA REVISTA:

GRANDE POETA É O ZÉ!

O sensacional êxito de gargalhada do

● MARIA VITÓRIA ●

COM

● SALVADOR ● VIANA ● MARIEMA

MAX ● ANITA ● DÓRA ● VÍTOR MENDES

e a formosa atracção

BRIGITTE ST. JOHN

● Todas as noites às 20.45 e 23 horas O ESPECTÁCULO ONDE LISBOA SE DIVERTE!

ADULTOS

Dora Leal na «Cigana Dora»

MONUMENTAL

HOJE — 2 SESSÕES 20.45 e 23 H. T. 555133 (Adultos)

VASCO MORGADO apresenta UMA FABULOSA REVISTA com

CAMILO — FLORBELA NICOLAU

M.ª ADELINA ● OCTAVIO DE MATOS ● YOLA ● LINDA SILVA ● MARIA ALVIM

e as atracções

21.ª M.ª TERESA QUINTA VUM-VUM ● UM BALLET INTERNACIONAL

SEMANA

DOMINGO, A TARDE, AS 16 H.

Depois do espectáculo vá ao PORÃO DA NAU (Maiores de 7 anos) e frequente «O CONVÉS»

HOJE, às 21.45 h. (Adultos)

67.ª SEMANA

NO TEATRO T 32 60 37

VARIEDADES

ULTIMAS REPRESENTAÇÕES

LAURA ALVES em

A FLOR DO CACTO

com PAULO RENATO ● CARLOS J. TEIXEIRA ● ALINA VAZ ● ÂNGELA RIBEIRO ● ALEXANDRE VIEIRA ● ALDA PINTO ● NORBERTO DE SOUSA ● encenação de SANTOS CARVALHO

Um espectáculo de VASCO MORGADO

DUAS HORAS DE RISO TOTAL E FELIZ

HERÓI... OU TRAIDOR?

SÓ SUA MULHER O PODERIA SALVAR, MAS ELA AMAVA OUTRO HOMEM!...

O EXTRAORDINÁRIO

LEE MARVIN

COLORIDO NUM FILME EXCEPCIONAL

O SARGENTO RYKER

BRADFORD DILLMAN ● VERA MILES ● PETER GRAVES ● LLOYD NOLAN

Argumento de SEELEG LESTER e WILLIAM D. GORDON ● Produção de FRANK TELFORD

Realização de BUZZ KULIK

HOJE

SENSACIONALISSIMA ESTREIA

UM FILME DA UNIVERSAL — SONORO-FILME

MAIORES DE 12 ANOS

POLITEAMA

Varanda do Chanceler

Restaurante

HOJE À NOITE SALA RESERVADA

CINEMA LUMIAR

O MAIS CONFORTÁVEL E ELEGANTE DE LISBOA

AR CONDICIONADO

ESTACIONAMENTO PRIVATIVO

ESTREIA SENSACIONAL

ESTA MAGNÍFICA SALA DE ESPECTÁCULOS ABRE AS SUAS PORTAS AO PÚBLICO NO DIA 31 DE OUTUBRO, ÀS 21.30 H.

O FILME DE ESTREIA SERÁ OPORTUNAMENTE ANUNCIADO

AS BILHETEIRAS ESTÃO ABERTAS A PARTIR DO DIA 28 DE OUTUBRO, NA CALÇADA DE CARRICHE

MAGNÍFICOS ANDARES

ÀS PORTAS DE LISBOA — ALGÉS

Junto à Praça de Touros e ao mercado, boa vista de mar, 4 e 5 amplas assoalhadas, cozinha, casas de banho, despensa, roupeiros, etc. Acabamentos de 1.ª qualidade. Visite um andar modelo. Temos uma solução para cada cliente.

LOTES 90 — 130 — 131

AVENIDA PRINCIPAL DE MIRAFLORES

S. P. O. C. — SOC. PORTUGUESA DE OBRAS E CONSTRUÇÕES, LDA. — Telefs. 21 22 88 - 21 31 02

VISITA DO CONJUNTO HONNER

AVEIRO, 17 — Depois do extraordinário êxito alcançado, no ano findo, quando se apresentou nesta cidade, o conjunto electrónico Honner, da Alemanha, torna a voltar a Aveiro. A receita do espectáculo, cuja data ainda não foi fixada, reverterá a favor de uma colectividade citadina

ESTREIAS PARA 1968/69

XII

Prosseguindo na apresentação das listas anunciadas pelas distribuidoras portuguesas e relativas à temporada cinematográfica de 1968/69 agora inaugurada, publicamos hoje um novo programa, este divulgado pela **Twenthy Century Fox**. Entre os títulos previstos, cumpre destacar:

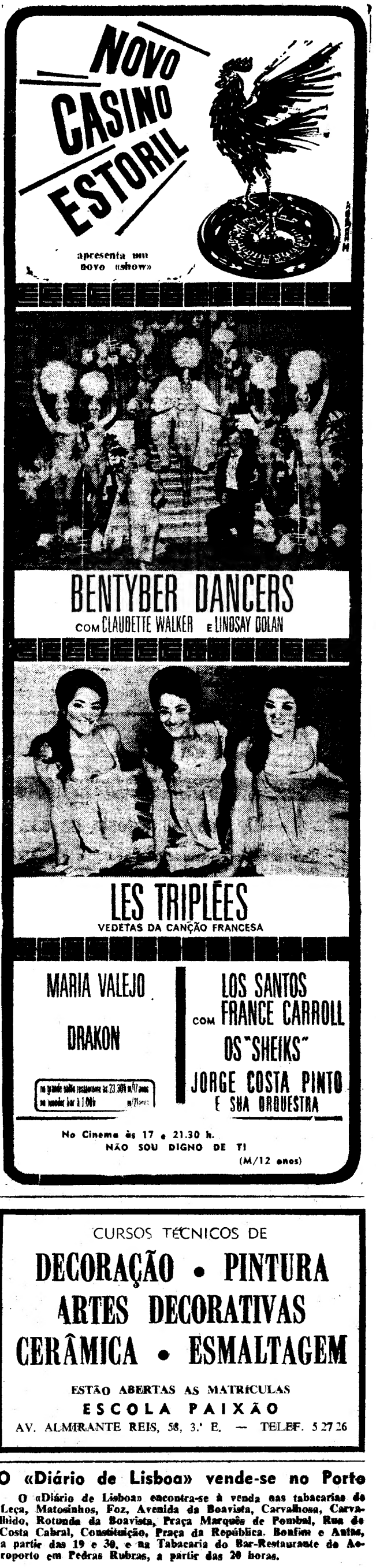
— **JE T'AIME, JE T'AIME** (Eu Amo-te, Eu Amo-te), de Alain Resnais, com Claude Rich, Olga Picot e Bernard Fresson.
— **JUSTINE** (Justine), de Joseph Strick, com Anouk Aimee, Michael York e Dirk Bogard.
— **LADY IN CEMENT** (Uma Mulher no Cimento), de Gordon Douglas, com Frank Sinatra Raquel Welch e Dan Blocker.
— **UN SOIR, UN TRAIN** (Laços Eternos), de Jean Delvaux, com Anouk Aimee Yves Montand e Adriana Bogdan.
— **THE BOSTON STRANGLER** (O Estrangulador de Boston), de Richard Fleischer, com Tony Curtis, Henry Fonda e George Kennedy.
— **LE GRAND AMOUR** (Um Grande Amor), de Pierre Etaix, com Pierre Etaix Annie Fratellini e Nicole Calfan.
— **100 RIFLES** (100 Armas ao Sol), de Tom Gries, com Jim Brown e Raquel Welch.
— **STAR** (A Estrela), de Robert Wise, com Julie Andrews, Richard Crenna e Michael Craig.
— **BANDOLERO** (Bandolero), de Andrew V. McLaglen, com James Stewart, Raquel Welch, Dean Martin e George Kennedy (já estreado).

A mesma distribuidora anuncia ainda:

— **A FLEA IN HER EAR** (Com a Pedra no Sapato), de Jacques Charon; — **THE MAGUS** (Jogo Perverso), de Guy Green; — **THE CHAIRMAN** (Missão na China Vermelha), de J. Lee Thompson; — **HARD CONTRACT** (O Preço de uma Vida), de S. Lee Pogostin; — **BUTCH CASSIDY & SUNDANCE KID** (Aliança de Ferro), de George Roy Hill; — **PRETTY POISON** (Doce Veneno), de Noel Black; — **DECLINE AND FALL** (Escorregar e Cair), de John Kirsh; — **THE GREAT SILENCE** (O Grande Silêncio), de Sergio Corbucci; — **LEGEND OF CUSTER** (Os Bravos não Morrem), de Norman Foster; — **THE LOST CONTINENT** (O Continente Perdido), de Michael Carreras

Entre as reposições previstas veremos:

— **A VIDA É UM JOGO** (The Hustler), de Rober Rossen; — **A TERRA DAS MIL AVENTURAS** (Nort to Alaska), de Henry Hathaway, e **O DIA MAIS LONGO** (The Longest Day) de David F. Zanuck



RECINTOS DE DIVERSÕES

* Deixou de fazer parte do elenco do restaurante típico «Mil e Um» a artista Alice de Aguiar.

* Tem sentido ligeiras melhoras o cantador Moisés Campelos.

* Regressou da Madeira a artista Fernanda Silva.

* O cantador Julio Peres gravou recentemente as seguintes composições: «Encontro com a saudade», «A mais linda mulher», «Oh minha mãe, minha amada» e «Cabelo branco». Foi acompanhado pelos guitarristas Carlos Gonçalves e Julio Gomes.

* Está a actuar no «Timpanas» a cantadeira Emília Reis.

* Regressou ao elenco da «Viela» a artista Maria José Ramos

«O LEÃO DA ESTRELA» NA ESTUFA FRIA

Da parceria constituída pelos saudosos autores Ernesto Rodrigues, Félix Rodrigues e João Bastos, foi escolhida a comédia em 3 actos «O Leão da Estrela» para fecho da temporada de representações mensais na Estufa Fria pela Companhia de Teatro Popular, dirigida pelo actor Augusto de Figueiredo. A partir de amanhã, e durante dez noites, a engraçadíssima peça, dirigida e ensaiada pelo director do conjunto, voltará a deliciar o público da cidade, pois o assunto, pela graça, pelo arranjo cénico e pela originalidade do entrecho, continua a ter a maior actualidade.

A distribuição gratuita de bilhetes principia amanhã, das 18 às 20 horas, nos Restauradores.

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

S. A. R. L.

Avenida Infante Santo, 2 — Lisboa

OBRIGAÇÕES 6 %, 1968 — SÉRIE II

75 MIL CONTOS

RATEIO

A subscrição excedeu o valor do empréstimo pelo que há necessidade de proceder a rateio. Nestes termos, as obrigações subscritas serão atribuídas aos senhores obrigacionistas na seguinte proporção:

N.º DE OBRIGAÇÕES SUBSCRITAS	PERCENTAGEM ATRIBUÍDA (Arredondamento por defeito)
1 a 30	100 %
31 a 100	90 % com um mínimo de 30
101 a 1.000	67 % com um mínimo de 90
1.001 a 2.000	45 %, com um mínimo de 670
Acima de 2.000	36.8039 %

Os senhores subscritores poderão receber as importâncias correspondentes às obrigações não atribuídas nos locais de subscrição, a partir do dia 22 do corrente.

A troca das declarações de depósito pelos títulos definitivos far-se-á no mais curto espaço de tempo possível.

Lisboa, 17 de Outubro de 1968

O Presidente do Conselho de Administração

Jorge de Mello

CURSOS TÉCNICOS DE

DECORAÇÃO • PINTURA
ARTES DECORATIVAS
CERÂMICA • ESMALTAGEM

ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

ESCOLA PAIXÃO

AV. ALMIRANTE REIS, 58, 3.º E. — TELEF. 5 27 26

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Anjos, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» do dia 17 de Outubro de 1938 publicava:

«O comerciante Benito Adolfo Rodrigues Gonzalez, residente na Calçada de Santo André, atirou para o rua uma batata quente que atingiu na cara Juvenal, de 13 anos, que passava por ali na ocasião. A mãe do pequeno, Alda Silva Castelar, apresentou queixa á P. I. C. sendo encarregado das investigações o agente Vasconcelos. O peque no foi observado no Instituto de Medicina Legal, tendo os médicos peritos constantado que as queimaduras o impossibilitavam de trabalhar durante 10 dias».

Abertura das aulas no Colégio Militar

Com a presença do sr. almirante Américo Thomaz, realiza-se no próximo dia 24, ás 15 horas, a sessão solene de abertura do ano lectivo do Colégio Militar, na qual se integram outras cerimónias, como consta do seguinte programa: 15 horas, chegada do sr. Presidente da Republica; 15 e 10, desfile do Batalhão Colegial; 15 e 20, apresentação de cumprimentos ao Chefe do Estado, na biblioteca, pelos oficiais e professores do Colégio; 15 e 40, sessão solene no ginásio, com alocução pelo brigadeiro-director; lição inaugural, pelo professor dr. António Esteves Gomes, que versará o tema «Enlace da Matemática com a Cibernética: implicações globais no ensino e na vida social» e, por último, distribuição de prémios.

Semana inesquecível a bordo do «Angola» num cruzeiro da C. N. N.

Prosseguindo na sua louvável política de proporcionar a possibilidade de férias no mar aos menos abastados, a Companhia Nacional de Navegação organizou mais um cruzeiro, a bordo do seu paquete «Angola», que largará do Tejo no próximo dia 24, ás 9 horas, regressando a Lisboa na manhã do dia 30. Assim, este cruzeiro — que foi idealizado em conformidade com a legenda «Conheça, Viva, Realize-se» — proporcionará aos passageiros do «Angola» sete dias de vida a bordo, com todos os atractivos inerentes, além da possibilidade de visitar Palma de Maiorca, Ceuta, Tetuan e Tânger. No primeiro ponto de escala, haverá uma excursão a Porto Cristo, com passagem por Manacor (célebre pelas suas pérolas) e visita ás maravilhosas Cuevas del Drach, sobrando ainda tempo para admirar as belezas da principal cidade da cosmopolita ilha do Mediterrâneo. Em Ceuta, os participantes no cruzeiro terão possibilidade, após percorrer a cidade, de partir em autocarro para Tetuan e daqui para Tânger, de onde o «Angola» largará de rumo a Lisboa.

Minuciosa e conscientemente planeado, este cruzeiro proporciona uma semana de agradável repouso, somado ao interesse indiscutível dos pontos de escala, quer sob o ponto de vista turístico, quer no aspecto cultural, acrescido ainda da faceta sentimental que lhe advém da inclusão de Ceuta no roteiro da viagem.

CURSOS DE OFICIAIS E SARGENTOS MILICIANOS

As autoridades militares solicitam-nos informemos todos os indivíduos qualificados para a frequência dos Cursos de Oficiais e Sargentos Milicianos de que no ano de 1969, realizar-se-ão quatro turnos de incorporação, a saber: 1.º, 8 Janeiro; 2.º, 21 Abril; 3.º, 14 Julho; 4.º, 6 Outubro.

Os recrutas que aguardam a incorporação em 1969 podem declarar, desde já, nos Distritos de Recrutamento e Mobilização a que pertencem, o turno a que desejem ser destinados.

As declarações, em papel, comum, terão de ser entregues nos respectivos Distritos de Recrutamento e Mobilização até 31 de Outubro corrente, impreterivelmente, devendo neles constar, além do ano e numero de recenseamento, a freguesia e concelho por onde foram recenseados e a indicação do turno que pretendem.

Aspecto da reunião da «Dymo» no Ritz

AS MÚLTIPLAS APLICAÇÕES DO SISTEMA DE ETIQUETAR «DYMO» AGORA AO ALCANCE DE TODOS

As complexidades da vida moderna aumentaram as necessidades de classificar, identificar e rotular de forma clara e de maneira a evitar erros. Seguindo na linha de resolver os problemas que neste aspecto se apresentam, a «Dymo» criou um novo sistema de etiquetagem de tal maneira prático, rápido e eficiente, que alcançou grande êxito em todo o mundo.

Com efeito, o sistema «Dymo» oferece inumeras vantagens nos diversos sectores da actividade humana, pela sua forma rápida e económica. As máquinas «Dymo» permitem, na realidade, a qualquer pessoa e em poucos segundos, gravar etiquetas auto-adesivas em relevo em catorze cores diferentes.

O sistema de marcação «Dymo» ajudou já muitos milhares de firmas, em todo o Mundo, a resolverem os seus problemas de etiquetagem, aumentando a eficiência das suas organizações, reduzindo custos de operação. A «Dymo» não é só utilizada nas fábricas, escritórios, armazéns, laboratórios, hospitais, escolas, etc., mas também agora, se torna acessível ao grande publico graças á introdução no mercado do novo modelo «Dymo-Star-1710», máquina que, pelo seu baixo custo — 195$00 — deverá alçar grande sucesso no nosso País.

Para contactar directamente com os seus revendedores a «Dymo» e o seu representante exclusivo em Portugal, Manuel José de Azevedo, proporcionaram uma reunião de convívio que decorreu ontem ao fim da tarde no Hotel Ritz, num ambiente de franca cordialidade. No decurso da reunião o Sr. Carlos B. Cipriani, que presidiu em representação da «Dymo Industries Inc.», desejou as boas-vindas aos presentes envolvendo-os numa saudação de amiga simpatia. Sobre os planos presentes e futuros da «Dymo» em Portugal, falou o Sr. Manuel José de Azevedo, que fez um resumo do primeiro ano de trabalho realizado, referindo-se em seguida ao progresso de vendas da «Dymo» em Portugal, salientando os resultados já obtidos e os objectivos a atingir no nosso mercado.

Falou seguidamente o Sr. Manuel Soares Dias, que fez a apresentação da máquina «Dymo-Star-1710», sublinhando que a referida máquina tem batido todos os «records» de venda na Europa citando que só em França se venderam em três meses 50 000 unidades deste novo modelo. A «Dymos-Star-1710» é a mais recente e por isso mesmo, aquela que beneficiou dos aperfeiçoamentos resultantes dos conhecimentos práticos com os modelos antecedentes. Foram oferecidas a todos os presentes uma máquina deste modelo, que tem um peso inferior a 150 g, funcionamento rápido e simples, tamanho perfeitamente equilibrado, cores estudadas e material inquebrável. Com este modelo, a «Dymo» desejou combater a ideia de ser um artigo caro. Atendendo a um perfeito planeamento de fabrico conseguiu um preço realmente acessível a todos — apenas 195$00.

A terminar o Sr. Silva Gomes, em representação da Agência de Publicidade Manuel Martins da Hora, Lda., fez a apresentação da campanha de publicidade de apoio á «Dymo», que vai ser feita a nível nacional, salientando o valor da exposição de material de propaganda no ponto de venda, além de outros aspectos fundamentais da actividade publicitária a empreender. Foi por fim projectado o filme que vai ser exibido na Televisão.

Estiveram presentes nesta reunião, representantes das seguintes firmas:

A. Godinho de Carvalho, Lda.; Abílio Flores; António Gonzalez; António de Sousa Tavares; Araujo & Sobrinho Sucrs.; Casa Mendonça; Diogo & Frazão, Lda.; Eduardo João da Silva; Emílio Braga & C.ª, Lda.; Exvia — Soc. de Representações, Lda.; Francisco Bastos; Gracal — Gráfica Caldense, Lda.; J. Borges Quintela; J. F. Azevedo e Silva & C.ª, Lda.; J. Fonseca, Lda.; J. M. Gonçalves; José Lopes Moreira; José Maria Alves da Silva; Leverca; Maria Emília Picoto; Neotex — Soc. de Importações e Representações, Lda.; Papelarias António Vieira, SARL; Papelaria Assis; Papelarias Dominguez & Lavadinho; Papelaria Fernandes, SARL; Papelaria Ferros; Papelaria Luso-Brasileira; Papelaria S. Nicolau; Representações Alcota, SARL; Sérgio da Fonseca, Lda.; Soc. Barlaventina de Representações, Lda.; Soc. Comercial Rebela Beira Douro; Soc. Luso-Açoreana, SARL; Soc. Papelarias Artex, Lda.; Somil — Soc. Monumental Eléctrica, Lda.; Telemec — Soc. Técnica de Electricidade e Mecânica, Lda.

ora diga-nos...

— De que mais gosta na sua profissão?

Tantas vezes se tem dito e redito que muita gente não gosta da profissão que exerce! E muitos, se pudessem, procurariam o emprego dos seus sonhos. Enfim, razões várias, problemas, dificuldades comandam e alteram sonhos e anseios. A vida, afinal, é que dispõe de forma diferente, o que o homem põe. Mas há profissões onde só se pode ingressar (parece-nos) com vocação autêntica. Com amor. A de médico, a de jornalista, por exemplo. Vai daí, perguntando, a camaradas da informação (nos momentos que antecediam mais uma reportagem, assinalando a visita de personalidades estrangeiras a um alto governante nacional) qual o campo que mais os entusiasma no seu labor.

● Responde, primeiramente, António Huret Escudeiro, realizador e operador de actualidades cinematográficas:

— É claro que gosto muito da minha profissão, da nossa profissão, afinal. E, doutra maneira, não valeria a pena exercê-la, não é!!

Mas não há dúvida que prefiro à reportagem, o trabalho mais cuidado, de cunho mais documental, digamos assim.

— ...

— Sim. É claro que também gosto muito da reportagem. E devo dizer que foi ela quem me trouxe os melhores momentos da minha actividade, os aspectos mais fascinantes.

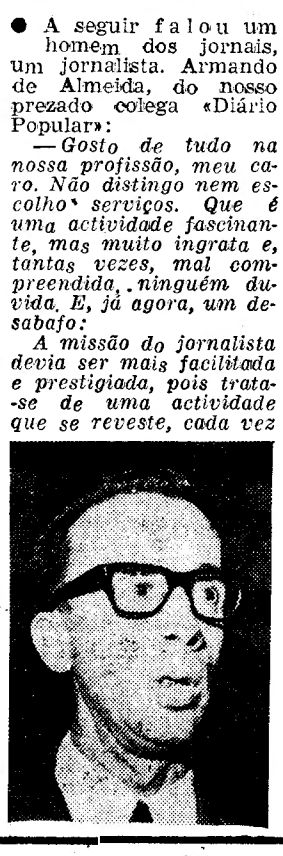
— ...

— Todas as reportagens nos entusiasmam, mas aquelas de que mais gostei, que mais me satisfizeram foram as da visita de Paulo VI e da nomeação do novo Presidente do Conselho.

● A seguir falou um homem dos jornais, um jornalista. Armando de Almeida, do nosso prezado colega «Diário Popular»:

— Gosto de tudo na nossa profissão, meu caro. Não distingo nem escolho serviços. Que é uma actividade fascinante, mas muito ingrata e, tantas vezes, mal compreendida, ninguém duvida. E, já agora, um desabafo:

A missão do jornalista devia ser mais facilitada e prestigiada, pois trata-se de uma actividade que se reveste, cada vez mais, de maior importância. Até pela exigência, também crescente, (e ainda bem) que o público tem para com ela.



Outro aspecto ainda: é uma profissão, uma actividade insubstituível embora haja quem pretenda fazê-lo.

● Sebastião Pinheiro é operador da R.T.P., repórter da imagem, portanto. E disse:

— Bem, do que gosto mais é de trabalhos do tipo de documentário, mas é reportagem, afinal, o que mais faço. É claro que também gosto bastante de reportagem. Fiz muitas, evidentemente, mas aquela que mais me agradou foi a da viagem presidencial à Guiné e a Cabo Verde.

ACTIVIDADES DA C. O. P. R. A. I.

Organizado pela Comissão de Produtividade da Associação Industrial Portuguesa, vai decorrer nos dias 21 a 31 deste mês um curso sobre «A Organização Prática da Instrução na Empresa», em que se pretende fazer o estudo da organização, da preparação e da condução das sessões de instrução.

Durante as 30 horas de trabalho, o monitor, eng.º Reis Santos, utilizará os próprios métodos em estudo para uso dos participantes.

Sob a designação de «Jornadas sobre informática», a C. O. P. R. A. I., organiza, ainda, uma série de sessões independentes, em colaboração com a Associação Portuguesa de Mecanografia, a primeira das quais, no dia 24, sobre o «Tratamento da Informação», constando de dados, métodos, processos e condições de implantação e manutenção. Será monitor o sr. dr. Eiras Antunes.

BODA CIGANA

PINHAL NOVO, 17 — No vasto recinto do mercado local decorreu a típica boda de um casal cigano, acontecimento que trouxe a esta localidade dezenas e dezenas de convidados provindos dos mais diversos pontos do País. Os noivos eram Joaquim Baptista, de 19 anos, negociante, natural de Évora, e Maria Fernanda da Silva Costa, de 18 anos, doméstica, natural de Lamelas, Poceirão, Palmela. O banquete que foi servido a todos os convivas fez esgotar o pão nesta vila, sendo necessário ir procurar reforço a Setúbal.

LIGA DOS COMBATENTES

Vão ser exumados os restos mortais de antigos combatentes, sepultados no talhão privativo da Liga no cemitério do Alto de São João: 19 de Outubro, covais n.os 2816, Alfredo Peres Penedo e 2817, Procópio de Almeida; dia 21, 2818, João Tomás dos Reis e 2819, Domingos António Pires Moreira; dia 22, 2820, Gaspar de Magalhães e 2821, José Francisco Dias; dia 23, 2822, José Gonçalves Barata e 2823, Henrique de Liz Abreu Velho; dia 24, 2824, José Alberto e 2081, general Manuel Ferreira Couto Junior; dia 25, 2825, Eugénio Carlos Garcia e 2826, Francisco dos Santos; dia 26, 2827, capitão Julio Gonçalves e 2828, Joaquim Angelo Alberto; e dia 27, 2829, tenente José Gomes Rodrigues e 2085, António Valério Nobre.

FLUMEN

FRANCISCO RIBEIRO

TODOS OS VINHOS PREMIADOS

Provadores de 17 países, constituíndo o júri do 12º CONGRESSO INTERNACIONAL DA VINHA E DO VINHO, em Bucareste, premiaram com medalhas de OURO e PRATA, TODOS os vinhos da Casa Agrícola FRANCISCO RIBEIRO.

BRANCOS: Boal de Alicante • Carignan • Fernão Pires • Tália • Vital • Adamado
TINTOS: Tinto Velho • Tinto de Mesa ROSÉS: Castelão Francês • Adamado

OFFICE INTERNATIONAL DE LA VIGNE ET DU VIN
XII-e CONGRÈS INTERNATIONAL DE LA VIGNE ET DU VIN
12th INTERNATIONAL CONGRESS OF VINE AND WINE
ROUMANIE 2–12 SEPTEMBRE 1968
COMITÉ ROUMAIN D'ORGANISATION

119

No. 2750 Bucarest, le 11 septembre 1968

FRANCISCO RIBEIRO
PORTUGAL

LES RÉSULTATS

du concours international des vins Bucarest-Roumanie

12 - 22 Août 1968 pour les échantillons du:

FRANCISCO RIBEIRO

No. ord.	Origine	Numéro du cat.	Sorte	Année	Catégorie	Estimation	Prime
1.	Valada-Cartaxo	326	FR-Boal Alicante	1965	II B	17,56	arg.
2.	Valada-Cartaxo	361	FR-Carigan	1965	II B	17,89	arg.
3.	Valada-Cartaxo	328	FR-Fernao Pires	1965	II B	17,58	arg.
4.	Valada-Cartaxo	363	FR-Talia	1965	II B	17,59	arg.
5.	Valada-Cartaxo	330	FR-Vital	1965	II B	17,90	arg.
6.	Valada-Cartaxo	827	FR-Fernao Pires	1967	II B	18,35	arg.
7.	Valada-Cartaxo	363	FR-Castelao Frances	1966	II B	17,70	arg.
8.	Valada-Cartaxo	831	FR.Castelao Frances	1967	II B	17,45	arg.
9.	Valada-Cartaxo	576	FR.Tinto Velho	1958	II B	18,51	or
10.	Valada-Cartaxo	521	FR.Tinto Velho	1960	II B	17,82	arg.
11.	Valada-Cartaxo	584	FR.Tinto Mesa	1963	II B	18,37	arg.

CASA AGRÍCOLA

FRANCISCO RIBEIRO

VILA CHÃ DE OURIQUE
CARTAXO

Distribuidores:.
MUVIL - SOC. MUNDIAL DE VINHOS, LDA.
Av. 24 de Julho, 124 - 1º D. - LISBOA - 2 - TELEF. 67 65 04/5

Actualidade internacional

A questão rodesiana

Continua por solucionar o delicado problema criado pela declaração unilateral da independência da Rodésia, em 11 de Novembro de 1965. O novo encontro entre Harold Wilson e Ian Smith (o anterior realizou-se em Dezembro de 1966), embora não terminasse em malogro, evidenciou a divergência de pontos de vista entre o primeiro-ministro britanico e o chefe rodesiano.

A eventual aceitação das propostas britanicas está, neste momento, dependente das consultas a que Ian Smith procede com o seu Gabinete e com a Frente Rodesiana. O ambiente não é, porém, de optimismo, pois a possibilidade de um acordo com a Inglaterra depara com a firme oposição de partidários de uma política inflexível de separação entre brancos e negros. Nestas condições e continuando o Governo britanico na disposição de não ceder naquilo que e o n s i d e r a fundamental, ou seja, a formação de um Governo de maioria africana na Rodésia, estamos perante um problema cuja solução imediata é extremamente difícil de se conseguir.

No entanto, desde Novembro de 1965, as circunstancias que rodeiam a questão rodesiana modificaram-se substancialmente. Passado o período caracterizado pela euforia da independência, o Governo rodesiano e a população branca que o apoia verificam que os resultados que poderiam advir de uma solução unilateral não são tão brilhantes como esperavam. Desvanece-se a convicção de que seria possível manter um regime sem correspondência com a realidade do país.

As sanções económicas que, sob inspiração da Grã-Bretanha, foram decretadas por quase todos os países do Mundo contra o «território rebelde», embora não surtindo o efeito desejado pela antiga potência colonizadora, constituem um impedimento de monta ao desenvolvimento económico da Rodésia. O apoio incondicional dispensado pela Africa do Sul ás teses de uma R o d é s i a «branca» torna-se de difícil prossecução se se mantiver uma situação de permanente anormalidade constitucional.

Até que ponto estas novas circunstancias poderão contribuir para que a crise anglo-rodesiana saia do beco sem saída em que se encontra? Tudo depende do grau de influência que exercerão no Governo branco da Rodésia. Este, porém, foi levado a novas negociações com a Inglaterra porque compreendeu a necessidade de pôr fim a uma situação que, num futuro mais ou menos próximo, pode levantar graves problemas. — P. C.

DOIS INDONÉSIOS EXECUTADOS EM SINGAPURA

DJAKARTA, 17 — (R.) — A Indonésia prepara-se para receber como heróis os corpos dos dois soldados executados esta madrugada numa prisão de Singapura.

Um porta-voz da Marinha — os dois homens teriam sido fuzileiros navais — disse que o presidente Suharto declarou-os heróis nacionais. Decidiu também conferir-lhes póstumamente a mais alta condecoração da Republica Indonésia.

Os dois fuzileiros foram eexcutados por terem colocado uma bomba num edifício de Singapura, provocando a morte de duas pessoas, durante o conflito entre a Malásia e a Indonésia.

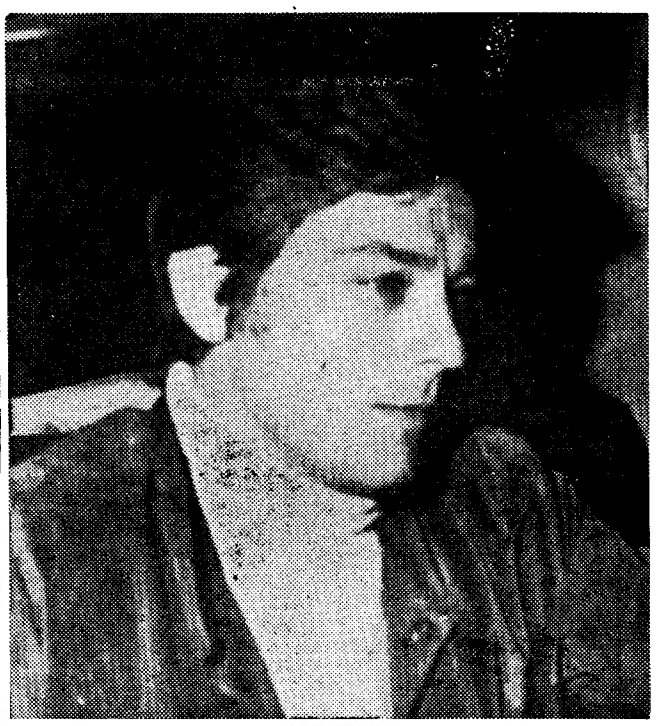
O Conselho Privado de Londres rejeitou o recurso dos dois condenados e o Governo de Singapura não atendeu o apelo do presidente Suharto para que a pena de morte fosse comutada em prisão perpétua.

Na capital da Indonésia as bandeiras ficarão a meia haste durante dois dias e a Rádio só tocará musica solene.

O chefe supremo da Marinha receberá os dois corpos que serão colocados em câmara ardente no Ministério da Defesa.

Amanhã os dois fuzileiros serão sepultados no cemitério de Kalibata, reservado aos heróis caídos em combate.

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik, declarou aos jornalistas: «A Indonésia lamenta profundamente as execuções e está muito preocupada com o caso. Tentaremos no entanto manter boas relações com Singapura.»



O actor francês Alain Delon, quando deixava a sede da Primeira Brigada de Polícia, em Paris, onde foi interrogado a propósito da morte do seu guarda-costas, Stevan Markovic

Dayan sugere o reforço das posições israelitas nos territórios ocupados

TEL-AVIV, 17 — (F. P.) — «Temos de nos preparar activamente para nova guerra, mas, entretanto, é preciso, sem proclamar formalmente qualquer anexação, criar factos consumados nos territórios ocupados e libertados» — declarou ontem á noite o general Moshe Dayan, falando perante três mil estudantes, em Tel-Aviv. O ministro da Defesa frisou que é preciso ser realista e ver que os Estados árabes não querem fazer a paz com Israel e só pretendem utilizar a resolução de 22 de Novembro para obter a evacuação dos territórios ocupados por Israel.

«Sem esperar obter o acordo dos árabes, é preciso reforçar as nossas posições no Sinai, povoar de judeus o planalto do Golan e, no que se refere á Cisjordânia, devemos integrá-la administrativa e económicamente» — afirmou o ministro.

«Os Estados árabes já reconstituiram e aumentaram, até, o seu potencial da guerra em relação a 5 de Junho de 1967» — acrescentou Dayan, que precisou terem os árabes reconstituído o seu parque de tanques em 100 por cento e que a sua aviação representa já 150 por cento do seu nível anterior á «guerra dos seis dias».

Os esforços árabes para organizar uma verdadeira guerrilha malograram-se mas agora que passaram abertamente ao terrorismo contra as concentrações de populações civis, as perdas do lado israelita são inevitáveis. Desde o fim da guerra os israelitas tiveram 233 mortos (contra 750 durante a «guerra dos seis dias»). De 1 de Setembro a 10 de Outubro, os israelitas tiveram 33 mortos e 198 feridos, enquanto que os árabes tiveram 49 mortos e 112 feridos.

«Devemos e s t a r prontos para sacrifícios ainda mais pesados do que até agora, mas, conhecendo o meu povo, sei que poderemos fazê-lo e que nos manteremos nas nossas posições actuais, durante anos se preciso for, enquanto os árabes não se resolverem a fazer a paz com Israel» — concluiu o ministro israelita da Defesa.

A POSSÍVEL CESSAÇÃO DOS BOMBARDEAMENTOS

DERRADEIRA SONDAGEM PRÉ-ELEITORAL ACERCA DO VIETNAM

WASHINGTON, 17 (Por Jean Lagrange, da F. P.) — A administração do presidente Johnson lançou, aparentemente, a derradeira sondagem pré-eleitoral quanto ás intenções profundas do Vietnam do Norte, desencadeando uma vaga de rumores sobre a iminência da cessação total dos bombardeamentos aéreos ao norte da «zona desmilitarizada».

Apesar dos desmentidos feitos pela Casa Branca acerca dos rumores de «aberta» as negociações de Paris, e da afirmação de que em nada se modificou a posição dos Estados Unidos para pôr termo aos ataques aéreos, as «especulações» continuam.

A intensa acitvidade diplomática desenvolvida em Saigão pelo embaixador dos Estados Unidos, Ellsworth Bunker, que se avistou por três vezes com o presidente Thieu, foi acompanhada de informações de Imprensa no sentido de que os E. U. A. teriam informado o Governo sul-vietnamiano da decisão de cessar aqueles bombardeamentos.

A circunstancia de o chefe da Casa Branca ter decidido informar os três candidatos á presidência dos Estados Unidos da posição exacta do seu Governo, mediante a leitura do desmentido que mandara divulgar, não convenceu os observadores de que não há moiro na costa.

O informador de Richard Nixon em Kansas, indicou, a propósito, que o telefonema simultaneo de Jonhson com os seus três interlocutores, durou 15 minutos. Este factor pode levar a supor que o chefe da Casa Branca foi além da comunicação do simples texto que o seu informador havia distribuido á Imprensa.

De resto, aquele desmentido não diz respeito á possibilidade de nova tentativa americana de sondar Hanoi, a fim de apurar mais claramente se a diminuição recente da intensidade dos combates constitui o indício político, que o presidente americano se esforça por conseguir, para tomar a decisão de dar um novo passo na negociação de paz.

As perdas americanas na semana que findou em 12 deste mês, e que serão anunciadas brevemente, constituirão as mais baixas desde meados de Agosto, inferiores — ainda — ás da semana precedente. Procura-se, evidentemente, saber se a pausa verificada nos combates, aliada á diminuição das infiltrações de homens do norte para o sul, em Setembro, são devidas á época das chuvas, á necessidade de proceder a um reagrupamento das forças norte-vietnamianas, ou se representam de facto, o gesto político solicitado por Washington.

Entretanto, os círculos oficiais declaram que até agora, o Governo americano não recebeu qualquer indicação de Hanói, capaz de permitir carácter «político» á calmaria actual, no plano militar. Nos mesmos círculos, acrescenta-se, que se registaram várias pausas militares no passado, mas foram sempre seguidas de novo surto dos combates.

DeSALVO PEDE A PROIBIÇÃO DE UM FILME

BOSTON (Massachusetts), EU — (A. N. I.) — Alberto DeSalvo, o «estrangulador de Boston», que afirmou ter assassinado treze mulheres e violentado um milhar, pretende que a justiça proíba a exibição do filme em que é retratado e do qual é protagonista Tony Curtis.

DeSalvo está a cumprir pena por outros delitos de menor importancia e recela que o filme o prejudique, apesar de não estar provado que tenha cometido os crimes de que se gabou.

UM MILIONÁRIO VENDEU DINHEIRO POR METADE DO PREÇO

ROMA, 17 — (R.) — A espantosa atracção de dinheiro a metade do preço fez, ontem, paralisar o trânsito numa das praças desta capital, ao surgirem multidões, com o fim de comprarem notas de mil liras, apenas por 500. O homem que as vendia era um milionário.

«Estou a fazer isto para verificar a mentalidade comercial dos italianos» — explicou o milionário canadiano Mel Lastman.

Na sua terra, no Ontário, disse o milionário, um dos maiores problemas do seu negócio — vender aparelhos electrodomésticos — é que os imigrantes italianos suspeitam dos preços baixos dos artigos.

«Vêm aos meus armazéns, verificam os preços muito baixos e pensam que se trata de alguma vigarice, que não percebem» — declarou, ainda, Lastman aos jornalistas. O milionário acrescentou que achara a sua experiência de ontem altamente instrutiva, embora não fornecesse detalhes do que descobrira.

A descolonização de Gibraltar pedida de novo pela Espanha

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 17 — (A. N. I.) — A Espanha voltou a reclamar a descolonização de Gibraltar e citou a concessão recente da independência á antiga Guiné Equatorial Espanhola como exemplo a seguir pela Inglaterra no caso do «rochedo».

No discurso que proferiu na Assembleia Geral da O. N. U., o ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, prof. Fernando Maria Castiella, afirmou que o seu país está pronto a respeitar os desejos e direitos da população de Gibraltar e, em especial, as liberdades políticas, religiosas e culturais.

Sobre o problema do Médio Oriente, o ministro espanhol pediu a retirada imediata de Israel dos territórios ocupados aos árabes e manifestou a simpatia do seu país por estes ultimos.

Fernando Maria Castiella condenou a tendência das grandes potências para a «imposição de uma solução» ao mundo. «É bom reconhecer que as superpotências têm deveres e responsabilidades, que não têm os pequenos países» — sublinhou.

Referiu-se ainda ao drama de milhões de pessoas, que actualmente estão sob ocupação estrangeira ou foram colhidas nas encruzilhadas da guerra.

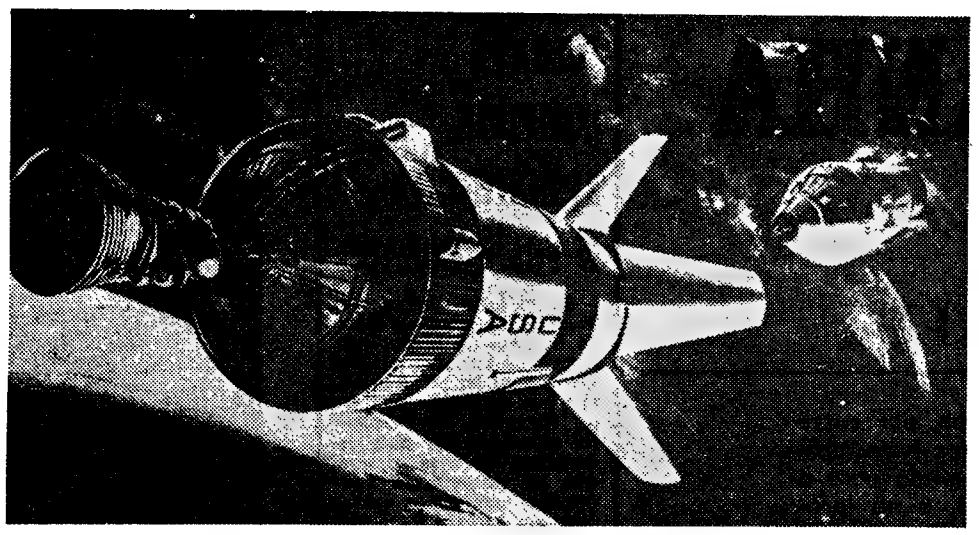
A Espanha — salientou o ministro — continuará a basear a sua política externa no «europeísmo» e na coexistência pacífica.

«Le Figaro» não foi posto à venda

PARIS, 17 — (R.) — «Le Figaro», o mais antigo jornal de França, não apareceu á venda esta manhã, apos jornalistas terem decidido realizar uma greve de um dia.

Foi a primeira greve naquele jornal da manhã, desde que foi fundado, em 1866.

Os jornalistas protestam contra um novo contrato nos termos do qual teriam apenas 34 por cento das acções e quatro dos 12 lugares na companhia administrativa. Tal não é suficiente para garantir liberdade editorial — dizem eles.



Como um desenhador imaginou o voo de formação da nave «Apolo 7» (á esquerda) e de um dos andares do foguetão transportador, voo esse realizado há dias

TERCEIRA TRANSMISSÃO DIRECTA DE TV DE BORDO DA «APOLO 7»

CAPE KENNEDY, 17 — (R.) — Os astronautas americanos da «Apolo 7» iniciam hoje a segunda fase da sua missão de onze dias numa órbita em redor da Terra tendo já alcançado três quartos dos seus objectivos.

Os três cosmonautas ,que parece terem debelado as constipações manifestadas a bordo, passaram a marca do meio caminho á 1 hora T. M. G. de hoje e começam o sétimo dia em órbita com o seu terceiro espectáculo de televisão ás 12 e 15 T. M. G..

A aparição de dez minutos dos astronautas Wally Schirra, Donn Eisele e Walter Cunningham atrairá, segund se espera, milhões de telespectadores.

Os cosmonautas, antes contrariados em darem espectáculo publico, pareciam agora estar a gostar da sua exibição diária. Têm gracejado, brincado e conduzido os telespectadores em digressões guiadas á volta das suas instalações no espaço repletas de aparelhagem.

Entretanto, a nave espacial «Apolo» protótipo da nave lunar americana tripulada, continuava a operar sem quaisquer grandes problemas.

O director do voo, Glynn Lunney, afirmou que os cosmonautas tinham realizado já 75 por cento das suas tarefas técnicas.

Observadores deste centro julgam que existe uma óptima possibilidade da próxima nave espacial, que deve ser lançada por um gigantesco foguetão «Saturno 5» em Dezembro, conduzir astronautas num voo em redor da Lua e regressar á Terra.

Afundou-se o submarino «Alvin»

WOODS HOLE (Massachusetts), 17 — (R.) — O submersível americano de pesquisas, «Alvin», perdeu-se ontem no Atlântico, quando cabos que o seguravam ao navio-mãe se partiram e a água penetrou nele através de uma escotilha aberta.

Ninguém se encontrava a bordo e não houve feridos.

O «Alvin», empregado para localizar uma bomba de hidrogénio desaparecida ao largo da costa mediterrânica espanhola em 1966, afundou-se num local onde a profundidade é de cerca de 1500 metros, a aproximadamente 190 quilómetros ao Sul de Cap Cod, no Massachusetts.

O dr. Paul Fye, director do Instituto Oceanográfico de Woods Hole, que opera o «Alvin» disse que a recuperação do submersível era possível.

Agitação nas Universidades espanholas (que reabriram esta semana)

MADRID, 17 — (R.) — As Universidades de Espanha reabriram esta semana no meio da ameaça de novas desordens estudantis, a despeito das aparentes concessões do Governo aos rebeldes e de um programa de desenvolvimento e reforma anunciado durante o Verão.

A perturbação que tem assolado as Universidades nos ultimos dois anos tem predominantemente carácter político e tem sido causada por uma geração que nunca conheceu os horrores da guerra civil de 1936-39.

OPOSIÇÃO AO REGIME

Estudantes opõem-se violentamente ao regime autoritário do generalíssimo Franco.

Uma manifestação em que foram empregadas bombas de mau cheiro durante a cerimónia de abertura das aulas na Universidade de Sevilha, na segunda-feira, acentuou a ameaça

E, na Universidade de Madrid, que tem sido o centro principal de perturbações nos ultimos anos, muitos partidários das questões acedémicas espanholas julgam que disturbios ocorrerão nas próximas semanas.

«FASCISTA»

Na segunda-feira, na cerimónia de abertura, na Universidade de Madrid, registaram-se quatro pequenos incêndios. Têm-se verificado outros fogos, acompanhados por ameaças garatujadas nas paredes de «Incendiaremos a Universidade». As mensagens foram atribuídas as um pequeno grupo esquerdista.

Por outro lado, cartazes ilegais têm denunciado frequentemente o regime como «facista» e a sociedade espanhola como «capitalista» e exigem a instalação do socialismo, elogiando figuras tais como Ho Chi Minh e o falecido Ernesto «Che» Guevara.

Nos ultimos anos, manifestações em Madrid — eficazmente sufocadas pela Polícia — têm-se seguido com frequência a comícios pedindo liberdade de palavra e de Imprensa, o direito de reunião e sindicatos livres, no estilo ocidental.

Os problemas educacionais existem também. Contudo, não há vagas nas Faculdades e professores mal pagos procuram noutro lado ganhar a vida, não dando aulas com frequência.

GREVE DE PROFESSORES

É baixa a média de professores em relação aos estudantes e existe frequentemente uma vasta lacuna de compreensão entre o ensino e os organismos académicos.

Na semana passada, metade dos 400 professores da Faculdade de Ciências Políticas de Madrid anunciou que se declararia em greve, pedindo participação na administração e organização da Faculdade. As aulas na Faculdade começaram quatro dias depois.

Contudo, as questões universitárias constituem apenas problemas secundários para os estudantes rebeldes.

As tentativas do Governo para as resolver não impedirão, segundo se espera, novas desordens, embora possam endurecer a opinião publica contra os estudantes.

Durante o Verão, o ministro da Educação, José Luís Villar Palasi, anunciou a criação de três novas Universidades em Madrid, Barcelona e Bilbau, para aliviar as outras, com excesso de frequência de alunos.

Aguarda-se que essas Universidades comecem a funcionar em pequena escala este ano, assim como mais Faculdades e escolas técnicas em outras Universidades.

MEDIDA «LIBERAL»

Villar Palasi anunciou, também, um sistema compartivamente generoso de bolsas de estudo para estudantes pobres e uma campanha para aumentar o numero de professores.

No entanto, a inovação mais discutida foi um decreto governamental autorizando pela primeira vez desde que o generalíssimo Franco ocupou o Poder, em 1939, a criação de associações académicas livremente formadas.

Acolhido largamente como uma medida «liberal», o decreto provocou, também, suspeias de que ás associações poderão apenas ser permitidos fins desportivos ou culturais e que não servirão para canalizar representação académica nas questões universitárias.

Anunciou-se que alguns estudantes julgam que o decreto é uma tentativa para minar e isolar a banida União Democrática Académica que conseguiu vasto poder em Madrid e noutras Universidades, o ano passado.

A reacção ao decreto não é ainda conhecida, mas a organização poderá tentar infiltrar-se nas novas associações e apresentar membros seus nas eleições para delegados de cursos, Faculdades e Universidades. Nos termos do novo decreto, a esses delegados foi prometida participação na administração das Universidades.

DISSOLVIDA EM BERLIM A SECÇÃO DO N. P. D.

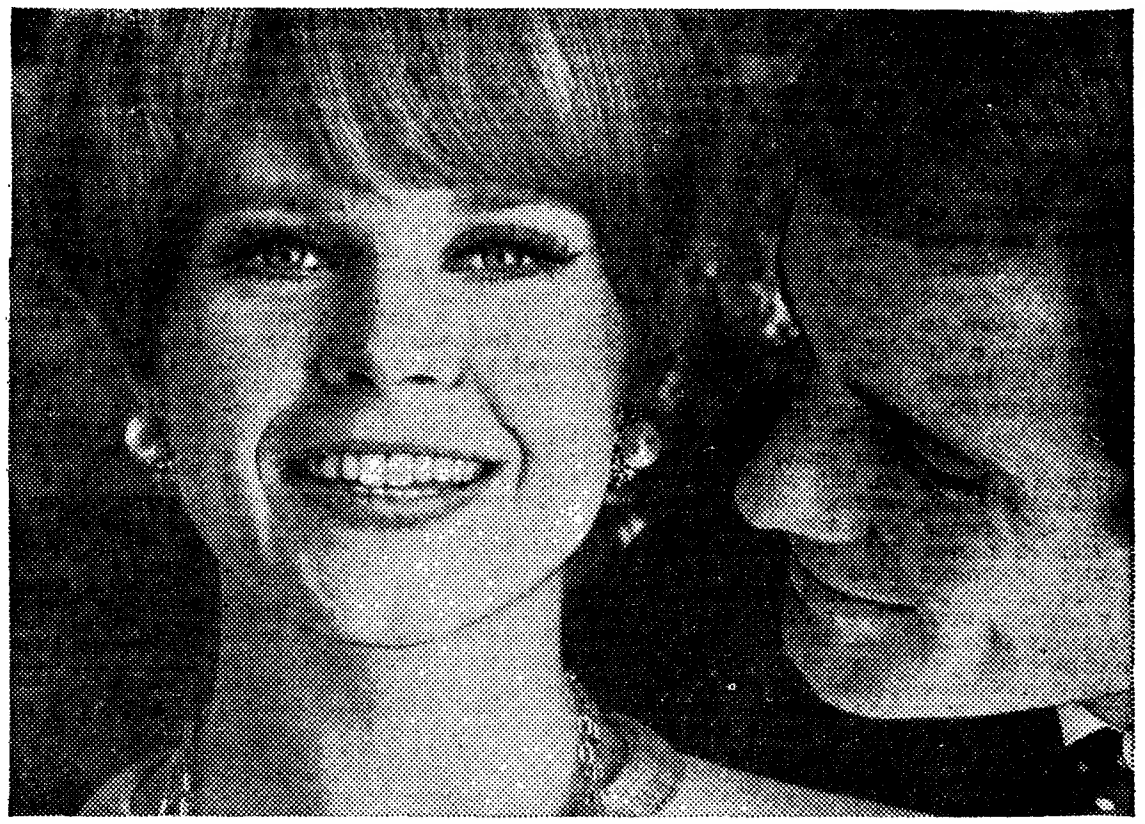
BERLIM OCIDENTAL, 17 — (R.) — A secção de Berlim Ocidental do Partido alemão da extrema direita dirigido por Adolf von Thadden vai dissolver-se por iniciativa própria.

Depois dos avisos comunistas á municipalidade de Berlim Ocidental de que não deviam ser toleradas manifestações neo-nazis, esta pediu aos Estados Unidos, Inglaterra e França, como potências ocupantes, que proibisse em Berlim Ocidental as actividades do «Partido Nacional Democrático».

Um comunicado da direcção do Partido diz que a decisão de dissolver a secção de Berlim foi tomada com o desejo de evitar uma proibição decretada pelo comando aliado. «Isso seria um regresso evidente ao regime de ocupação», acrescenta o comunicado.

Mulheres elegantes, bem cuidadas, mas ela...ela tem

UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!

o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diàriamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!

super Pepsodent

Super Pepsodent com PL3 - brancura natural dos dentes

ESTA ESTRANHA LISBOA—3

INVOCAÇÃO DA VERDE LUZ

Nesta selva escura dos dias sem horas, por entre os silvos do vento que martiriza os pinheiros e os repiques do desespero nos meus nervos, apelo ainda para a palavra, minha expressão e meu alimento, e na lembrança a amasso e a arrecado.

Neste momento em que a angústia mais me arrepela e parece querer arrastar-me da solidão absoluta para o vértice da loucura, intento recordar, enumerar, ressurgir alguns dos instantes mais belos da minha existência, sem hierarquia nem cronologia, que no acervo da memória não se encontram.

Lembro uma manhã verde de Outubro pálido no Parque do Estoril e, ao meu lado, uns olhos também verdes e ternos que diziam sempre uma espécie de espanto sereno a todas as pessoas e coisas. Vendo bem, creio que foi, na verdade, triste e acerada essa manhã hoje maravilhosa por entre a luz difusa em que a ressuscito. De toda a maneira, é o tipo de evocação que me perturba, que neste transe não me convém. Mas é precisamente a única que se me oferece.

Era a descoberta do amor e do desamor, a passagem a dois por um difícil pórtico.

Uns vagidos de sol terno, ainda adolescente, misturavam-se com a viração no abanar das palmeiras. As nuvens leves e raras voavam como plumas pelo azul débil para longe e com elas a minha esperança, quase certeza, de as seguir até à embocadura dos rios exóticos, de aportar, com os meus olhos sequiosos de mundo, às cidades fabulosas que já em leque se abriam na minha marcha para o futuro: Istambul, Hong-Kong, o Rio de Janeiro... E ela comigo!

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Fora na véspera a bordo, enervada e lenta. E depois aquele filme no «Politeama», de esfrangalhar os nervos, mas que outra lembrança não me deixou senão um ranger de vidro e a torva face do ódio (e era todo um *guignol* que noutra altura só me teria feito rir). A noite, o hotel inóspito, quase pobre e sobretudo velho, e o embaraço, o enlevo, todo o mais. Enfim a luz verde daquele parque no nosso primeiro dia comum. E sempre os olhos dela se punham verdes á aproximação do mar. Liquefaziam-se, recobravam uma graça infantil de paraíso sob o longo palpitar dos cílios, que me roçavam a pele como pontas de asa.

Os banhistas do Outono, na maioria estrangeiros, iam a caminho da praia, arrastando sandálias, envoltos nos seus roupões de pano turco, ao cabo de muita exortação as canelas cor de tijolo, apoquentados pelos cauteleiros e pelos pedintes de ofício ou de ocasião. E, embora surpresos, esportulavam notas de vinte escudos, que eram então qualquer coisa para nós — a guerra terminara poucos anos antes. Os meninos-bem da época, que já não era a do *lambeth walk*, mas a do *swing* (e pouco faltava para chegar a *raspa*) usavam ainda cabelo engomado e colarinhos altos, com nós de gravata microscópicos, erguidos por travessão de ouro. Só apareciam mais tarde, por causa da noitada no Casino e das festas em casa de uns e de outros (vida que eu também conhecera de raspão). Tornaram-se depois, que o bom nascimento ajuda muito, administradores de companhias e mairais de empresas publicas os menos cábulas e obtusos, e pelo menos vendedores de automóveis os outros, que sempre haviam mamado a cortesia familiar e alguma coisa dos idiomas que as mestras de portas adentro ou as refugiadas lhes haviam infiltrado na outiva relapsa.

Mas eram tão doces e verdes os minutos magoados desse nosso alvorecer novo que até essa gente aborrecida me sorria como cenário: eram os papagaios do parque, gritando de cor aos criados do *Deck Bar* (onde não havia ainda *juke box*, mas apenas matraquilhos e caixas que deitavam um ror de moedas quando se sabia dar-lhes o jeito) as suas ordens esganiçadas de filhos, por natural direito, da casta eleita. Mas não podia haver nessa manhã injustiça no mundo, nem os raios daquela luz tecida de ternura filtravam senão simpatia humana. Um atentar suavemente aberto, mas dolorido, nos simples passantes e nas dálias dos canteiros, nos carrinhos de mão dos infantes dourados, de bochecha nestlé, e no arco com que brincava, também resplandecente, o menino do monturo. Felicidade frágil e palpitante, mas também magoada, sim, porque trazia nas suas descobertas, e na sua salgada mistura de exaltação e busca — maravilhados mas sem encontro (onde é que podem encontrar-se as paralelas?) o mesmo incerto, humido, travo de lágrimas remotas que vibrava naquela luz verde de Outubro.

Veio uma cigana, trigueira como o pão dos poemas de Lorca e com saia de papoila (assim a víamos naquele fugaz instante) e ateimou espanholadamente em ler-nos a sina, tanto e tanto que, e já no limiar das pragas pressentidas, lhe dei, só eu, a mão onde ela despejadamente leu amores sem conto e inimizades na mesma medida, e gostos, e tanta semente como não vim a ter, e obras rendosas. E até vislumbrou, na palma da minha mão, a estrela da glória, que havia de arrastar-se afinal por desempregos.

Despedimo-la com risos e prata, ou não fosse para nós dia grande.

E, com o sol a subir no firmamento azul, pálido, já sem véus de brancura viageira, a luz verde, aquecendo a França das árvores, fez-se reflexo de cobre e consubstanciou-se na cal e no chão. Unidos e quase sem palavras, sentíamos menos vontade de almoçar do que de continuar ali, eternamente, naquela pausa, naquele banho morno de paz miraculosa e tenra, a ponto de desmaiar com um sopro, ameaçado de todos os lados e que talvez nunca mais se repetisse.

Foi então que surgiu a mulher do *Charleston*. Conhecia-a eu por esse nome porque ela se vestia à moda dos anos 20, de túnica bordada e franjada, embora sempre suja (a cintura descida) e a destapar-lhe os tristes joelhos escanzelados. Ainda por cima, usava uma tiara grotesca, como de rainha ou sacerdotisa, no farto cabelo ruço. Era uma pobre tonta mansa, que falava sòzinha e às vezes em alta voz, figura menos popular do que o Catitinha (ali certo, com o seu apito, em dias de maior movimento, nas passagens de peões), porém dada ao disfrute e muito vaiada pelo rapazio que não raro a condecorava mesmo com a nódoa roxa de algum pontapé, se ela adregasse de repontar mais forte.

Parou a tontinha mesmo em frente de nós; e, incomodados com a sua atenção, que parecia voltada para o cavaco, e naturalmente para o dialecto, já pensávamos em abandonar de vez aquele poiso tão grato. Mas eis que ela, ao abrir a caverna desdentada que o tom sangue de boi do seu *baton* tornava ainda mais aflitivamente repugnante, diz apenas:

— Que parzinho tão lindo! E tão agarradinho! E, a seguir, com um resquício, dir-se-ia, de lucidez na nostalgia:

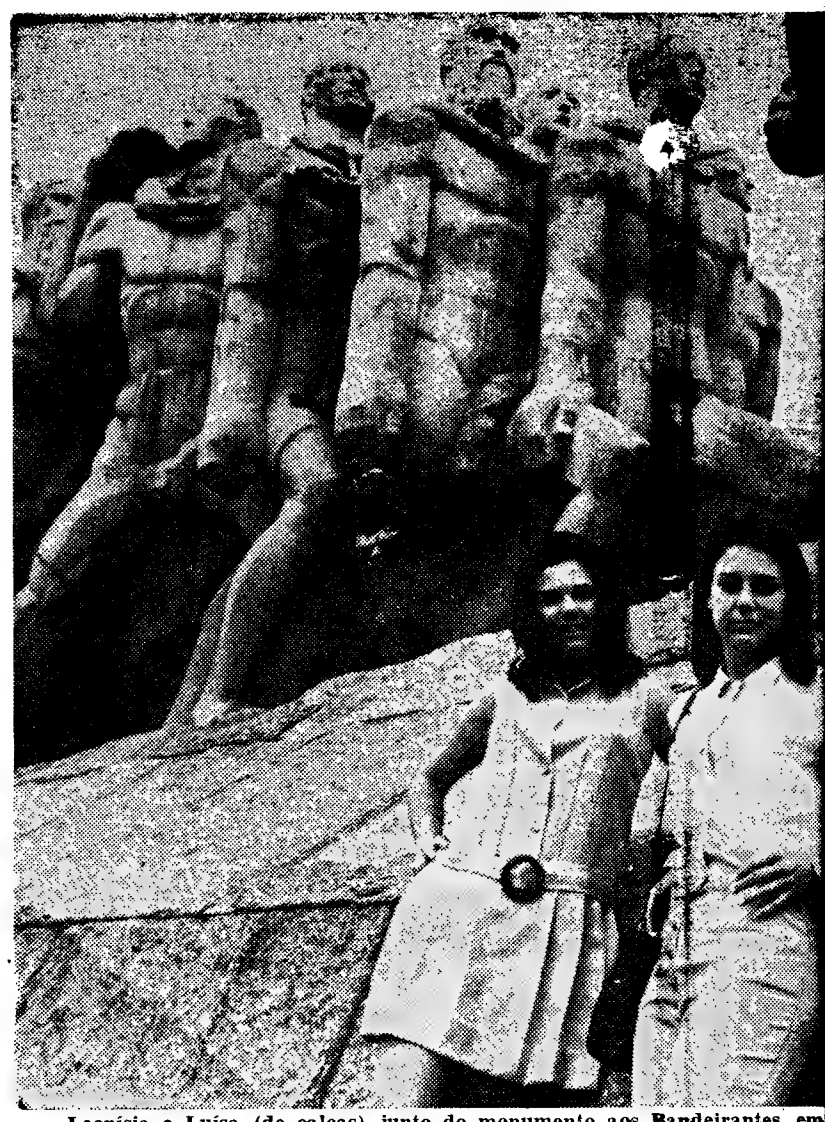
— Também eu... noutros tempos...

Mas ficou-se por aí, o olhar já inflamado nesse estranho lume branco da vesânia, ou do sonho. Deu de ombros, afastou uma pedra, de repelão, com a biqueira muito gasta do sapato fino de crocodilo, voltou a encolher os ombros por mais de uma vez, quem sabe se a furtar-se ainda aos clarões do passado, e, deixando-nos (extinta agora a nossa verde luz) lá foi direita à estação, já perseguida pela garotada infrene: «Velha maluca! Toma vergonha!».

JULGAVA COMPRAR «PECHINCHA» E FOI ROUBADO

O súbdito belga sr. Jean de Rycabur de Betz, de 22 anos de idade, está actualmente entre nós, em viagem turística. Aconteceu que ao passar na Praça Marquês de Pombal, foi abordado por dois indivíduos de raça cigana, que se propunham vender-lhe, por preço tentador, um relógio de pulso.

Explicavam eles que tal preço só era possível devido ao facto de o relógio ter entrado no nosso País, como contrabando. Seduzido pela oportunidade da «pechincha», o sr. Betz logo puxou da carteira para concretizar a transacção. Foi então que um dos ciganos, ao vê-la bem recheada, logo deitou mão a uma nota de 500 pesetas e a outra de 20 francos belgas. E logo desapareceram, em rápida correria, deixando-o com o relógio. Ontem, ao passar o sr. Betz pelo mesmo local, viu os dois ciganos, que, de novo, dele se abeiraram. Então, aquele solicitou á Polícia a sua detenção. Mas um deles fugiu. O preso identificou-se como Herculano Romão Rosa, de 46 anos, e declarou ser vendedor ambulante:



Leonísia e Luísa (de calças) junto do monumento aos Bandeirantes, em

À VOLTA DO CONCURSO «MISS OBJECTI

INSTANTÂNEOS BRASILEIROS

(Do Brasil, ETELVINA LOPES DE ALMEIDA informa)

DOIS LUTOS EM SÃO PAULO. Morreu o poeta Manuel Bandeira. O poeta da vida e o poeta da morte. Não a considerava ele o «milagre da vida»?

No Rio de Janeiro aconteceu romagens de escritores, jornalistas, artistas e povo — esse povo que ele soube tão bem retratar e a que ele pertencia pelo coração. O seu corpo recebe as últimas homenagens na Academia Brasileira de Letras, e o Brasil sabe bem homenagear os seus heróis.

A poesia chora porque Manuel Bandeira não pode escrever mais versos, mas a saudade que deixou é ainda um verso, sem rima mas um verso.

O OUTRO LUTO é o do capitão americano, cônsul em São Paulo, Charles Rodney Chandler.

Estava a fazer um curso de língua portuguesa, para mais rápida promoção nos quadros do Exército americano. Fora pessoa activa na guerra do Vietnam. Alguém o alvejou á porta da sua residência.

AUGUSTO CABRITA não larga as máquinas de filmar e de fotografar. São Paulo é um convite á objectiva mormente agora, em que o fotógrafo está na ordem do dia.

Ontem, barafustava no salão do Hotel Danúbio, porque a TV não dava o relato dos Jogos Olímpicos. Procurei saber porquê. Alguém comprou, por uma importância astronómica, os direitos de transmissão. Mas agora ninguém lhos compra. «Quem tudo quer, tudo perde».

ARDERAM AUTOMÓVEIS no largo fronteiro ao Teatro «Treze de Maio». Mas não se tratava de acontecimento terrorista. Ruth, que soube sempre fazer a publicidade das peças que representa, comprou carros velhos, levou-os para o largo do teatro e queimou-os.

Desta maneira, o público é mentalizado já na rua, para ver depois, no palco, a peça de Arabal «O Cemitério de Automóveis». Nos outros teatros representam-se as peças: ‚As criadas», de Jean Genet; no Cacilda Becker, em *travesti*, três homens representam papéis de mulher; e no Galpão está um «show» por Maria Betânia; na sala Gil Vicente «A primeira feira paulista de Opinhão»; no Teatro Oficina está em representação a peça «O Rei da Vela», de Oswald de Andrade com Renato Borghi, Itala Nandi e Etty Fraser.

CHICO BUARQUE DE HOLANDA CASOU-SE há seis meses e não disse nada a ninguém. As «fãs» ficaram surpreendidas e de lágrima ao canto do olho. A dúvida, porém, abre caminho á esperança.

Será verdade?

Ele teve recentemente mui-

to êxito com a Viva». Tanto, fazer uma pec o mesmo títu de crítica so Resultado: «t ram certa no escaqueiraram nários. E assi «êxito» de «F palco.

O PROFESSO é homenage Foi-lhe dado tubro, e todos ram títulos a ignorado obre de do futuro.

Faria de L de São Paul 1965, uma lut fícios escolare deira, sem nem a mínim higiene. Abre modernas con da a área da cresce no Mu instruir, e be uma popula hoje oito milh tes. A par d seis anos, co preparatórios ofícios, onde vela nas suas turais, a Pref feições neces pos escolares. a vai buscar, ça regressa tada.

Em breve n ças subdesen causa na sub

Tornou-me de Outubro d

(Continua n

FAQUEIROS EM 2.ª MÃO

Prata de lei — Só pelo peso

Ourivesaria PIMENTA

Rua Augusta, 253—Telef. 324564

AS JÓIAS, AS PRATAS DA

Ourivesaria da GUIA

SÃO DIFERENTES!

FUNDADA EM 1870

RUA D. DUARTE 4-B

(Edifício do Hotel Mundial)

Modificadas as co

Por portaria da Presidência do Conselho, e tendo em conta a nova constituição do Governo, foram modificadas a comissão nacional e a comissão executiva, incumbidas a primeira de orientar superiormente as comemorações do 5.º centenário do nascimento de Pedro Alvares Cabral, e a segunda de elaborar o respectivo programa, bem como promover e coordenar a sua execução.

A primeira comissão passa a ser constituída pelos srs. eng.º Vaz Pinto, ministro de Estado adjunto do Presidente do Conselho; briga Rodrigues, minis comodoro Manu tro da Marinha gueira, ministro

Desperdiçar deza. Coloqu nomias em valham.

GRANDE D DA

RUA DA

...to aos Bandeirantes, em Epirapuara

...OBJECTIVA»

...to êxito com a canção «Roda Viva». Tanto, que resolveu fazer uma peça de teatro com o mesmo título. Peça forte, de crítica social fortíssima. Resultado: «ultras» invadiram certa noite o teatro e escaqueiraram plateia e cenários. E assim terminou o «êxito» de «Roda Viva» no palco.

O PROFESSOR PRIMÁRIO é homenageado no Brasil. Foi-lhe dado o dia 15 de Outubro, e todos os jornais abriram títulos a esse grande e ignorado obreiro da sociedade do futuro.

Faria de Lima, o prefeito de São Paulo, iniciou em 1965, uma luta contra os edifícios escolares feitos de madeira, sem casa de banho nem a mínima condição de higiene. Abrem-se escolas de modernas construções por toda a área da cidade que mais cresce no Mundo. É preciso instruir, e bem, o futuro de uma população que conta hoje oito milhões de habitantes. A par da instrução de seis anos, contando já dois preparatórios para artes e ofícios, onde a criança se revela nas suas tendências naturais, a Prefeitura dá as refeições necessárias aos tempos escolares. Quando a mãe a vai buscar, á tarde, a criança regressa ao lar alimentada.

Em breve não haverá crianças subdesenvolvidas com causa na subalimentação.

Tornou-me feliz este dia 15 de Outubro dado ao mestre-

(Continua na 18.ª página)

Torre de Babel

por João Medina

UMA HISTÓRIA QUASE POLICIAL: O VERMELHO E O BRANCO

O que a seguir se conta, minhas senhoras e meus senhores, é a história absolutamente fidedigna e sem ornatos dum evento sucedido na capital alsaciana no dia 23 de Junho do ano corrente, entre o romper do sol e as 7 e 30 da manhã, momento em que interveio o corajoso senhor Julien Gottesser, sapador-bombeiro e pai de três amorosas crianças chamadas Pierre, Brigitte e Ferdinand Gottesser. Todavia, se não acreditarem no que adiante se conta, podem Vossas Excelências interrogar ao acaso os indígenas de Strasbourg que moram perto da catedral; e se nenhum nativo se mostrar disposto a falar-lhes no caso, rogo-lhes então, minhas senhoras e meus senhores, que se dirijam a casa do Sr. Charles Matagne, morador no «boulevard de la Victoire», 11, rés-do-chão, direito, ao lado do alfaiate Schoepfling (para lá chegarem, sugiro-lhes que tomem o autocarro n.º 42, aquele que diz Esplanade). *Ele vos dirá se é ou não verdade o que seguidamente passo a narrar.*

Ora pois, minhas senhoras e meus senhores, ao romper do sol no dia atrás referido, uma curiosa bandeira flutuava com indolência no alto da catedral de Strasbourg (sobre esta jóia da arte gótica, veja-se qualquer bom guia como o Michelin ou o Nagel; leia-se ainda a descrição que o imortal Victor Hugo faz da catedral no livro O Reno, *obra escrita em 1842 (*). Ondulando num céu de rara limpidez nesta planície entre os Vosgos e a Floresta Negra, tinha aquela bandeira duas faixas horizontais da mesma largura e altura. Duas faixas, uma branca e outra rubra. Era, como depois se verificou, um tecido bicolor de 18 m². A faixa vermelha ocupava portanto 9 m² e a branca outros 9 m².*

Temos, portanto, minhas senhoras e meus senhores, que na madrugada do dia 23 de Junho deste ano da graça de MCMLXVIII apareceu no alto da flecha da catedral estrasburguesa («o mais alto cimo que a mão do homem construiu depois da grande pirâmide», dizia o nosso grande poeta quando aqui veio no século passado), flutuando molemente na brisa matinal, um estandarte de prata e goelas, que é como quem diz branco e vermelho, totalizando 18 m² de tecido. Ora como a flecha da catedral («verdadeira tiara de pedra», V Hugo op. cit.) não costuma arvorar pavilhões desta superfície nem daquelas cores heráldicas, como explicar então a presença daqueles 18 m² de pano ali, naquela madrugada de Junho de 1968?

Mistério, minhas senhoras e meus senhores. Mistério. Devemos interpretar aquelas cores como formando, por exemplo, a bandeira da Indonésia? Ou da Polónia? Hipóteses absurdas. A flâmula do Mónaco? Mas que diacho vinha fazer lá no alto a bandeira monegasca? Como explicar aquela explosão bicolor no céu azul da Alsácia? Perplexos com o caso, tentaram alguns transeuntes matutinos dar uma solução imediata ao caso, explicando-o ora por motivos políticos, ora por razões desportivas Vejamos, minhas senhoras e meus senhores, essas hipóteses aventadas para decifrarem o enigma da bandeira matinal.

Sugeriram alguns nativos que talvez aquele pavilhão alvo e rubro fosse de facto o do principado de Sua Alteza o Príncipe Rainier III do Mónaco: sucede efectivamente que o Racing de Strasbourg derrotara na semana anterior o clube de futebol do Mónaco; será então de aceitar que um cidadão monegasco tivesse escalado a flecha da catedral para ali plantar o símbolo dum pequeno país humilhado pela derrota futebolística no estádio da Matmau? Pouco provável, dir-me-ão. Com efeito, a hipótese parece de desdenhar.

Resta a chamada «hipótese política», sugerida por nativos com fortes inclinações partidárias, demasiado atreitos portanto, a verem em tudo uma alegoria política. Mas examinemos com isenção e imparcialidade a explicação por eles proposta: sucede de facto que o dia 23 de Junho deste ano foi um domingo; domingos há muitos (ou, pelo menos, todas as semanas há um domingo, como diria Carnap); mas nem todos esses domingos são eleitorais, assim como nem todos eles vêm depois do agitado mês de Maio deste ano; ia então o país confiar às urnas aquilo que uns quantos frenéticos tinham tentado impor nas ruas, atirando pedras e assobiando os nossos bons cívicos; mas deixemos estes apartes e voltemos ao dia 23 de Junho; estava pois a Alsácia, como aliás toda a França, em dia de eleições depois dum mês de Maio sombrio e muito confuso. Haveria uma relação imediata entre certas bandeiras de Maio e aquele trapo a flutuar no alto da catedral? Se respondermos afirmativamente, como explicar então que a bandeira jungisse precisamente dois extremos políticos opostos, o branco da direita e o rubro da esquerda? Ou deveremos deduzir daquela miscigenação que o plantador furtivo do pendão queria insinuar aos seus compatriotas que votassem pela unidade nacional, pelo centro, pela reconciliação? A hipótese parece temerária.

Fosse como fosse, a verdade é que às 7 e 30 da manhã já o intrépido Sr. Julien Gottesser, sapador-bombeiro e pai dos meninos Pierre, Brigitte Ferdinand morador na Rua do Arc-en-Ciel, 8, 1.º, tinha arriado o pavilhão rubro e alvo. Descido o trapo, foi este levado à Polícia, que o mediu, examinou e arquivou. Mas ficou o enigma por elucidar: porquê (e por quem) fora a bandeira ali colocada na alvorada do dia 23 de Junho deste ano? Porquê, minhas senhoras e meus senhoras, não me dizem porquê?

Outubro de 1968

(*) Há tradução portuguesa de Vasco Valdes, Lisboa, Guimarães & Cia. Editores. 1916. 3.º volume pp. 62-68.

A banca portuguesa prejudica-se por não ter mercado internacional de divisas com operações a prazo

Terminou ontem o curso sobre mercado internacional de câmbios que o Forex Clube de Lisboa levou a cabo, sob a orientação do chefe de câmbios do Westerminste Bank, de Londres, William Batt.

Como já informámos foi esta a primeira realização do Forex, grupo formado há alguns meses apenas, com o intuito de conseguir, para os especialistas de câmbios portugueses, a actualização dos seus conhecimentos de acordo com as novas técnicas e usos internacionais.

Antes de deixar Portugal, o sr. William Batt concedeu-nos uma breve entrevista sobre o actual momento financeiro internacional.

Asseverou que «as recentes modificações políticas em Portugal não influenciaram a posição do escudo e a confiança dos capitalistas britânicos nos investimentos em Portugal», apesar das «restrições de colocação de dinheiro inglês no estrangeiro recentemente estipuladas», as quais lamentou embora reconhecendo a sua necessidade.

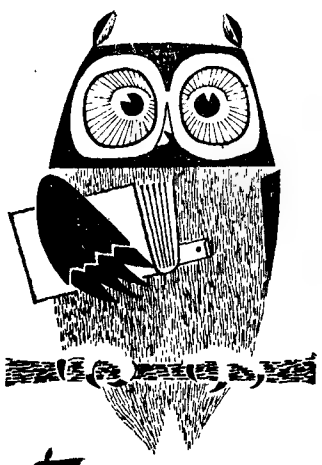
Quanto ao esterlino, declarou que «não é de admitir uma nova desvalorização em breve». É de aguardar, pelo contrário, uma melhoria de situação das balanças de pagamento e comércio britânicos». Por outro lado, as perturbações que nova baixa causaria no sistema internacional de pagamentos «levaria as instâncias mundiais a evitar a todo o transe nova quebra no valor da libra». Referiu também o «desapontamento» com que a economia britânica reagiu, em Novembro de 67, á desvalorização, imputando parte da crise á demora do Governo em tomar medidas adequadas.

Interrogado sobre a inexistência de mercado internacional a prazo nos nossos bancos, o sr. Batt admitiu que essa falta «prejudica as exportações e importações nacionais e que a sua instauração seria boa para o escudo, por não ser de recear a concorrência com outras moedas, em igualdade de circunstâncias». Os bancos estrangeiros que se relacionam com a economia portuguesa, «sentem dificuldades», afirmou, «devidas ao facto de os intitutos bancários no nosso País não efectuarem operações a prazo no mercado internacional de divisas».

Quando chegar
o frio
lembre-se de
COBRA
o calorífero francês
mais vendido em
PORTUGAL
modelos: normais, infra-vermelhos, catalíticos.

Joalharia Mergulhão
Fornecedora
do Corpo Diplomático
— Fundada em 1895 —
ARTÍSTICAS
162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — LISBOA

CHAVE D'OURO
O MELHOR CAFÉ...



Fracasso
não é comigo!

O esforço intelectual desgasta o sistema nervoso.
Se as células nervosas não forem abastecidas dos nutrientes de que carecem para se reconstituir, o sistema nervoso desiquilibra-se e todo o trabalho se torna cansativo e pouco rendoso.
Sanatogen alimenta as células nervosas fornecendo-lhes toda a proteína concentrada, fósforo orgânico e vitaminas que elas necessitam, mantendo o equilíbrio e eficiência.
É por isso que, com Sanatogen não há fracasso!

Sanatogen
THE PROTEIN NERVE TONIC
diese PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.
Av. da República, 46 r/c LISBOA1

...las as comissões do V Centenário de Cabral

...ncia do ...conta a ...overno, ...omissão ...ecutiva, ...orien...nemora... ...nasci... Cabral, ...o res... como ...ua exe...

...passa a ...eng.º ... Estado ...o Con...

...selho; brigadeiro Bettencourt Rodrigues, ministro do Exército; comodoro Manuel Crespo, ministro da Marinha; dr. Franco Nogueira, ministro dos Negócios Estrangeiros; prof. Silva Cunha, ministro do Ultramar; dr. Hermano Saraiva, ministro da Educação Nacional; brigadeiro Fernando de Oliveira, secretário de Estado da Aeronáutica; dr. Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação e Turismo; D. António dos Reis Rodrigues, bispo de Madarsuma; prof. Petrony de Abreu Faro, presidente do Instituto de Alta Cultura; prof. Moses Amzalak, presidente da Academia das Ciências; prof. Lopes de Almeida, presidente da Academia Portuguesa de História; eng.º Krus Abecassis, presidente da Junta de Investigações do Ultramar; prof. Adriano Moreira, presidente da Sociedade de Geografia; dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação de Calouste Gulbenkian; embaixadores Teotónio Pereira e Nobre de Melo; profs. Hernâni Cidade, Vitorino Nemésio e Armando Cortesão; dr. Nuno Simões; e comandante Teixeira da Mota.

Compõem a segunda os srs. prof. Lopes de Almeida, almirante Henrique Tenreiro, drs. Aureliano Felismino, Caldeira Coelho e Sousa Barriga, e Luís Forjaz Trigueiros.

Desperdiçar não é grandeza. Coloque as suas economias em objectos que valham.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

LIBRAS OURO
Começaram a sair as libras na PASTA COUTO VULGAR
1.º 2.º 3.º 4.º 5.º 6.º 7.º
JÁ ANUNCIADAS
8.º) — DIONÍSIO G. DO VALE — PORTO
9.º) — J. GONÇALVES SILVA — LISBOA
A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras. mas a Pasta Medicinal Couto,
DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES

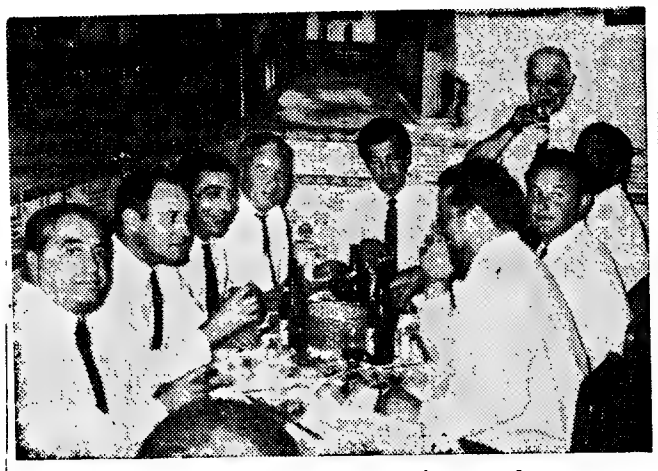
CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO * LISBOA * QUELUZ

CHECOSLOVACOS JUGOSLAVOS E FINLANDESES visitaram o Totobola

Encontram-se em Lisboa directores das organizações de apostas mútuas desportivas da Checoslováquia, Jugoslávia e Finlândia, que participaram no recente Congresso do Intertoto, em Madrid, o mesmo em que se verificou a eleição do dr. Ricardo Jorge Correia da Fonseca para o Comité directivo daquele organismo

Aquelas delegações estrangeiras foram recebidas pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, dr. Lino Neto, e visitaram demoradamente o Totobola, interessando-se por todos os pormenores da Organização, que lhe mereceram amplos elogios. Também no Totobola, os visitantes tiveram várias sessões de trabalho.

Foram-lhes proporcionadas, ainda, visitas ao departamento de Lotarias da Santa Casa da Misericórdia e ao Centro de Medicina de Alcoitão, modelar estabelecimento hospitalar construído com verbas do Totobola.



Os bem dispostos e alegres gastrónomos da gravura ilustram de forma incisiva o recomeço das chispalhadas na Adega Mesquita

ESCOLA DE EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Na Avenida Barbosa du Bocage, 83, 1.º, o Centro de Estudos Domésticos, dirigido pela secção feminina da Opus Dei, promove diversos cursos de decoração, cozinha e administração doméstica.

Informações podem ser pedidas pelo telefone 77 81 64

ESCOLAS PRIMÁRIAS

Por portaria conjunta emanada dos Ministérios das Obras Publicas e da Educação Nacional vão ser introduzidos no Plano de Construções Escolares para o Ensino Primário ajustamentos relativos á localização e agrupamento dos edifícios escolares.

LÃ DO ALENTEJO VENDIDA EM LISBOA

Nas instalações do Consórcio Laneiro de Portugal fez-se esta tarde, o grande leilão anual para venda da lã proveniente das tosquias feitas em quase todos os distritos do Alentejo e de alguns das Beiras.

Foram assim á praça, sob preços-base estabelecidos pela Junta Nacional dos Produtos Pecuários, cerca de cem toneladas daquele produto, assim distribuído em 75 lotes:

Lãs sujas 11 000 kg; lãs lavadas 9300 kg; lãs penteadas, 64 600 kg; «Blousses» 5600; desperdícios 5400.

Licitaram os lotes apresentados neste 84.º leilão vários compradores, entre os quais industriais de vários ramos de actividade.

GRÉMIO DOS COMERCIANTES DE LÃS E FIBRAS

Foram eleitos os novos corpos gerentes do Grémio Nacional dos Comerciantes de Lãs e Fibras, que ficaram assim constituídos: **Mesa da assembleia e do conselho geral:** presidente, Rodrigues & Bicho, Lda.; secretário, Eduard Katzenstein, Lda., e SIMOL — Sociedade Industrial e Mercantil dos Olivais, Lda.; **Direcção:** António Alves e C.ª, Filhos, Sucessores; Industrilã, S. A. R. L.; A Mengas Alves, Lda.; Comundo — Consócio Mundial de Exportação e Importação, S. A. R. L.; e Alves Raposo, Lda.

A presidência do Grémio foi entregue ao sr. António Mengas Alves.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANÍBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Centro Cultural Português de Paris

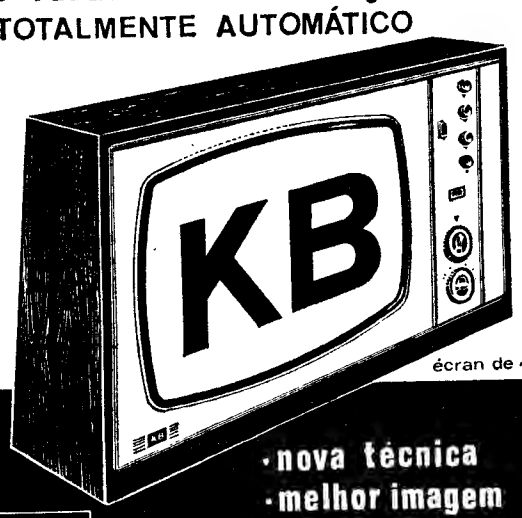
PARIS, 17. — (F. P.) — Sob os auspícios da Fundação Calouste Gulbenkian, o prof. Luís Heitor Corrêa de Azevedo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, fez ontem á noite no Centro Cultural Português de Paris uma conferência sobre «A musica portuguesa na corte do Rio de Janeiro».

Corrêa de Azevedo evocou os compositores que acompanharam os soberanos portugueses ao Brasil na altura da invasão napoleónica. Entre a assistência viam-se o embaixador do Brasil e o embaixador de Portugal junto da O. C. D. E.

Seguiu-se uma recepção oferecida pelo director do Centro Cultural Português, dr. Veríssimo Serrão.

O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE

TOTALMENTE AUTOMÁTICO



écran de 49 cm.

· nova técnica
· melhor imagem
· melhor som

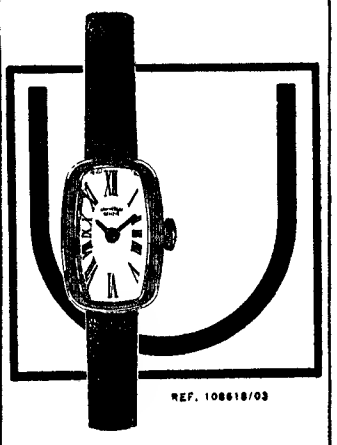
KB

A GRANDE MARCA INGLESA

UM TELEVISOR DE PRESTIGIO INTERNACIONAL

À VENDA NAS BOAS LOJAS DE ELECTRODOMÉSTICOS

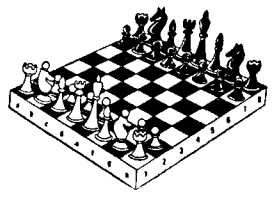
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
RAFAEL BURGUETE, LDA.
LISBOA — Rua António Enes, 20, 1.º — Telefone 533057
PORTO — Rua Formosa, 172 — Telefone 26902



UNIVERSAL — o relógio com o qual outro belo relógio gostaria de se poder parecer. Mas um costureiro de relojoaria não se improvisa, cria-se!

UNIVERSAL GENEVE
le couturier de la montre

JOGO DO XADREZ POPULAR



Completo, com marcas e marcas e intsruções para o jogar — **Cada 10$00.**

Envia-se pelo correio sem mais despesas, a importância pode ser enviada em selos do correio

Pedidos a
M. A. NASCIMENTO
Apartado 265 — PORTO

DINHEIRO

S/ AUTOMÓVEIS

Empresta-se em boas condições. Transacções rápidas. Sigilo absoluto.

SONIPAL
R. CONDE REDONDO, 14-2.º
TELEFNS. 52248-556580

ALUGUER SEM CONDUTOR

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS

★

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B.
Telefs.: 72 76 54 - 72 49 75
LISBOA

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4 %	—	—	525$
Consolidado 3 %	—	—	545$
Consolidado 3 1/2 %	—	—	650$
Centenários 4 %	1.480$	1.480$	1.485$
Obrigs Tesouro 5 %	1.000$	1.000$	1.001$
Externo 1.ª Série	—	775$	800$
Externo 1.ª Série c.	—	845$	850$
Externo 3.ª Série	840$	830$	840$
Externo 3.ª Série c.	900$	900$	920$
Cautelas 3.ª Série	—	200$	—
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5 %	—	—	485$
A P T 5 % 56	—	—	940$
A P T 5 % 58	—	—	—
C P 4 1/2 % 65	920$	920$	—
C P 5 1/2 % 67	1.019$	1.017$	—
C U F 6 %	990$	—	990$
C U F 6 % 68	—	—	1.000$
Gás Elect 4 % 48	—	850$	—
Gás Elect 4 1/2 % 51	—	890$	—
Gás Elect 5 % 52	—	905$	910$
Gás Elect 5 % 58	900$	880$	—
Gás Elect 5 % 59	—	880$	910$
Gás Elect 5 % 62	—	915$	—
Gás Elect 5 % 63	—	915$	—
Gás Elect 5 % 65	—	900$	920$
Gás Elect 5 % 67	1.020$	1.017$	1.025$
H E A. Alentejo 5 %	—	825$	—
H E Cávado 5 %	—	836$	—
H E Cávado 6 %	1.000$	995$	1.000$
H E Douro 5 %	—	—	—
H E Douro 6 %	1.000$	—	—
H E Norte Port. 5 %	—	—	—
H E S Estrela 6 %	1.000$	—	—
H E Zêzere 5 % 55	—	845$	—
H E Zêzere 5 % 57	—	840$	—
Lisnave 6 %	1.002$	1.001$	—
Metropolitano 4 %	—	900$	905$
Metropolitano 5 3/4 %	—	1.004$	1.010$
Moçambique 5 %	—	720$	780$
Nac Electr 5 %	—	835$	—
Nitratos 5 %	—	—	840$
Nitratos 5 % 60	—	—	—
Petroquímica 5 %	850$	845$	855$
Port Celul 5 %	—	—	—
Sacor 5 % 54	—	920$	940$
Sacor 5 % 60	—	850$	—
Siderurgia 5 % 2.ª	—	820$	—
Siderurgia 5 % 3.ª	—	835$	845$
Siderurgia 5 % 4.ª	—	825$	835$
Sonefe 5 %	—	800$	830$
T A P 4 %	—	910$	—
Termoelect Port 5 %	—	—	—
U E P 3 3/4 %	—	—	—
U E P 4 %	—	82$	85$
U E P 4 1/2 %	—	88$	—
U E P 5 %	82$	81$5	82$5
U E P 5 % 60	—	—	870$
U E P 5 % 63	850$	—	860$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	—	940$	945$
Alentejo	600$	595$	602$
Angola	—	1.450$	1.470$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	—	—
E Santo	—	13.400$	—
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p	—	—	—
L. & Açores p.	—	—	—
L. & Açores n.	—	—	—
P Atlântico p.	—	—	—
Portugal n	—	2.240$	2.250$
Portugal p.	—	—	2.500$
Totta Aliança	4.300$	4.250$	4.350$
Ultramarino n.	1.380$	1.375$	1.385$
Ultramarino p.	1.595$	1.592$	1.597$
Seguros			
Alentejo	—	75$	80$
Douro	—	800$	950$
Mundial	373$	370$	374$
Sagres	—	—	1.190$
Tranquilidade	—	40.000$	45.000$
Ultramarina	—	8.500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	700$	710$
Ag Cassequel	—	525$	535$
Ag Incomati	—	1 150$	—
Ag. Neves	110$	110$	—
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	140$
Boror	—	110$	125$
Buzi	—	60$	65$
Cabinda	—	91$	95$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diomantes Angola	1.130$	1.130$	1.135$
H E Revué	—	600$	—
Ilha do Príncipe	—	500$	—
Moçambique	—	49$	52$
Sonefe n.	—	—	—
Sonefe p.	—	260$	267$
Zambézia	—	42$5	44$
Diversas			
Cidla	—	7.100$	7.300$
Cim Leiria	—	1.720$	1.800$
Cim Tejo	—	2.450$	—
Col Navegação	—	—	—
C U F	995$	993$	997$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	—	—
Petroquímica	—	—	—
Port e Colónias	—	1.295$	1.300$
Port Celulose	3.050$	3.040$	3 060$
Port Pesca	—	620$	—
Port Tabacos	448$	447$	448$
Sacor	—	4.700$	4.770$
Siderurgia Nac	—	1.060$	—
Soce	2.080$	2.070$	2.080$
Tabacos de Portugal	—	820$	—
Tabaqueira	7.200$	7.200$	7.300$
U F Azoto	—	680$	700$
Água, Electricidade e Gás			
Águas Lisboa p	—	385$	395$
Águas Lisboa 34	390$	385$	395$
Águas Lisboa 36	—	—	—
Eléct Beiras	—	1.500$	1.600$
Gás Electr	379$	378$5	379$5
H E Alto Alentejo	158$	157$5	158$5
H E Cávado	—	—	1.250$
H E Douro	1.202$	1 201$	1.202$
H E Norte Portugal	—	—	—
H E S Estrela	—	—	1.750$
H E Zêzere	1.325$	1.320$	1.330$
Nac Electricidade	1.310$	1.305$	1.320$
Temoeléctr Port	—	1.320$	1.335$
U E P	185$5	—	—
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	146$6	151$
F I D E S	—	102$7	105$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	10/10/68	16/10/68	17/10/68
GERAL	103,1	103.0	**103,0**
METROP.	102,6	102,6	**102,5**
ULTRAM.	106,9	106,1	**106,9**

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	36$00	38$50
América:		
Dollars de 1 a 2	28$25	28$65
Dollars de 5 a 100	28$45	28$85
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$1[illegible]	7$30
Argentina — Peso	—$—	—$—
Áustria — Schilling	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	8$50
Espanha — Peseta	$40	$41,5
Holanda — Florim	7$8[illegible]	8$05
Inglaterra — Libra	67$3[illegible]	69$50
Itália — Lira	$04,52	$04,7
Marrocos — Dirham	4$65	5$15
Bélgica — Franco	$55	$57
França — Franco	5$50	5$85
Suíça — Franco	6$58	6$78
Dinamarca — Coroa	3$70	4$05
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	315$00	330$00
Inglaterra — 1/2 Libra	220$00	240$00
Ouro Fino — Barra	36$00	38$50

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, S. A. R. L.

Capital ..... **320 000 000$00**
F. de Reserva **270 000 000$00**
Sede em Lisboa na Rua do Comércio, n.os 95 a 119

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

São convocados os senhores accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Extraordinária no próximo dia 6 de Novembro, ás 16 horas, na sede do Banco para deliberarem sobre propostas do Conselho de Administração relativas:

1.º — ao aumento do capital social por incorporação de reservas;
2.º — à consequente alteração dos artigos 4.º e 5.º dos Estatutos;
3.º — à alteração dos demais artigos dos Estatutos que a Assembleia entenda conveniente reformar.

Lisboa 14 de Outubro de 1968.

O VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
(Eng.º António Rodrigues dos Santos Pedroso)

António Júlio Lopes

(LOPES DA VACUM)

FALECEU

CÂNDIDA FERREIRA TALHADAS, e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento, e que o funeral se realizou ontem, da sua residência, Rua da Junqueira, n.º 274-1.º, Esq.º, para o cemitério da Ajuda, não tendo sido feitas participações, por determinação expressa do Finado.

ANTIGA AGÊNCIA LOURENÇO
Rua da Junqueira, 396
Telef. 638026

1 X 2

FIQUE MILIONÁRIO JOGANDO NO AGENTE MAIS PRÓXIMO DA SUA CASA OU DO EMPREGO

ROSSIO (R. DO AMPARO, 2)
CAMPIÃO & CIA.
Faz milionários desde 840

P FIGUEIRA (R AMPARO, 21)
CAMPIÃO & CIA.
Apostas de 3$ a 2 39 484$50

R DE DEZEMBRO, 65
TABAC. DO CAFÉ NACIONAL
Tabacos - Bijouterias - Totobola

AV DA LIBERDADE, 26
TABACARIA DO CAFÉ LISBOA
Jogue nas nossas séries

R DA PALMA, 43
CASA TRAVASSOS
Sempre dinheiro aos maços

R DO ARSENAL, 78
CAMBISTA TESTA
Jogue no Testa e terá festa

R CONDE REDONDO, 93-B
CAMPIÃO & CIA.
Lotarias e Totobola

R. ACTOR ISIDORO, -A
HAVANEZA DA ALAMEDA
Tabacarias-Novidades-Livraria

PRAÇA DO AREEIRO, 5-A
CAMPIÃO & CIA.
Sempre bons prémios

LARGO DO CHIADO, 15
TABACARIA NEVES
Adquira as nossas «décimais»

LARGO DO CARMO
QUIOSQUE DO CARMO
Valores selados-Lotaria

R D JOÃO V, 15-C/17-A
«EQUIPA»
Tabacos-Livros-Novidades

R MORAIS SOARES, 101
CAMPIÃO & CIA.
Faz milionários há um século

AV. DE ROMA, 2-D
TABACARIA DA P. CAPRI
Tabacos-Revistas-Jornais

AV. DE MOSCAVIDE, 113
CAMPIÃO & CIA.
Jogue e a «sua hora» chegará

ROSSIO, 42
CASA TRAVASSOS
Sempre dinheiro às mãos cheias

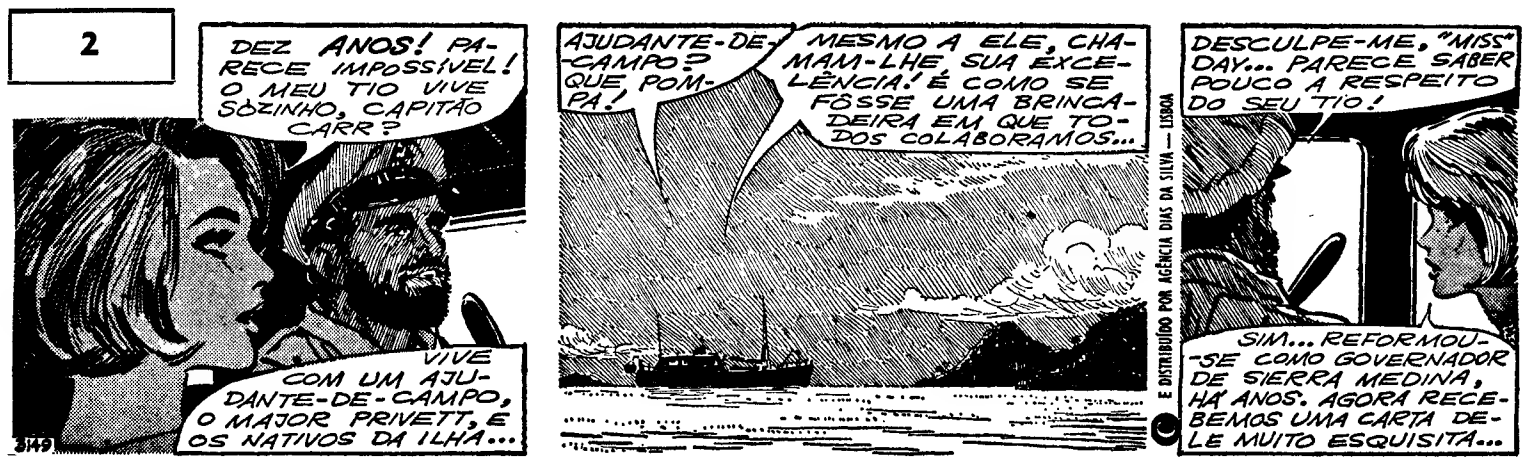
O PALPITE DE HOJE É DO QUISQUE DO CARMO
1-X-1-1-2-X-2-2-2-X-2-1-1
LARGO DO CARMO

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

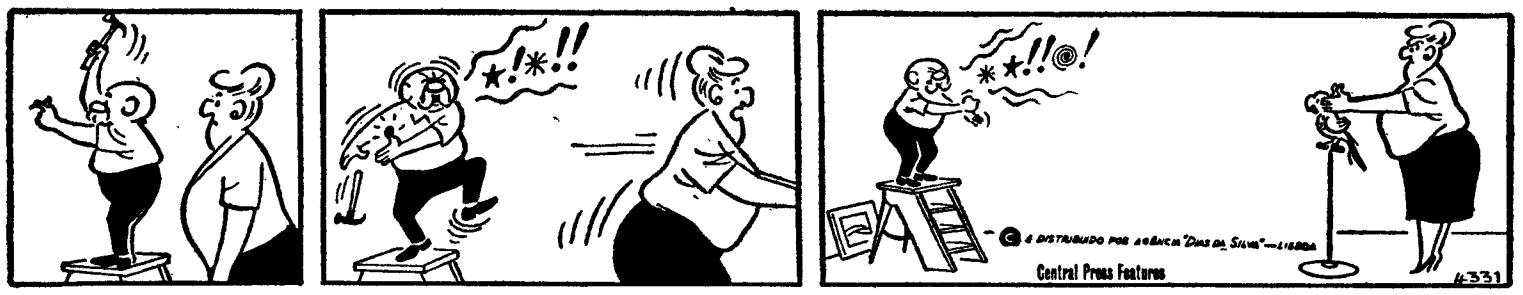
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

Os Peanuts

Carol Day



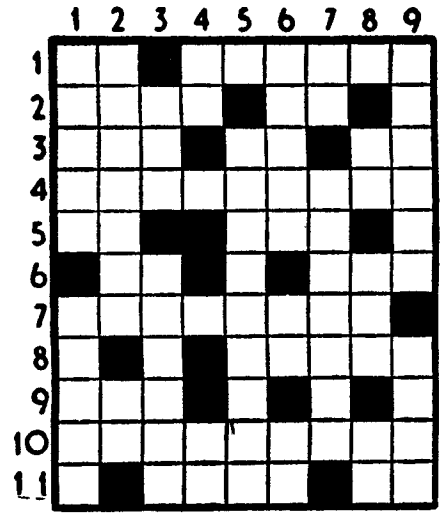
Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 4972



HORIZONTAIS: 1 — Certo. Esposa. 2 — Abastada. Em porções iguais (abrev. quím.). 3 — Indivisível. Símbolo químico do cromo. Antes de Cristo. 4 — Fartote. 5 — Qualquer. Calamidade. 6 — Dormir (infantil). Rio dos distritos de Braga e Porto. 7 — Arrefecera. 8 — Cavalo pequeno e fraco. 9 — Cidade da Turquia asiática, à beira de um lago do mesmo nome. 10 — Extraordinário. 11 — Símbolo da Aviação. Preposição.

VERTICAIS: 1 — Ave de rapina, de grande porte, que devora a carne de animais mortos. Manda. 2 — Escavamos. Prefixo de privação. 3 — Colorido. Ultraje. 4 — Imperfeita. Artigo (pl.). 5 — Oimeira pequena (inflorescência). 6 — Vasta. Preposição e artigo. Pertences. 7 — Existe. Navegador espanhol, do séc. XVI, que descobriu a Califórnia. 8 — Prefixo que designa direcção. Segue. A ti. 9 — Revista. Enfadam.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4971

HORIZONTAIS: 1 — Tosse. Rés. 2 — Riu. JURA. 3 — Erram. 4 — Op. Réu. MÁ. 5 — Legas. Dar. 6 — Edam. Cair. 7 — Aro. Serão. 8 — Rã. Toa. Se. 9 — SOBRE. 10 — Arem. VIII. 11 — Sam. Casal.

VERTICAIS: 1 — Coleorias. 2 — Or. PEDRA. Ra. 3 — Sie. Gao. Sem. 4 — Surram. Tam. 5 — Res. Sob. 6 — Jaú. Ceária. 7 — Rum. Dar. Eis. 8 — Er. Maias. VÁ. 9 — Samarrões.

(Provérbio: JURA MÁ, SOBRE PEDRA VÁ)

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8816

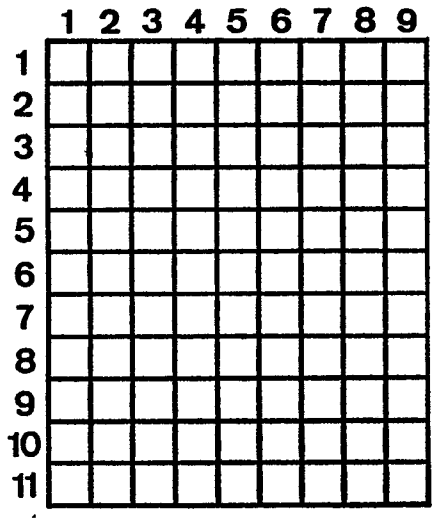
HORIZONTAIS: 1 — Causa amuo a. Pegas. 2 — Admoestado. 3 — Olé. Um milhar. 4 — Nota musical. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia. Em partes iguais. 5 — Guarnece de arames. 6 — Arremessava. 7 — Cruel. Base aérea portuguesa. 8 — Espírito. Rio da Alemanha. 9 — Pronome reflexo. Tempo do verbo ir. Cobalto (s. q.). 10 — Tenebrosa. Lavram. 11 — Rente. Larva das feridas dos animais.

VERTICAIS: 1 — Além. Emparelhar. 2 — Caixa de madeira revestida de couro ou lona. Nome de mulher. 3 — Emprega. Peixe escômbrida do Algarve. Reis. 4 — Abreviatura de átomo. Apelido. Azáfama. 5 — Soluçara. 6 — Prata (s. q.). Gosta muito de. Cólera. 7 — Figura que simboliza o povo americano. Antepassados. Estrépito de desmoronamento. 8 — Transfere para outro dia. Acomoter. 9 — Pôr solas em. Perfume.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8815

HORIZONTAIS: 1 — Minho. 2 — A.C. Rua. Só. 3 — Cãs. Par. 4 — Apalaçada. 5 — Dama. Apor. 6 — Arola. 7 — Goa. 8 — Cara. Doma. 9 — Além. Arém. 10 — Ota. Ana. 11 — Saldariam.

VERTICAIS: 1 — Sacada. Caos. 2 — Capa. Falta. 3 — Sama. Real. 4 — Ir. Largam. 5 — Nuca. Oó. Fá. 6 — Há. Calada. 7 — Papa. Orai. 8 — Sado. Amena. 9 — Morara. Amam.



CAMINHOS DE FERRO PEGO E ALVEGA

Comunica-nos a C. P. que todas as estações de caminho-de-ferro despacham mercadorias, incluindo pequenos volumes, para Pego-Central e Alvega-Central e bem assim para as localidades de Rossio ao Sul do Tejo, Concavada e Casa Branca (Alvega).

Por seu turno, nos Despachos Centrais de Pego e Alvega expedem-se igualmente mercadorias, incluindo pequenos volumes, para qualquer estação de caminho-de-ferro ou para qualquer localidade servida pela camionagem combinada.

180 CONTOS RENDEM-LHE 1.125$00 MENSAIS — JURO DE 8 %

J. PIMENTA

ANDARES

APARTAMENTOS MOBILADOS

UMA ORGANIZAÇÃO ANTIGA E CONCEITUADA MAS MODERNA

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Um magnífico conjunto situado perto do mercado e estação de Paço d'Arcos com vista excepcional de mar de todas as janelas terá acabamentos especiais com materiais de longa duração inclusive caixilharia em alumínio

ANDARES DE 3 A 10 DIVISÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L e J. PIMENTA, LDA.

Possuem propriedades para venda desde 120 contos na Reboleira — Amadora Centro da Amadora frente à estação do C. F., Portas de Benfica, Parede Alapraia e brevemente em Cascais e Lisboa.

NÃO CONFUNDA UMA ORGANIZAÇÃO DE BEM SERVIR COM SIMILARES

INFORMAÇÕES.

Lisboa — R. Conde Redondo 53, 4.º Esq.º — Tel 47843 e 45843
Queluz — R. D Maria I, 30 — Telefs 952021 e 952022
Amadora — Reboleira — Tel. 933678

MORADIA EM CASCAIS

Av. Marechal Carmona, N.º 30

Vende-se, com 11 assoalhadas, sendo algumas excepcionalmente grandes. 5 roupeiros, 3 casas de banho, lavabo, 3 halls, grande cozinha, despensa, lavanderia, garagem, enormes varandas, jardim, vistas agradáveis. Área 1050 m2

TRATA-SE NO LOCAL

●

MORADIAS NO ALTO DE PAÇO D'ARCOS

RUA JOSÉ FERRÃO CASTELO BRANCO

Compondo-se de r/c, 1. andar e garagem, 10 casas assoalhadas, cozinha, lavabos, etc.

PREÇO 1.500 CONTOS

Em construção com acabamentos ao gosto dos interessados

INFORMAÇÕES: **No próprio local ou nesta organização.**

AZULEJOS

Nacionais e Estrangeiros
DESDE $60

Distribuidores exclusivos nos distritos de Lisboa e Setúbal dos azulejos Celena

BANHEIRAS DE FUNDIÇÃO E CHAPA ESMALTADA

Grande quantidade de polibains de ferro fundido

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

PLASTICO PVC RIGIDO

Distribuidores exclusivos do material plástico PVC rígido, para revestimentos de paredes, tectos, divisórias para escritórios, portas extensíveis e planas e chapas de cobertura da Fábrica de Plásticos Valverde

A BOA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

A maior gama de materiais de construção especialmente revestimentos, tintas, drogas ferragens e ferramentas

●

J. PIMENTA, LDA.

RUA D. MARIA I, 30 QUELUZ
PRAÇA PADRE EDUARDO FERREIRA DO AMARAL, 3-A AMADORA
(Junto ao Jardim Parque)

Baterias

AUTOSIL estabeleceu há 15 anos

o sistema de venda de baterias

.....

valorizando

e recebendo em troca

a bateria inutilizada

para **Preços de Troca**

consulte a TABELA AUTOSIL

Todos os AGENTES AUTOSIL

cumprem rigorosamente

as valorizações estabelecidas

pela fábrica Autosil

para defesa do consumidor

av. 24 de Julho, 26-B
telef. 661583-LISBOA
Largo do Mercado, 38
telef. 242 14—FARO

AUTOSIL

rua D. João IV, 643 a 656
telef. 235 66—PORTO
rua Nuno Velho Pereira
SANTARÉM

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

BAQUELITES E EBONITES

EM CHAPAS, TUBOS E VARÕES
CARTÃO HIDRÁULICO DESDE 0,10 a 4 m/m
FIOS ESMALTADOS DESDE 0,05 a 2,5 m/m
TUBOS, FITAS E TELAS ENVERNIZADAS

VENDE AOS MELHORES PREÇOS

SOCIEDADE CENTRAL DE VENDAS, LDA.

Rua dos Fanqueiros, 262-3.º — LISBOA — Telef. 36 61 87

TERMO-ACUMULADORES ELÉCTRICOS

VENDEM-SE BARATOS

Trata telefones 32 18 15 — 36 19 01

PR. S. PAULO, 19-2.º-D.º — LISBOA

CAXARIAS-NORTE

†

JOAQUIM PEREIRA ISABEL

Missa do 7.º dia

Seus filhos, noras, netos e mais família participam que no dia 19 será celebrada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de Caxarias-Norte, às 17 horas, agradecendo a comparência de todos os que se dignarem assistir ao piedoso acto.

CAXARIAS-NORTE

†

JOAQUIM PEREIRA ISABEL

Missa do 7.º dia

O pessoal dos Escritórios e operários da Fábrica da MADECA — Madeiras de Caxarias, Lda. participam que no dia 19 será celebrada missa pelo seu eterno descanso, na Igreja de Caxarias-Norte, às 17 horas, agradecendo a comparência de todos os que se dignarem assistir ao piedoso acto.

O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp.ª C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng.º Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

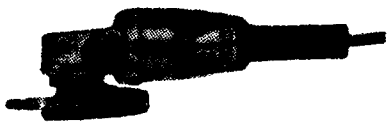
AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES — FACULTAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis
Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE» «EVOTRUFE» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.
FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

R. de S. Nicolau, 41, 3.º — LISBOA-2 — Telefs. 361805-322118



FERRAMENTAS ELÉCTRICAS PORTÁTEIS RUPES (MILÃO) O QUE HÁ DE MELHOR E MAIS ECONÓMICO

Distribuidores:

H. CABRAL & SARZEDAS, L.DA

LISBOA — AV. DO BRASIL, 41-B
PORTO — RUA DA ALEGRIA, 294

REBARBADORAS MONOFÁSICAS E TRIFÁSICAS, BERBEQUINS, RECTIFICADORAS DE FÓRMICA, LIXADEIRAS, ELECTRO-SOPRADORAS, ETC., ETC.

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2.º TELEF. 369384

HOJE PODE VER...

AVENTURAS E AGRURAS DE UM REPÓRTER

em «Riso e Ritmo»

Nicholson (Francisco) e Cortez (Armando) apresentam, esta noite, mais um espectáculo de «Riso e Ritmo». Haverá humor, música e canções. Durante uma hora, no pequeno «écran», o desfile procurará, sempre, os caminhos do Riso *e do* Ritmo. *Assim o orientaram sem dúvida, a dupla produtora e o realizador Luís Andrade. Para tanto, reuniram um elenco numeroso com nomes de cartaz e de êxito. Será um longo desfile: Mariema (cuja presença não é muito assídua na TV), Mafalda Sofia, Maria da Fé, Maria Armanda, Susy Paula, Maria da Nazaré, João Fernando, Conjunto Sem Nome, Canto e Castro, Sandra Valente, Ana Zanatti, Maria José Tavares, Octávio de Matos, Henrique Viana, Júlio Martins, Branca Vitória e Luís Pinhão, além, claro, dos próprios Nicholson e Cortez. A orquestra estará a cargo de Joaquim Luís Gomes.*

Cortês e Nicholson, Nicholson e Cortês: uma dupla feliz, vitoriosa. O humor tem sido um caminho trilhado com o êxito. Na TV, o humor Cortês e Nicholson (Nicholson e Cortês) chama-se «Riso e Ritmo»

Dentro da linha imprimida ao programa, este terá um fio condutor, uma história (fantasiosa, é evidente) que ligará todo o espectáculo.

Desta vez, verão as agruras e desventuras de um jornalista, de um repórter em bolandas, sempre correndo em serviço, registando partidas e chegadas de vedetas e celebridades (pobres celebridades, tantas das vezes, ocas e pura de-

Uma voz, uma presença pouco assíduas na pautalha da R. T. P.: Mariema. Canta e representa bem. É vedeta aplaudida e triunfante

silusão...) e comparecendo a almoços que se sobrepõem, mas que é preciso noticiar (oh as vedetas, os magnates poderosos e os «fans» das vedetas...) Mas há pior ainda: para mal dos pecados do pobre agoniado repórter, a ementa desses é sempre a mesma. Trata-se, claro, de uma especialidade da terra! Entretanto, no jornal, vai a azáfama trepidante de todos os dias. O chefe de Redacção dá ordens e mais ordens (e o pobre do repórter lá vai, de almoço em almoço, mais morto do que vivo), enquanto um *estimado leitor* o bombardeia com alvitres e protestos, ditando campanhas, reparos destruidores, pois está tudo que é uma vergonha, a cidade só tem erros, falhas e problemas e o jornal tem de pôr tudo nos eixos. E o *sr. Queixinhas* (é assim que ele é identificado) vai falando, criticando, protestando...

E claro que, salpicando a anedota, não faltam canções. Muitas canções. Há uma, por exemplo, intitulada «Canção dos intelectuais» onde, a certa altura, se diz:

... ...
Somos intelectuais
Somos muito mais
Que outro qualquer
Temos
Ideias gerais
Que nem os jornais
se atrevem a ter
... ...

Ah!... Há também, a *menina bem*. Cantada assim:

Menina bem que à noite
saia
de mini-saia
Vai, é sabido,
Com um ar enfatuado
Cantar um fado
Lento ou corrido
Fala em toureiros, estremece
que até parece
aficionada
Mas, no final, em resumo
faz um consumo
Não faz mais nada
... ...

Será assim, mais ou menos, «Riso e Ritmo» desta noite, na R. T. P. Com um elenco numeroso e de cartaz. Incluindo o «Mau» (atenção ao «Mau», leitor amigo, cuidado com o «Mau».

A seguir virá a «coqueluche» do mês: *Os Jogos Olímpicos*. «Records» que se desfazem, nascem e morrem num só dia, na altitude mexicana. Com sol e calor e chuvada forte, á mistura.

*

Mas, cuidado. Cuidado com o «Mau»...

TV dia a dia

O QUE VIMOS E OUVIMOS...

NOITE DE TEATRO

A dama vai para o sul
o homem vai para o norte

pouca sorte
pouca sorte
pouca sorte
u u! u, u!

pouca sorte de quem não
vai para lado nenhum
só pra ver que tradução
da na pinha a cada um
o homem vai para o norte
a dama vai para o sul
e na discreta Albion
onde falo eu, falas tu
só para dizer «how do you do»
ké komo kem diz: «tá bom?»
nesta peça tudo é forte
em falar farto e taful
vai para o sul? vai pró norte?
vai pró norte? vai pró sul?
e o que é que vai fazer?
vai ver alguém, vai desver?
Não quer beber, nem comer?
Nem dançar nem al fazer?
tudo enquanto há um mal de morte
nos campos de John Bull
em que um homem vai pró norte
e uma dama vai para o sul
u u! u u!
pouca sorte
pouca sorte
vão para lá
vão para cá
pois vão, pois vão, vá quem vá
fico eu, que sou mais forte
para ver o festival
desta mentira a florir
a arte de se tingir
de basto intelectual
pra quê?, se ao fim cheira mal
como o que é, sem fingir?
Na peça há um tipo que tem
quatro contos — quase nada! —
calça bem e veste bem
tem valentíssima espada.
Ora quem com «massa» pouca
tanta coisa tenha assim
sei eu. Donde vens, «pilim»?
(Melhor é calar a boca...)
Há uma mulher a dias
e outra mulher ao balcão
e um «barman» parlapatão
e um velho jeremias
e um chófer de camião
todos com a comichão
de vesgas filosofias.
Entretanto
entre comboios — uu!, uu! —
na escuridão — bom recorte! —
uma dama vai pró sul
um homem vai para o norte
e afinal — pouca sorte
pouca sorte pouca sorte —
chegam comboios — uu! uu! —
ele que vai para o norte
e ela que vai para o sul
(de Londres? da Patagónia?)
cruzam-se mas não em Grew:
cruzam-se em Santa Apolónia...

M. C.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira — Programa da tarde; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, programa de Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Musica e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 2.º episódio do folhetim «Música no Coração»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Albert Raisner e a sua Harmónica; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 30: Noite de teatro «O Casamento da Condessa de Amieira», de Julio Dinis, adaptado por Leopoldo Araujo; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.º e 2.º actos da ópera «Simão Boccanegra» (Verdi); 18: Musica do século XX — Obras de Karol Szymanowsky; 19: Horizonte. Semanário de Letras e artes; 19 e 30: Folclore português — Canções populares; 19 e 45: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Concerto pelo Coro Gulbenkian, sob a direcção de Pierre Salzmann; 20 e 46: Esboços em ré maior K 251 (Mozart); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Sonata em fá maior op. 99 (Brahms); 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa — (Cultural em MF 2) — 94,3 mc/s — Às 23: Musica de piano; 23 e 30: «Catulli Carmina» — cantata (Carl Orff); 0 e 10: «Diocleciano ou o profetiza» — Suite (Henry Purcell); 0 e 24: Sonata em sol menor; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Noticiário; 20 e 15: Conjuntos vocais; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô (continuação); 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03. Banda Sonora; 2: FM-67: 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s Às 16: Programa C D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Crónica Feminina; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 20: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: A orquestra de F. Pourcel; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página um; 20 e 50: Semana Nacional do Ensino Religioso; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Valsas de sempre; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 30: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Semana Nacional do Ensino Religioso; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 2: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

HOJE NA TV

Às 19: Telejornal e Agenda da Praça; 19 e 10: Eurovisão — Jogos Olímpicos do México; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Vamos jogar no Totobola; 20 e 55: Parada da Industria; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 22 e 05: Variedades — «Riso e Ritmo»; 23 e 10: Eurovisão — Jogos Olímpicos do México; 0 e 40: Telejornal, Meditação e Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório da TV; 19: Telejornal; 19 e 10: Eurovisão — Jogos Olímpicos do México; 20 e 15: Quarto dos Brinquedos; 20 e 40: Vamos Dormir; 20 e 50: Sangue na Estrada; 21 e 5: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 50: Série de Aventuras — «Seaway»; 22 e 50: Eurovisão — Jogos Olímpicos do México; 1: Telejornal; Meditação e Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

QUEM SABE, SABE

POIS É. Quem sabe, sabe. E o leitor sabe bastante, com certeza. O queê?! Bem... Pequenas e grandes coisas, factos importantes ou pormenores miúdos da vida dos artistas, da gente da TV, do nosso mundo do espectáculo. «Quem sabe, sabe» é, afinal, um passatempo. Simples e inofensivo: faremos umas perguntas e o leitor responderá. Se quiser, é claro. Depois, depois veremos quantos acertaram. Enfim, é uma distracção: simples e inofensiva. E «quem sabe, sabe».

TELENOTÍCIAS

Brevemente a **R. T. P.** apresentará um programa de variedades subordinado ao tema do Outono, com António Calvário, Mara Abrantes, Gina Maria, Artur Garcia, Domingos Marques, Paulo Jorge e Helena Rocha acompanhados pela orquestra de Tavares Belo. Actuam também o Ballet Gulbenkian, Norberto Barroca e Laura Soveral.

Estiveram nos estúdios a gravar um programa de Fados (e guitarradas) os artistas Saudade dos Santos e Tristão da Silva.

Com apresentação de Artur Agostinho o realizador Adriano Nazareth dirigiu um programa de variedades com Luís Aguillé, Maria Valejo, Ballet Star Dancer's Milá Talaya, Grupo 5 e a acordeonista Eugénia Lima.

O programa conta ainda com a participação especial de Florbela Queirós e Ivone Silva.

TELERELÂMPAGO — TEL. 83 12 23
ASSISTÊNCIA PERMANENTE AO DOMICÍLIO DE TV

Lealdade e plena colaboração ao novo Presidente do Conselho

— compromisso assumido pelo Município de Lisboa

Ao presidir á reunião da Camara Municipal de Lisboa, que esta manhã se efectuou com a presença dos dois vice-presidentes e onze dos doze vereadores, o sr. general França Borges apresentou a seguinte proposta:

«Que esta Camara Municipal registe na acta da presente reunião o seu contentamento pela escolha do prof. dr. Marcello Caetano para Presidente do Conselho de Ministros; que lhe seja assegurada a lealdade e a plena colaboração desta Camara Municipal e a confiança absoluta em que, sob o seu Governo, o Mundo Português continuará percorrendo a estrada do seu destino, orgulhoso do seu passado e confiante no seu futuro.»

As afirmações do general França Borges

Antes de apresentar esta proposta, que foi, por sua sugestão, aprovada de pé, o presidente da Camara Municipal de Lisboa justificou-a salientando o facto de ser aquela a primeira reunião pública do Município depois do sr. prof. Marcello Caetano ter sido nomeado Presidente do Conselho. Fez um rasgado elogio do novo Chefe do Governo, afirmando que a Nação lhe deve relevantes serviços, como governante, como jurisconsulto e como professor universitário. Acentuou que a Camara Municipal de Lisboa lhe deve particular gratidão acrescentando:

— É o sr. prof. dr. Marcello Caetano lisboeta de nascimento e em diferentes oportunidades tem provado a sua particular devoção a tudo quanto respeita ao desenvolvimento e prestígio da cidade de Lisboa. Ele conhece como ninguém, em toda a profundidade e realidade do seu valor, as raízes de municipalismo e a vida ingrata e difícil dos concelhos do País e das suas administrações. Quanta luta travada na defesa da sua autonomia algumas vezes ameaçada! Estou certo de que os municípios não poderiam encontrar melhor defensor e maior amigo para a defesa e respeito dos seus justos interesses.

O sr. general França Borges, depois de se referir «á figura gloriosa, ímpar e histórica do Professor Doutor Oliveira Salazar por cuja vida a Nação reza todos os dias», considerou ter sido «num momento particularmente difícil no ambito nacional e internacional que assume a direcção superior do Governo o prof. dr. Marcello Caetano». E disse seguidamente:

— Ele saberá, com sua inteligência, saber, prestígio e bom-senso, defender Portugal dos seus inimigos internos e externos, ele procurará afincadamente tudo fazer para que a Nação prossiga ao encontro do seu futuro num ambiente de progresso e de justiça social mais fortemente unida e plena de fé.

Afirmou, ainda, esperar que ninguém lhe negará o seu apoio.

Depois da intervenção do presidente, o vereador sr. eng.º Santos e Costa referiu-se á solução política dada ao problema criado pela doença do Presidente Salazar, enaltecendo a figura deste e a do seu sucessor e a clarividência e o patriotismo do Chefe do Estado.

Lisboa separada do Tejo

O vereador sr. Sebastião Alves lamentou que a cidade não disponha de logradouros suficientes á beira do Tejo, afirmando a certa altura:

— O utilitarismo dos ultimos 150 anos, cego aos valores, sugeriu que se aproveirregras mais elementares de uma urbanização racional, estabeleceu uma cortina separadora de tijolo e ferro ao longo de toda a Ribeira de Lisboa, desde Sacavém a Algés! Na verdade, se quisermos contemplar as grandiosas vistas de Lisboa e do seu rio, havemos de fazê-lo da margem esquerda ou do alto do tabuleiro da Ponte Salazar. Os miradouros existentes nas duas margens parecem-me insuficientes e o rio, sobretudo, tem de ver-se ao longe, como coisa proibida! A sedução da água na sua panorâmica sedativa, tem, pelo menos, sido mal aproveitada.

E, em longas considerações sugeriu que se aproveitasse o mais possível o rio, como a sua mais valiosa riqueza e atracção turística, como sucede noutras cidades.

O sr. general França Borges, a propósito, anunciou que, quando o mercado abastecedor de frutas for transferido para os Olivais, será, no terreno livre, construído um grande restaurante.

Voluntários de Lisboa

O sr. Manuel Casimiro de Almeida agradeceu o despacho do presidente, determinando a alienação gratuita de terreno á Associação dos Bombeiros Voluntários de Lisboa, para efeitos de instalação do seu novo quartel-sede, quando ela comemora o seu centenário, discordando porém, da sua localização nos Olivais-Sul.

O sr. presidente fez o elogio das associações de bombeiros voluntários e dos seus notáveis serviços á população e á cidade. E leu a proposta referente aos Voluntários de Lisboa, que foi aprovada.

A próxima reunião pública efectua-se a 21 de Novembro

VIDA POLÍTICA

Presidente do Conselho

O prof. dr. Marcello Caetano recebeu hoje o ministro da Justiça e o reitor da Universidade de Coimbra.

● Ministro de Estado

O eng.º Vaz Pinto presidiu esta manhã a uma reunião dos serviços de planeamento regional no âmbito do Plano de Fomento, em que participaram os srs. Nuno Morgado, director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, e João Salgueiro e Miguel Caetano, directores do mesmo secretariado.

Ainda de manhã, o sr. eng.º Vaz Pinto recebeu o ministro da Defesa Nacional. À tarde, o ministro de Estado recebeu os governadores civis de Castelo Branco, Coimbra e Leiria.

● Ministro das Obras Públicas

O sr. eng.º Rui Sanches, recebeu no seu gabinete de trabalho, durante a manhã, as seguintes individualidades: governador civil de Évora; eng.º Camilo de Mendonça; presidente da Corporação da industria; presidente da Camara Municipal de Oeiras; governador civil de Aveiro, acompanhado por uma representação do concelho de Feira que veio solicitar o auxílio financeiro do Estado para a obra de construção da estrada entre Vila da Feira e Arrifana, cuja execução orça em 5 mil contos; governador civil de Santarém, com o presidente da Camara de Abrantes; governador civil de Vila Real, acompanhado pelo presidente do Município da Régua, que vieram tratar de assuntos de grande interesse para o concelho, designadamente o mercado municipal, o matadouro e as estradas; presidentes dos municípios de Amarante e de Porto Santo; e o governador civil de Leiria com o dr. Brás Medeiros.

● Ministro das Corporações

O prof. dr. Gonçalves de Proença recebeu, hoje, ao fim da tarde, o presidente da Instituição Federal de Emprego e Desemprego da República Federal da Alemanha, sr. Josef Stingl, e os funcionários superiores do mesmo organismo srs. Fritz Wolf e Meizel Welcken, com os quais trocou impressões sobre as actividades daquela insfituição

● Ministro das Comunicações

O eng.º Canto Moniz recebeu o governador civil do Porto, acompanhado pelo presidente da Câmara daquela cidade

● Educação Nacional

O dr. José Hermano Saraiva deslocou-se á sede do Comissariado da Mocidade Portuguesa, a qual visitou, tendo, depois, uma reunião de trabalho, no salão nobre do Palácio da Independência, com o comissário nacional, sr. tenente-coronel Gomes Bessa, e outros dirigentes daquela organização.

Perto do meio-dia, o ministro recebeu o reitor da Universidade de Coimbra.

Por seu turno, o subsecretário de Estado da Administração Escolar esteve de visita á Escola Técnica Elementar Francisco de Arruda, onde se inteirou das actividades do ciclo preparatório, ali em pleno funcionamento.

● Secretaria de Estado da Indústria

O eng.º Amaro da Costa, secretário de Estado da Indústria, desloca-se, amanhã, á Central do Carregado, acompanhado dos directores-gerais dos combustíveis e dos serviços eléctricos.

NOVO VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

O general Alberto Andrade e Silva, que dirigia até este momento a Academia Militar, foi nomeado vice-chefe do Estado-Maior do Exército.

O general Andrade e Silva sucede neste cargo ao general Sá Viana Rebelo, actualmente ministro da Defesa Nacional.

O gen. Andrade e Silva assume oficialmente na 2.ª-feira as novas funções e despediu-se hoje, no aquartelamento da Amadora, dos seus colaboradores, deslocando-se com propósito idêntico amanhã ás dependências da Academia no Paço da Rainha.

À VOLTA DO CONCURSO «MISS OBJECTIVA»

(Continua na página central)

-escola. Era o dia do aniversário do meu pai, que também foi professor primário.

«DE CALÇAS NÃO ENTRA», disse o porteiro na nova Assemleia Nacional Legislativa de São Paulo, um gigantesco edifício forrado a grade de alumínio pelo exterior e de cristal da Boémia no interior. Augusto Cabrita estava a filmar.

A impossibilidade corta-lhe o «racord» É que no filme Maria Luísa veste calças e a visita a São Paulo decorre num mesmo dia.

Marli, «Miss Objectiva» de São Paulo recorre á autoridade máxima. Mas na hora do almoço ...tudo se some.

O AUTOR DA «GAONERA» tem descendência em São Paulo. Silvino Gaona, o presidente da Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos é seu neto. Lembra-se de mil e uma fotografias que sua avó lhe mostrava quando pequeno. E tudo porque Augusto Cabrita, a propósito do apelido, definiu a «gaonera» com toda a «aficion»

Sempre encontramos em Silvino Gaona o homem capaz de todos os entusiasmos serenos, passe o paradoxo. Quando o anima um sonho, ele caminha passo a passo em terreno firme, vencendo todos os contratempos que surjam, porque eles não são mais do que etapas de uma caminhada.

Há dois anos encontrámo-lo no meio dos trabalhos do congresso levando a cabo um projecto apaixonante: construir em São Paulo um bairro residencial para repórteres fotográficos e jornalistas.

O sonho ganhou forma agora, nas plantas aprovadas, no terreno concedido, na ajuda da caixa económica e na cooperativa que uns e outros fundaram, dentro do princípio de todas as cooperativas: «A União Faz a Força»

Para o ano, devem ser entregues as primeiras casas. Nós acreditamos. Eles são unidos, entusiastas, tenazes.

«MISS» SERGIPE

«MISS» SERGIPE É LEONÍSIA

Ela tem 18 anos e chama-se Leonisia Fonseca Mota. Frequenta o 3.º ano do Curso Científico porque vai formar-se em Medicina. Estuda simultâneamente Francês, Inglês e Dactilografia.

É entusiasta de Jorge Amado, Adelaide Carraro, Vinícius de Morais e Eça de Queiroz.

Na musica ligeira dá preferência a Elis Regina, Wilson Simonal, Jahir Rodrigues e Chico Buarque de Holanda.

Leonisia está entusiasmada em representar no Concurso de Miss Objectiva este pequeno Estado do Brasil. E explica:

— Sergipe é um Estado pequeno em comparação com outros de território mais amplo. Mas é muito rico no seu solo. Sergipe é a capital do petróleo brasileiro (22 000 barris por dia). Tem jazigos até ao mar. Vão agora ser explorados o Potássio e o Sal-gema. Os seus laranjais podem abastecer outros Estados do Brasil.

Leonisia vem acompanhada por sua mãe, sr.ª D. Cecita Fonseca Mota que se orgulha de ter ascendência portuguesa na sua família.

Ela fala com o maior entusiasmo do Estado que ambas representam entre as delegações — o Estado de Sergipe, entre o de Alagoas e da Bahia, na costa atlântica.

O PILOTO-MOR DA BARRA DE LISBOA FOI HOMENAGEADO

Promovido pela Corporação dos Pilotos da Barra de Lisboa, efectuou-se, hoje, em Montes Claros, um almoço de homenagem e despedida ao sr. piloto-mor Henrique Augusto, por ter atingido o limite de idade. Esteve ao serviço nesta corporação cerca de 43 anos, durante os quais «foi um elemento activo e muito competente, pelo que era admirado por todos os seus superiores e subordinados», como se pôs em relevo nos discursos de homenagem.

Foi, também, homenageado o sr. cabo-piloto José Maria de Azevedo Junior, igualmente atingido pelo limite de idade, e muito estimado devido ás suas altas qualidades de profissional.

Estiveram presentes cerca de 45 convivas e presidiu o capitão do porto de Lisboa, sr. capitão-de-mar-e-guerra Artur Rodrigues Gonçalves. Entre a assistência viam-se os srs comandante e adjunto do Comando da Polícia Marítima, respectivamente os srs. comandante Olegário Baptista Borges e Manuel Augusto Cabaço e José Painço Partidário, sota piloto-mor, que em breve será o piloto-mor efectivo. Preenche a vaga do sota-piloto o sr. João dos Santos Marnoto e, também, as vagas de cabos-p ctos serão preenchidas pelos pilotos Joaquim António Martins, José Gomes Ferreira e Emílio de Oliveira.

Usaram da palavra os srs. José Painço Partidário e o capitão do porto de Lisboa, que enalteceram as qualidades morais e profissionais dos homenageados

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

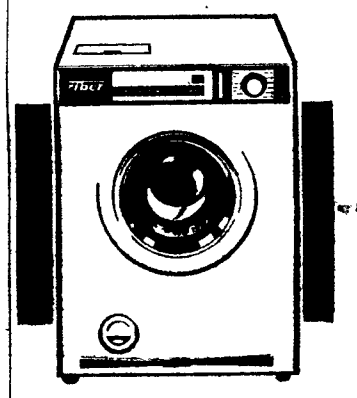
Ten.-cor. Gustavo Adolfo de Gouveia

FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO, 17 — Na sua residência, neste concelho, faleceu o sr. tenente-coronel Gustavo Adolfo de Gouveia, que amanhã, completaria 77 anos.

O extinto foi presidente da Camara Municipal local e serviu como oficial nos comandos distritais da P. S. P. e G. N. R. do Porto, e foi combatente na I grande guerra.

Era pai do sr. dr. António Paulo Passos de Gouveia, cônsul de Portugal no Brasil e do sr. Luís de Gouveia, agente técnico de Engenharia da Direcção de Viação de Coimbra.

riber
MÁQUINAS AUTOMÁTICAS PARA LAVAR ROUPA



- Capacidade 5,5 kg
- 10-12-14 programas
- Duplo reservatório para detergente
- Tambor em aço inoxidável
- Cuba esmaltada
- Modelos com e sem rodas

Use sdp

Com RIBER lave a roupa que quiser

SABEL
Rua de D. Estefânia, 98/A-LISBOA
Rua de Sta Catarina, 1209-PORTO

Um apelo à divulgação do emprego de fertilizantes nas conclusões finais do VI Congresso da CIEC

O VI Congresso Internacional de Fertilizantes encerrou-se, esta manhã na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras

A ultima reunião de trabalhos, presidiu o prof S. Nicolic, da Jugoslávia Foi apresentada uma tese da autoria do prof. E Welte da Alemanha e do eng.º-agrónomo L Audier, de França, subordinada ao tema «Conselho de Adubação.

Seguiu-se a cerimónia de encerramento, á qual presidiu o eng.º Rafael Monjardino, presidente do C. I. E. C. (Centre International des Engrais Chimique), ladeado, á direita, pelo prof. Valente de Almeida, presidente do Congresso, prof Ludwig Schmith (alemão) e prof. dr. Peterluski (russo) e á esquerda, pelos prof Stevdn Nicolic (jugoslavo) eng.º Arne Hanson (sueco) e eng.º Rejado Quintanillo (espanhol)

Aberta a sessão, o eng.º Rafael Monjardino leu as conclusões que terminou pela recomendação seguinte:

— *Considera necessário que seja continuada e mesmo melhorada a vulgarização do emprego dos adubos devidamente apreciada por uma investigação agronómica e tecnológica cada vez mais aprofundada*

Necessária a presença de serviços apropriados

Seguidamente, usou da palavra o presidente do Congresso, prof Valente de Almeida, que se congratulou pelo êxito da reunião e desejou boa viagem de regresso aos seus países a todos os participantes

Falou depois, a encerrar a sessão o eng.º R Monjardino, de cujo discurso reproduzimos os seguintes passos:

— *Não basta no entanto, conhecer os problemas técnicos referentes á utilização de fertilizantes nem tão pouco os que se ligam ao seu fabrico, pois, para que a fertilização mineral atinja a expansão desejada torna-se indispensável que o agricultor tenha pleno conhecimento das suas vantagens e dele assim possa extrair o máximo partido. Ora, para que tal objectivo seja atingido, torna-se necessária a presença de serviços apropriados que, com o apoio da investigação e laboratórios de rotina, promovam a divulgação do emprego da fertilização mineral.*

— *Infelizmente muitos obstáculos dificultam a devida expansão de fertilizantes minerais, nomeadamente nos países em via de desenvolvimento.*

Sistemas de arrendamento que dificultam o emprego de fertilizantes

Mais adiante o orador acentuou:

— *Entre as causas que obstam ao emprego mais generalizado dos adubos valerá a pena relembrar as seguintes em tempos publicadas pela F. A O.: 1 — Falta de informação acerca do tipo e quantidade de adubos necessários. 2 — Ausência de quantidades adequadas de fertilizantes e existência de sistemas de distribuição pouco apropriados. 3 — Relação desfavorável entre o valor dos produtos agrícolas e preços de fertilizantes. 4 — Resistência dos agricultores á introdução de novas ideias. 5 — Falta de variedades de plantas adequadas, de medidas apropriadas ao «contrôle» de doenças e pragas e de todas outras práticas necessárias para a exploração em pleno das possibilidades potenciais dos adubos. 6 — Predomínio de sistemas de arrendamento que dificultam o emprego económico dos fertilizantes.*

Dentro destas causas, um serviço de divulgação eficiente poderá exercer uma anular ou atenuar três das seis referidas causas apontadas, como as resultantes da acção positiva no sentido de falta de informação do tipo e quantidade dos adubos a utilizar; de resistência dos agricultores ás novas ideias; e também, de certa maneira, da carência de variedades de plantas adequadas e medidas de combate ás pragas e doenças.

Prémios universitários «Paulo VI»

Foi publicado no «Diário do Governo» uma portaria do Ministério da Educação Nacional, pela Direcção-Geral do Ensino Superior, aprovando o regulamento dos Prémios Universitários «Papa Paulo VI».

Estes prémios, em numero de dois, foram instituídos pela Cidla «em recordação da visita a Fátima de Sua Santidade o Papa Paulo VI e destinam-se a galardoar anualmente os melhores trabalhos escolares apresentados no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, da Universidade Técnica de Lisboa, sobre quaisquer temas de promoção social e de política missionária portuguesa no ultramar ou no estrangeiro».

A cada um dos dois assuntos indicados corresponderá um prémio de 12 500$00, que será posto á disposição das entidades escolhidas para o efeito no mês de Novembro de cada ano

Os prémios serão distribuídos por maioria de votos dos professores catedráticos que tomarem parte em conselho escolar expressamente convocado para esse fim

O conselho escolar deliberará com base em relatório apresentado por uma comissão de dois professores catedráticos que o conselho designará na primeira reunião que efectuar no mês de Novembro de cada ano

O conselho escolar poderá decidir não atribuir os prémios, ou algum deles, por falta de mérito suficiente dos trabalhos apresentados. Neste caso, o montante do prémio ou prémios não atribuídos transitará para o ano seguinte, no qual poderão ser atribuídos tantos prémios quantas as fracções de 12 500$00 disponíveis.

Os prémios serão entregues em sessão publica pelo reitor da Universidade Técnica ou por um seu representante, expressamente nomeado para o efeito.

Duzentos delegados da organização atlântica visitaram a Lisnave

A XIV assembleia da Associação do Tratado do Atlântico, que desde domingo está reunida em Lisboa, termina amanhã os seus trabalhos, durante a tarde, no Hotel Ritz

O dia de hoje foi dedicado a uma excursão aos arredores de Lisboa, para a maior parte dos duzentos delegados, enquanto uma pequena delegação, constituindo a comissão de Redacção, tratou de elaborar o relatório final.

Representando o nosso País nesta comissão, esteve o sr dr Alambre dos Santos

Os outros delegados dos quinze países atravessaram o Tejo manhã cedo, em direcção á Margueira, onde passaram parte da manhã, visitando os Estaleiros da Lisnave Foram ali recebidos pelo dr. Jorge de Melo, membro do conselho de administração da empresa e pelos engs João Rocheta e Anderssen, directores-gerais No pavilhão de recepções os visitantes foram saudados pelo dr. Jorge de Melo, o qual, entre outras considerações, lembrou que na Lisnave estão representados interesses portugueses, holandeses e suecos, o que não impede que as considerações gerais sobrelevem os particularismos de critério e mentalidade, fazendo votos para que o mesmo venha a suceder, nos ambitos político e militar, com a Organidação Atlântica.

Depois de percorrerem a área dos estaleiros, os congressistas dirigiram-se para o Convento dos Capuchos, no Alto da Caparica, onde almoçaram. Ao almoço esteve presente também o presidente da Camara Municipal de Almada.

O almoço constituiu um belo prefácio para o passeio que os delegados depois fizeram por Sesimbra e Setubal. Nesta cidade, no castelo de S. Filipe, foi-lhes oferecido um chá.

FINALMENTE: MAIS TÁXIS PARA S. PEDRO DO ESTORIL

Foi finalmente atendido o pedido, desde há muitos meses formulado pela população de S Pedro do Estoril, através do «Diário de Lisboa», para aumento do contingente de táxis daquela povoação.

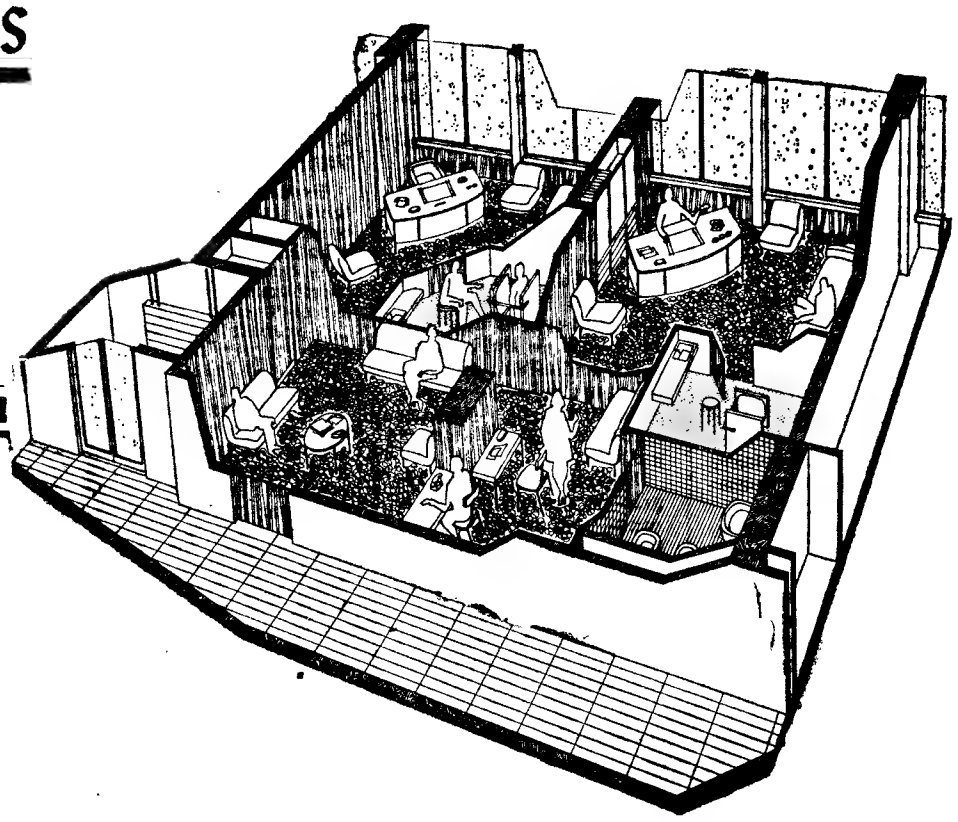
Efectivamente, por um despacho do ministro das Comunicações, datado de 24 de Setembro, e ontem publicado no «Diário do Governo» o contingente de automóveis ligeiros de aluguer do concelho de Cascais foi alterado de 143 para 147 unidades. Das 4 unidades acrescentadas, três destinam-se a S. Pedro do Estoril, o que corresponde á pretensão de que o nosso jornal se fez eco.

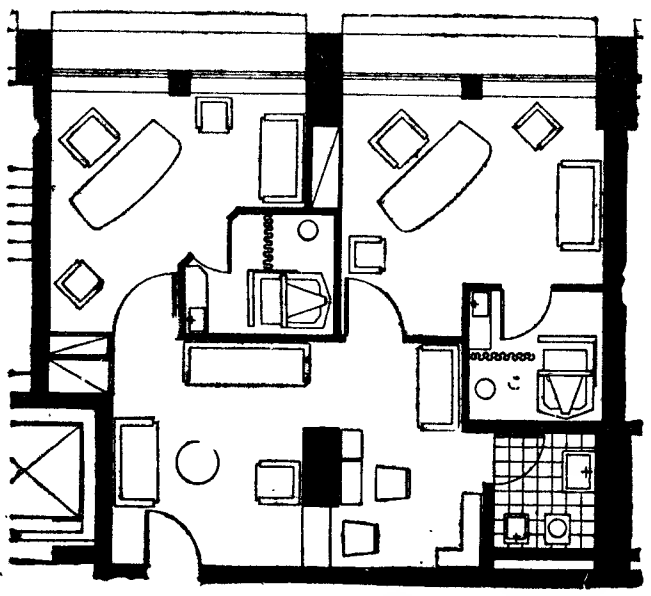
Não podemos deixar de nos congratular com a decisão: *vale mais tarde...*

PROPRIEDADE HORIZONTAL NOS

edifícios AVIZ

A MELHOR APLICAÇÃO DE CAPITAL!





ESCALA 1:100

Exemplo de um CONSULTÓRIO PARA 2 MÉDICOS,

de 670.000$00

Tecnical

R. Rodrigues Sampaio, 146-3.º D.to
Telefone 53 51 11/2/3-LISBOA

MEXICO 68 A HORA OLÍMPICA

ATLETAS DO QUÉNIA
INQUILINOS DO «PODIUM»...

CIDADE DO MÉXICO, 17 — (France Press) — Foi á sexta e última tentativa que uma prova de autêntico «suspense» que o soviético Janis Lusis conquistou o título olímpico do lançamento do dardo, com um arremesso de 90,10 m que ficou a pouco menos de dois metros do seu próprio «record» do mundo: 91,98 m. Lusis que tem 29 anos, venceu assim o finlandês Jorma Kinnunen e o húngaro Gergely Kulcsar.

Com efeito, foi Kinnunen o primeiro a colocar-se á cabeça, com 86,30 m, sendo em breve ultrapassado por Lusis com 86,34 m.

Mas á quarta tentativa o húngaro Kulcsar instalou-se na dianteira com 87,06 m e pensou-se que o título iria para este atleta, que já ganhara a medalha de prata dos Jogos de Tóquio, ao passo que Lusis só obtivera a de bronze. A quinta tentativa não modificou as posições, mas, quando da última, primeiro Lusis, com 90,10 m (novo «record» olímpico) e depois Kinnunen, com 88,58, relegaram o húngaro para o terceiro lugar.

O êxito do russo Janis Lusis era esperado por todos os especialistas que sabiam ser ele o melhor lançador de dardo presente, embora em Tóquio tivesse que se contentar com a medalha de bronze devido a um ferimento que o privara do pleno uso de todas as suas faculdades.

BESSON: UM CERTO SORRISO

A francesa Colette Besson, graças a um extraordinário poder de recuperação, ultrapassou as adversárias directas (a britanica Lilian Board e a americana Jarvis Scott) para ganhar uma medalha de ouro inesperada, na final dos 400 metros.

A inglesa entrou á cabeça na linha oposta, mas a negra americana pôs-se a seu lado na linha recta. Neste momento, a britanica, que corria para a «corda», deu tudo por tudo e colocou-se em primeira posição. Porém, quando a 20 metros da meta todos a julgavam vencedora, surgiu fulgurante a francesa. O seu tempo de 52 s. iguala o «record» olímpico da australiana Betty Cuthbert e ultrapassa em 2/10 o máximo europeu que pertencia a Ann Paker.

O negro americano Tommie Smith conquistou a medalha de ouro dos 200 metros com 19 s. 8/10, tempo inferior em 3/10 ao já de si extraordinário «record» olímpico que o mesmo Tommie Smith estabelecera na meia-final (com John Carlos) e apenas inferior em 1/10 ao máximo mundial estabelecido em Setembro por este ultimo, marca ainda não homologada oficialmente, pois Carlos utilizou sapatos não regulamentares.

A SURPRESA (MAIS UMA) VEIO DO QUÉNIA

Biwott tomou logo a dianteira, nos 3000 m obstáculos onde é em breve alcançado pelo seu compatriota Kogo. Os dois quenianos correm «ajuizadamente», em ritmo regular mas pouco rápido. Ao fim do primeiro quilómetro são seguidos por Roelants, Villain, Mihail, O'Brien e Morozov. Pouco depois, com geral surpresa, Biwott recua e passa para quinta posição. Roelants arranca bruscamente e só Kogo consegue manter-se na sua peugada. Todavia, o belga não consegue aguentar muito tempo e a velocidade diminui, o que permite ao americano Young aproximar-se dos dois dianteiros. Pouco depois dos 2 km. Roelants fraqueja e é ultrapassado por O'Brien que persegue Kogo e Young. Os três homens entram juntos na ultima volta. A trezentos metros da meta continuam lada-a-lado. A 50 metros, quando Kogo consegue começar a destacar-se, surge de repente como um bólide o seu compatriota Biwott, que ultrapassa todos e conquista o título, de forma surpreendente.

A alemã ocidental Ingrid Becker, graças ás suas excelentes marcas no salto em comprimento e, sobretudo, nos 200 metros, ganhou o pentatlo feminino com um total de 5098 pontos. Todavia, ficou distante do máximo olímpico de Irina Press, estabelecido em Tóquio com 5246 pontos.

APÓS 8 HORAS DE PROVA TRÊS SALTADORES DE VARA ULTRAPASSARAM 5,40 M!

Pelo seu lado, a austríaca Liesl Prokop melhorou o seu «record» nacional em mais de 200 pontos e conseguiu a medalha de prata com 4966 pontos. Obteve este resultado graças a haver-se ultrapassado no salto em comprimento e nos 200 metros, especialidades em que é mais fraca. Pelo seu lado, uma bela prova dos 200 metros permitiu á hungara Toth Kovacs ganhar a medalha de bronze com um total de 4959 pontos.

No triplo salto assistiu-se a luta renhida, que culminou com a exclusão do finlandês Pertti Pusi, o qual, no entanto, passa habitualmente, os 17 metros. Pelo seu lado, o italiano Giuseppe Gentile, saltou 17,10 m, mais 7 cm. do que fizera antes o polaco Joseph Schmidt (que defende aqui o seu título conquistado em Tóquio e terá, assim, que contar com o italiano na final). A marca de Gentile é novo «record» mundial.

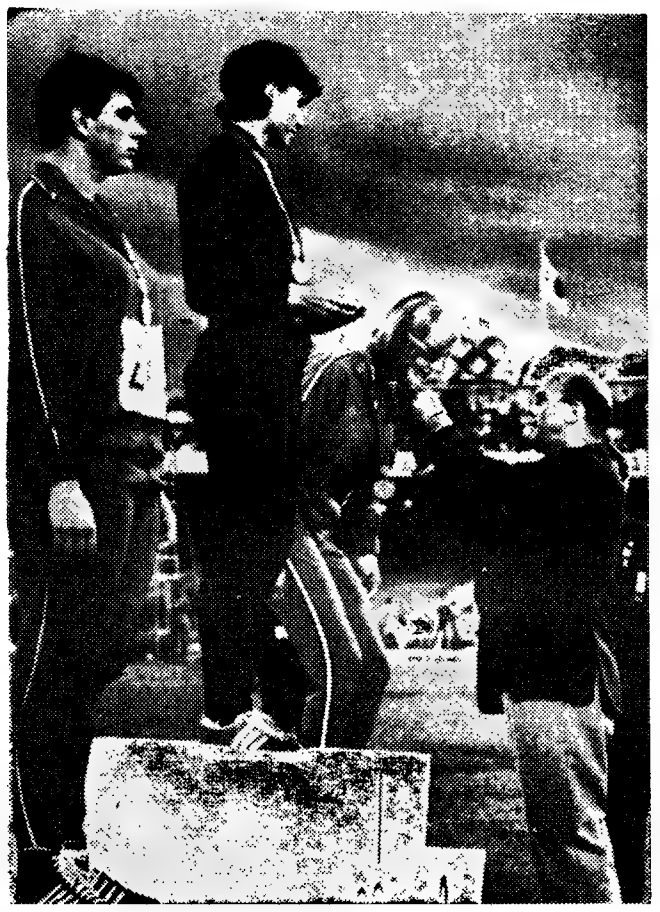
Com os 200 metros homens e os 400 metros femininos, o salto á vara terá sido a terceira prova mais emocionante do dia. Pela primeira vez na história do atletismo, três concorrentes saltaram 5,40 m. Curiosamente e como sucedeu em Tóquio há quatro anos, o grande favorito, o campeão do Mundo Bob Seagren (5,41 m) teve como ultimos adversários para as três medalhas, dois alemães (um de Leste, Wolfgang Nordwig, e um do oeste, Olaus Chiprowski). Em Tóquio, o americano Fred Hansen triunfara sobre os dois alemães Reingardt e Lehnertz.

Às 19 e 19 locais, quando a noite descia sobre o Estádio, nenhum dos 60 000 espectadores abandonava o seu lugar. À luz dos projectores, o americano e os dois alemães prosseguem o seu duelo, que dura desde o meio-dia. A barra está a 5,45 m. Pelo número de ensaios, Seagren está á frente de Chiprowski e de Nordwig, se nenhum deles passar a fasquia a esta ordem. E foi o que aconteceu, pois, ao fim de quase oito horas de luta, estavam os três demasiado cansados para conseguir tal proeza.

IMBRÓGLIO NA ESGRIMA

O floretista romeno Ion Drimba conquistou a medalha de ouro. Foi o seu combate com o francês Daniel Revenu (que também contava três vitórias e uma derrota) que permitiu a Drimba ganhar a medalha. Ion Drimba venceu Daniel Revenu, por 5-4, após um combate empolgante.

Para os lugares secundários foi decisivo um combate de desempate entre o francês Danuel Revenu e o húngaro Jeno Kamuti. Parece que houve certa confusão no ginásio da Cidade Desportiva: com efeito, foram anunciados os resultados que atribuíram a medalha de prata ao húngaro Kamuti e a de bronze ao francês Revenu. Os dois adversários tinham ido mudar de roupa ao vestiário, o «podium» estava instalado na pista e ia começar a cerimónia protocolar, quando o júri chamou ambos para um combate, a fim de os desempatar. Consta que foi uma má interpretação dos regulamentos que originou esta confusão. A delegação húngara protestou junto do júri, mas Kamuti teve que tornar a vestir-se para disputar o combate de desempate contra Revenu, de onde resultou Kamuti ganhar a medalha de prata e Revenu a de bronze.



Eva Jeuko (Austria), recebe a medalha de bronze pelo seu terceiro lugar no lançamento do dardo. À esquerda, a romena Mihaela Penes (medalha de prata) e, no ponto mais alto do «podium», a hungara Angela Nemeth, que obteve a medalha de ouro com um arremesso de 60,36 metros

A VELA PORTUGUESA

ACAPULCO, 17 — (A. N. I.) — Os velejadores portugueses José Manuel Quina e António Vasco de Melo e Meneses classificaram-se, por coincidência, em 15.º lugar, respectivamente, nas classes de «Star» e de «Dragões» (terceiro dia), e ambos com o mesmo número de pontos — 21.

DESPORTO

AS MEDALHAS

CIDADE DO MÉXICO, 17 — (R.) — Após o quarto dia dos Jogos Olímpicos do México era a seguinte a distribuição de medalhas:

	OURO	PRATA	BRONZE
Estados Unidos	6	2	4
União Soviética	3	1	4
Quénia	2	2	0
Roménia	2	1	0
Hungria	1	2	3
Reino Unido	1	2	1
Alemanha Ocidental	1	2	0
Japão	1	1	1
Austrália	1	1	0
Pérsia	1	1	0
Polónia	1	0	3
França	1	0	1
Holanda	1	0	0
Alemanha Oriental	0	1	1
Áustria	0	1	1
Etiópia	0	1	0
Finlândia	0	1	0
Jamaica	0	1	0
México	0	1	0
Suécia	0	1	0
Checoslováquia	0	0	1
Tunísia	0	0	1
Itália	0	0	1

A POLÍCIA ACUDIU AO ÁRBITRO

BRUXELAS, 17 — (A.N.I.) — A Bélgica venceu a Jugoslávia por 3-0, com 1-0 ao intervalo, num encontro recheado de incidentes e em que a Polícia entrou no relvado para restabelecer a ordem.

A partir da marcação do primeiro golo belga, o jogo endureceu e o árbitro, o checoslovaco Krnavek, expulsou dois jogadores jugoslavos e um belga: Trivic, Djajicv e Heylens.

O terceiro golo deu lugar a um tremendo «sururu», com os jogadores jugoslavos a contestarem a sua validade e a rodearem o árbitro com tais modos que a Polícia entrou em campo e obrigou os futebolistas a retomarem as suas posições. E então recomeçou o jogo, que terminou sem mais incidentes.

NOTAS À MARGEM

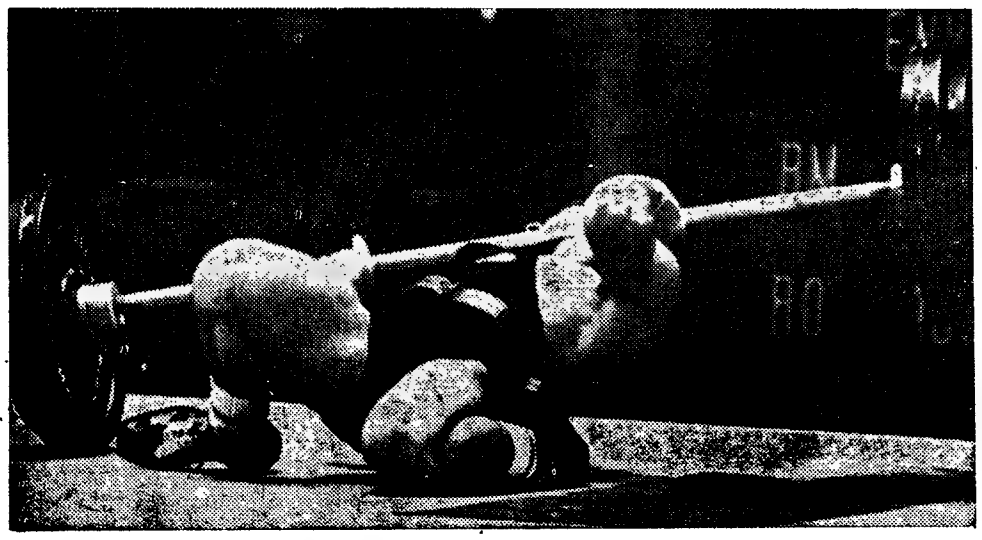
A ÁFRICA E O DESPORTO

Aconteça o que acontecer até ao ultimo dia das competições, a nota dominante deste Jogos Olímpicos que estão a disputar-se no México será sempre a da confirmação africana. Confirmação — e não revelação. Sabia-se que, mais tarde ou mais cedo, eles aí estariam, os africanos, no primeiro plano do desporto mundial. Por enquanto, essa presença, verifica-se nas actividades que essencialmente assentam nas qualidades congénitas (a resistência ou a velocidade) ficando para mais tarde as outras disciplinas do atletismo, as que exigem uma técnica aprimorada, como é o caso dos lançamentos. Lá chegarão.

...Lá chegarão, também, a posições de realce em outras modalidades desportivas, em que ora ainda esbocem os primeiros passos. Os negros americanos permitem-nos antever o que serão os negros africanos quando o desporto estiver nos hábitos e na educação da sua juventude. No basquetebol, no boxe, no atletismo, são negros os mais famosos e categorizados atletas dos Estados Unidos.

Por outro lado, não duvidemos de que acontecerá no futebol, em tempos que não estão já muito distantes, o mesmo que está a verificar-se na competição olímpica de atletismo. São negros os dois melhores futebolistas do mundo — Pelé, brasileiro, e Eusébio, africano português — e outros, muitos outros, figuram entre os mais afamados praticantes.

Estamos na «hora negra» do desporto. Os africanos, ou os que deles herdaram a cor e as qualidades rácicas, vão desempenhar um papel de progressiva evidência no panorama desportivo mundial. Depois do «jazz», o desporto. — M. Z.



O bulgaro Miadene Kontchev, com extraordinário esforço, conseguirá elevar 140 quilos, no decorrer da competição de halterofilismo

«O primeiro golo acabou connosco»

Sir Matt Busby, há muito o treinador do Manchester United parecia muito desanimado. Afirmou: ganhou a melhor equipa e foi o primeiro golo que acabou connosco. Os meus rapazes mostraram uma certa apreensão e nunca tiveram talento para romper a defensiva bem organizada dos argentinos. Devo reconhecer o valor da equipa que venceu.

Os Estudiantes de La Plata partirão agora para a Itália onde durante três dias, deverão disputar um jogo amigável com o Inter de Milão.

TÉNIS DE MESA

Disputou-se ontem á noite a 3.ª eliminatória da taça «Diário d Lisboa» em ténis de mesa na categoria de infantis, tendo sido eliminadas as equipas do Combatentes-B, Estrela da Amadora, Sporting-A e Centro Católico-B.

E. Amadora-Benfica-A, 0-3; Intendente - Combatentes - B, 3-1; Armadorense-A-C. Católico, 3-0; Sporting-B-C. Católico-A, 1-3; Casa Pia-Armadorense-B, 3-1; Sporting-A-R. Apolo, 2-3; S. L. Aguias-A. Amadora, 3-0.

Para a Argentina (Estudiantes de La Plata) outra taça intercontinental

Certo, justo, incontestável a conquista pelos argentinos do «Estudiantes de La Plata» do título mundial de clubes que ontem á noite conquistaram ao empatar por um golo em Old Trafford, o reduto do poderoso Manchester United, que aguardava o jogo da 2.ª «mão» para rectificar o desaire (0-1) sofrido em Buenos Aires.

Inegávelmente que no jogo de ontem, os ingleses dominaram mais insistentemente (no segundo tempo esse domínio foi fatal) mas á supremacia territorial do Manchester faltou sempre imaginação, talento para improvisar, génio criador para gerar o lance imprevisto capaz de «abrir clareiras» na organização defensiva dos sul-americanos, ardilosos no contra-ataque e coreáceos na retaguarda, sujeitando os ingleses num autêntico «anel de ferro» de que eles não conseguiram libertar-se.

Erguendo uma «autêntica muralha» na protecção ao guarda-redes Poleti, os argentinos souberam também espraiar-se por toda a dimensão do rectangulo e de tal modo que não foram poucas as vezes em que os defensores ingleses acusaram visível perturbação. Mais afoitos, os sul-americanos executaram o plano que mais lhes convinha, não o Manchester não se furtou a respeitar a ordem a do seu futebol, sob a velha de repentismo, provoca a surpresa e pa[illegible] desferir o «golpe morta.»

Sob a direcção do jugoslavo Koustantin Zecevic as equipas apresentaram:

MANCHESTER UNITED — Stepney; Dunne, Foulkes, Sadler e Brennan; Crerand e Bobby Charlton; Morgan, Kidd, Law e Best.

ESTUDIANTES DE LA PLATA — Poletti; Malbernat, Suarez, Medina e Madero; Pachame, Nestor Togerdi e Bilardo; Rebaldo, Conigliaro e Veron.

Veron e Morgan, aos 5 e 89 minutos marcaram respectivamente pelo «Estudiantes de La Plata e pelo Manchester United.

Os jogadores da selecção nacional no estágio em Carcavelos

MARÍTIMO, 2 — ATLÉTICO, 1

MARÍTIMO EM MARÉ ALTA...

Muito bem Marítimo, frente a uma equipa que tem sido uma das sensações da presente temporada, a turma do Funchal pôde produzir uma exibição convincente sujeitando o antagonista a acentuado domínio territorial e alcançando um significativo e saboroso triunfo.

Obtendo um tento logo nos minutos iniciais, aos 8 minutos por Noémio que viria a obter novo golo um minuto antes do intervalo, só na fase derradeira do encontro os madeirenses consentiram alguns lances perigosos perto da sua baliza num dos quais resultou o golo dos metropolitanos aos 85 minutos num pontapé forte de Raimundo, disparado no entanto de longe e que ajudado pelo vento bateu o guardião contrário.

Sob o ponto de vista espectacular o jogo foi agradável, de seguir pelo empenho dos dois conjuntos e sobretudo pela actuação dos locais, velozes, incisivos e sobretudo a jogar com entendimento e ligação o que impôs ao Atlético a necessidade de jogar no seu meio campo para deter as arremetidas dos contrários. Por isso Botelho foi figura destacada nos alcantarenses, tal como Tito. Nos locais, todos aplicados e lucidos no desenvolvimento das jogadas. Noémio alcançou plano de realce tal como Angelo e Lomelino.

MARíTIMO — Grisalena; António João, Lomelino, Eugénio e Andrade; Emanuel e Nunes; Bernardino, Angelo, Noémio e Belarmino.

ATLÉTICO — Botelho; Valdemar, João Carlos, Candeias e Murraças; Fernando Mendes e Pinhal; Fagundes, Simões Tito e Seminário.

KARTING

Cerca de 60 concorrentes nas «Três Horas de Camarate»

Dentro das provas de maiores tradições no «Karting» português, as «3 Horas Internacionais de Lisboa» ou, mais vulgarmente, «3 Horas de Camarate» constituem a competição máxima da modalidade. Integrada no Campeonato Nacional, a prova desfruta assim da afluência «obrigatória» dos nossos melhores especialistas, que com os afinados conjuntos procuram a melhor classificação naquela competição.

Espera-se contar no próximo sábado com a presença de equipas vindas de vários pontos do País, especialmente de Setúbal, Porto Coimbra e Viseu, que com as de Lisboa atingirão um total que não andará longe das três dezenas cerca, portanto, de 60 corredores, já que cada equipa é formada por dois elementos.

O programa da prova inclui treinos livres das 11 às 11 e 30, seguidos de verificações técnicas. O começo dos treinos oficiais está fixado para o meio-dia, dando-se início às «3 Horas de Camarate» pelas 14 horas.

O NOSSO PALPITE

Riopele-Tirsense	2
Leça-Penafiel	1
Fafe-Oriental	1
Lamas-Luso	1
Sesimbra-Portimonense	1
Farense-Salgueiros	2
C. Branco-Tramagal	2
U. Coimbra - Beira-Mar	2
Vianense-Boavista	2
Vizela-Valecambrense	X
Sintrense-Torriense	2
A. S. A.-Ferroviário	1
Quelimane-Textáfrica	X

Leia a Revista PALPITE e aumente as probabilidades de ser totalista no Totobola.

AVIS RENT A CAR

Se está indeciso na compra do seu automóvel experimente a nossa solução do "aluguer recuperável"

Por contrato com a AVIS - Rent a Car, podemos oferecer-lhe, de 15 de Outubro a 15 de Abril, uma redução especial de 25 % num aluguer de um MORRIS 1300, por um período de tempo não superior a 10 dias.

Sem sequer nos procurar ou consultar, poderá, assim, experimentar calmamente o MORRIS 1300 a um preço módico, sem influências de ninguém (a não ser da família) e sem ter que tomar decisões rápidas.

Mas não é tudo. Quando se decidir a comprar o **seu** MORRIS, apresente a factura da AVIS **que lhe será totalmente descontada no preço do carro.**

Porque fazemos isto? Porque **sabemos** que o MORRIS 1300 é um carro que o satisfará totalmente e porque temos a certeza da qualidade de qualquer MORRIS — mesmo sujeito a um árduo serviço de aluguer.

MORRIS 1300

A. M. ALMEIDA, S.A.R.L.

Av. da Liberdade, 11 - Av. 5 de Outubro, 168 - Lisboa

Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto

BASQUETEBOL — ACTO DE POSSE

OS DIRECTORES É QUE PAGARAM A DÍVIDA DA FEDERAÇÃO...

Nas novas instalações das Federações Desportivas, realizou-se, ontem, á noite, com a presença de numerosos delegados das associações e comissões distritais, o acto de posse dos novos dirigentes federativos, acto a que presidiu o dr. João Moreira, inspector da modalidade em representação do director-geral dos Desportos.

Depois de lido o auto de posse e apostas as assinaturas dos novos dirigentes, usou da palavra o presidente do Congresso, sr. Jaime Franco, que se referiu ao acto que estava a decorrer, tecendo, em seguida, várias considerações sobre o actual momento da modalidade.

Em nome da direcção cessante falou o seu presidente, eng.º Abreu Rocha, que saudou, felicitou e apoiou os empossados. Analisou depois o esforço que foi necessário fazer para manter o basquetebol português dentro de um plano de nível aceitável afirmando: «Procurámos defender soluções válidas que nem sempre foram compreendidas».

Terminou por dizer que «a direcção cessante defendeu os interesses da modalidade e não os interesses de uns quantos particulares).

Em nome dos novos dirigentes usou da palavra, o sr. Carvalho Pinto, que se referiu aos problemas de reorganização dos serviços de secretaria, tesouraria e Regulamentos de Provas oficiais. Disse, também, que o basquetebol atravessa um mau período, mas com boa vontade e compreensão das entidades oficiais, poder-se-á elevar o basquetebol nacional.

Afirmou que apesar dos subsídios do «Totobola» e de outras entidades, a posição financeira da Federação é crítica e que foi necessário alguns directores quotizarem-se para liquidar uma dívida á F. I. B. A.

O presidente da Comissão Central dos Árbitros, sr. José Duro, saudou os novos dirigentes e afirmou que podem contar com o apoio daquela comissão. Referiu-se ao panorama das arbitragens e á falta de nível cultural da maioria dos árbitros, e, sobretudo, á insuficiência dos quadros.

A terminar, Albano Fernandes, agradeceu o diploma e a medalha de mérito, que lhe fora entregue pelo presidente do congresso e inspector da modalidade e concedida em congresso do passado dia 16 de Setembro.

Encerrou a sessão o dr. João Moreira, em nome do director-geral dos Desportos.

HÓQUEI EM PATINS

CUF: triunfo claro sobre o Paço de Arcos (5-1)

Iniciou-se ontem a 2.ª eliminatória da fase de apuramento do campeonato nacional de hóquei em patins, com a disputa do jogo CUF-Paço de Arcos, que os «cufistas» venceram por 5-1, com 1-1, ao intervalo.

Esta fase prossegue hoje com os jogos Parede-Campo de Ourique. F. C. Porto-Académico e Carvalhos-Sp. Espinho.

Amanhã nova jornada com o segundo jogo Paço de Arcos-CUF, no rinque da Juventude Salesiana.

E no domingo, encerra-se a 2.ª eliminatória com o encontro Campo de Ourique-Parede.

No encontro de ontem, no Barreiro, sob a arbitragem de Fernando Gomes, alinharam e marcaram:

C. U. F. — Vítor Domingos; José Carlos, Mário Ferreira (1), Leonel (3), J. António (1), Fernandes, Soares e Hernani.

PAÇO DE ARCOS — Louro; Vieira, Soares (1), Coelho, Correia dos Santos e Rafael.

O grupo da Costa do Sol, não apresentando todos os seus titulares, resistiu bem até ao intervalo. Depois, os locais superiorizaram-se, mas o jogo esteve longe de agradar, com muitas quezílias e expulsões. Neste aspecto o jogo terminou com a equipa da C. U. F., com quatro elementos e o de Paço de Arcos, com três.

O Paço de Arcos apresentou declaração de protesto.

SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.
FILIAIS, AGENTES E OFICINAS AUTORIZADAS EM: AMADORA, ANGRA DO HEROISMO, ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BOMBARRAL, BRAGA, CALDAS DA RAINHA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVA DA PIEDADE, COVILHÃ, ELVAS, ESTREMOZ, ÉVORA, FARO, FUNCHAL, GUARDA, GUIMARÃES, HORTA, LEIRIA, LISBOA (Av. Padre Manuel da Nóbrega - R. Escola Politécnica), MIRANDELA, MOURA, PONTA DELGADA, PONTE DE SOR, PORTALEGRE, PORTIMÃO, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SANTO TIRSO, SÃO TOMÉ, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, V. DO CASTELO, VILA REAL, VISEU

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Campeonato Regional da 2.ª Divisão: C. N. O. C. A.-Oriental, ás 20 e 30; Casa Pia-Cova da Piedade, ás 21 e 45 e Vendedores de Jornais-C.D.U.L. ás 23 horas, no Pavilhão Gimnodesportivo da Ajuda.

BASQUETEBOL — Campeonato de Lisboa da 2.ª Divisão (2.ª categoria): Técnico-Carnide e Sacavenense-Liberdade, ás 21 e 30, nos campos dos primeiros.

HÓQUEI EM PATINS — Jogos correspondentes á 1.ª «mão» da segunda eliminatória do Campeonato Metropolitano da 1.ª Divisão.

TÉNIS DE MESA — Sorteio dos jogos da taça «Diário de Lisboa» para infantis (4.ª eliminatória), ás 21 e 30 na A. T. M. L.

INSTANTÂNEOS

«OS JOGOS» EM CASA...

Ao saber que a Televisão transmitia integalmente os Jogos Olímpicos, o espanhol Manuel Filipe pediu as férias, fechou-se em casa e fez o juramento (olímpico) de que só sairia do seu apartamento quando os mesmos acabassem. Encarregou a mãe das provisões, en-

comendou bebidas e cigarros e não tenciona perder um segundo das transmissões.

Aqui está um «record» difícil de igualar. Encerrado no seu quarto, Manuel Filipe participa, como individual na grande competição.

Se jogar em casa é uma vantagem, este «nuestro hermano» aproveita-a bem. Mais um «praticante» do Desporto sentado, como há muitos por cá...

ARBITRO-FRADE

Como as heroínas dos romances de Camilo Castelo Branco que afogavam nos conventos as recordações dos seus amores infelizes, o árbitro italiano António Palumbo, desgostoso com o clima reinante nos campos de futebol, resolveu fazer-se frade.

De nada valeram os rogos de uma delegação de raparigas, que se dirigiram á mãe do ex-juiz de campo, a fim de as ajudar a demover o filho do seu propósito.

Mas nada conseguiram. Desgostoso com os homens, Palumbo «vingou-se» desgostando as mulheres

TELEGRAMA-EXEMPLO

Os atletas do Benfica enviaram um telegrama a Manuel Oliveira, desejando-lhe felicidades nos Jogos Olímpicos.

Formoso gesto, que consagra os seus autores e terá calado fundo no ânimo de quem o recebeu.

Mesmo sem terem ido ao México, os atletas benfiquistas fizeram jus á «medalha de ouro» do desportivismo.

BELO (E BELA) VITÓRIA EM BELFAST

Foi uma «bel...eza» a exibição do Vitória em «Bel...fast». Os sadinos, que estão a especializar-se em torneios internacionais, apresentaram na Irlanda uma «especialidade de Setúbal»

Embora lhe custasse a engolir a oferta, os irlandeses apreciaram o cepipe. Tanto que mandaram repetir...

E o Vitória generoso, fez-lhes a vontade, sem lhes tirar, porém, a vontade de comer mais!

MESMO COM BOA «NOTA» A ACADÉMICA PERDEU AS «MOEDAS»

Depois do Leixões, eliminado sem ter perdido, coube à Académica sair da «Taça das Feiras» apesar de ter igualado o Lyon.

A exibição dos estudantes mereceu boa «nota» mas o recurso à «moeda» foi-lhe fatal.

Quando será «cambiado» o sistema de apuramento em prova tão importante?

Acabe-se com o actual, que tem o toque da moeda falsa...

A BANDA EXPULSA

No intervalo de um dos últimos jogos do Newcastle, uma banda de música entrou no relvado para abrilhantar o espectáculo.

Porém, demorou-se tanto que o árbitro, certamente pouco apreciador da boa música, expulsou-a do rectângulo.

Não quis que o concerto da «banda» fizesse concorrência ao seu concerto de apito e mandou-a para a outra banda.

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

MEXICO 68

O PROGRAMA DE HOJE

CIDADE DO MÉXICO, 17 — (A.N.I.) — É o seguinte o programa de hoje nos Jogos Olímpicos do México (as horas indicadas são as de Lisboa):

16 ás 17 h. — Esgrima: sabre, individual, eliminação directa.

17 h. — Atletismo: 200 m, senhoras, eliminatórias; disco, senhoras, qualificação; salto em comprimento, homens qualificação. Ciclismo: 4000 m, perseguição individual; 1000 m, qualificação; 4000 m, perseguição individual, quartos-de-final. Luta livre: eliminatórias. Halterofilismo: «meios-pesados» grupo A. Natação: estafeita 4X100 m, livres, homens, eliminatórias. Remo: meias-finais das várias classes. Voleibol. Polo aquático.

18 h. — Atletismo: 800 m, senhoras, eliminatórias. Pentatlo moderno: corta-mato. Hóquei em campo.

19 h. — Voleibol. Hóquei em campo.

20 h. — Vela. Pugilismo: eliminatórias.

21 e 20 — Atletismo: 50 quilómetros, marcha.

22 h. — Atletismo: 110 m, barreiras, homens, meias-finais; triplo-salto, homens, final; salto em altura, senhoras, final; lançamento do martelo, homens, final e 400 m, homens, segunda eliminatória. Halterofilismo: «meios-pesados», grupo B.

22 e 30 — Futebol. Polo aquático.

23 h. — Atletismo: 200 m senhoras, meias-finais e 80 m, barreiras, senhoras, eliminatórias. Halterofilismo: «meios-pesados», grupo B. Hóquei em campo.

24 h. — Atletismo: 110 m, barreiras, homens, final e 500 m, homens, final. Luta livre: eliminatórias. Saltos para a água: prancha de 3 metros, senhoras, eliminatórias. Natação: 4X100 m, estilos, senhoras, finais. Voleibol. Polo aquático.

1 horas de 18/10 — Atletismo: 400 m, homens, meias-finais.

2 horas de 18/10 — Pugilismo: eliminatórias. Voleibol. Esgrima: sabre, individuais final.

Andebol de Sete

Em jogos pertencentes aos campeonatos de andebol de sete da A. A. Porto, seniores e juniores, verificaram-se, ontem, os seguintes resultados:

Juniores: F. C. de Gaia, 5-F. C. Porto, 26. Seniores: Vigorosa, 8-F. C. Porto, 22.

Os «azuis brancos» comandam sem derrotas as duas provas.

Cerca de uma centena de inscrições no «rallye» de automóveis antigos

Atingiu o numero de 92 as inscrições no «Rallye» Internacional de Automóveis Antigos, marcado para os próximos dias 19 e 20. Promovido pela Sociedade Estoril-Sol, com organização do Automóvel Club de Portugal, o já famoso «Rallye» das Donas Elviras promete, assim, ultrapassar o êxito obtido em anos anteriores.

Segundo o regulamento, no dia 19 disputam-se as provas de estrada, a primeira das quais constará de um percurso urbano, dando assim ensejo ao especáculo insólito de automóveis antigos a rodar pelas artérias de Lisboa; e no dia 20, no parque fronteiro ao novo Casino Estoril, decorrerão as provas complementares que, habitualmente, constituem motivo de atracção para o publico.

Para os melhores classificados dos 16 grupos em que serão divididos os concorrentes, consoante os anos de fabrico dos automóveis, foram instituídas numerosas e valiosas taças.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje — SARGENTO RYKER — no Politeama

SÃO LUIZ
Tel. 32 71 72
As 15.15, 18.15 e 21.30
O primeiro grande filme de amor da nova época!
2.ª SEMANA
Adultos - Columbiacolor
INTERLÚDIO DE AMOR
Oskar Werner e Barbara Ferris

ROMA
Tel. 727778
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
Inauguração da temporada
ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
com Doris Day, Terry Thomas e Robert Morse
METROCOLOR

MUNDIAL
Tel. 53 87 43
As 15, 18.30 e 21.30 (12 anos)
Julie Andrews e James Fox num filme de sensação
MILLIE, RAPARIGA MODERNA
SÓ A NOITE:
O Conjunto «Belle Époque»

RESTELO
Tel. 61 03 75
As 21.30 (Adultos)
OS 7 ANDARES DA VIDA
c/ Ugo Tognazzi, Tina Lise e Franca Beltoja

IMPERIAL
As 15 e ás 21 h. (Adultos)
4 DAMAS PARA UM AS
O HEROI DE LAS VEGAS

ESTÚDIO
2. SEMANA Tel. 553134
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Um filme de Francis Coppola, com Elizabeth Hartmen, Geraldine Page e Peter Kastner
A NOITE É PERVERSA

EDEN
Tel. 32 07 68
As 15.15, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Dois homens num só! Herói! Renegado! Assassino!
BLUE
Terence Stamp, Joanna Peteet e Karl Malden.

ODEON
Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. r.) e ás 21.30
Em 4.ª semana triunfal
o notável filme português
ESTRADA DA VIDA
Que atitude deve tomar uma mulher perante uma infidelidade do marido? Perdoar-lhe ou abandoná-lo?
c/ Paulo Renato e Laura Soveral
(Maiores 17 anos)

CASINO ESTORIL
Tel. 26 07 29
As 17 e 21.30 (M. 12 anos)
NÃO SOU DIGNO DE TI
Gianni Morandi, Lama Eforikian, Nino Taranto e Dolores Palumbo.

CHIADO TERRASSE
Tel. 320917
As 15 e ás 21 (M. 12 anos)
DESERTO EM CHAMAS
3 CHAPÉUS PARA LISA

LIZ
As 15 e 21 h. (Adultos)
OS OSSOS DO OFÍCIO
A VOLTA DE NICK CARTER

ALVALADE
Tel. 763080
As 15.45 e 21.45 (Adultos)
2.ª SEMANA
O primeiro grande filme de amor da nova época!
COLUMBIACOLOR
INTERLUDIO DE AMOR
com Oskar Werner e Barbara Ferris

SÃO JORGE
Tel 54154
As 15.15, 18.15 e 21 e 30 (M. 17 anos)
3.ª SEMANA
O melhor filme do ano
— 5 «Oscars» —
NO CALOR DA NOITE
com Rod Steiger e Sidney Poitier

MONUMENTAL
Tel. 555131
As 15.15 e 21.30 (M 12 anos)
3.ª SEMANA
Super Panavision — 70 m/m
2001: ODISSEIA NO ESPAÇO
Uma prodigiosa realização de Stanley Kublick

ESTÚDIO 444
Tel. 779095
As 15.30, 18.30 e 21.45 (Adul.)
A obra-prima de François Truffaut
«Palma de Ouro» do Festival de Cannes
OS QUATROCENTOS GOLPES

IDEAL
Tel. 324194
As 21 h. (M 17 anos)
COM JEITO VAI COW-BOY
HORAS ROUBADAS

TIVOLI
Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 21.30 da noite (M 17 anos)
Na tela gigante de 70 m/m
BANDOLERO
c/ James Stewart, Dean Martin e Raquel Welch

CONDES
Tel. 322523 e 326710
As 15.15, 18.15 e 21.30 (Adultos)
ONDE ESTAVAS TU QUANDO AS LUZES SE APAGARAM?
com Doris Day e Terry Thomas
Panavision - Metrocolor

AVIS
Tel. 47163
As 15.30 e 21.45 (Adultos)
Tony Kendall, Brad Harris, Nick Jordan e Gloria Paul no mais espectacular filme de aventuras:
OS 3 SUPER-HOMENS
EASTMANCOLOR

EUROPA
Tel 66 10 16
As 15.15 e 21.30 (M 12 anos)
Colorido — 10.ª SEMANA
Um filme inspecível de Stanley Kramer — 2 Oscars
ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
Sidney Poitier, K. Hepburn Spencer Tracy

LIDO
Tel 93 75 93 — AMADORA
As 21.30 (M. 17 anos)
Um verdadeiro «tratado» de pancadaria!
Um «western» emocionante!
100.000 DÓLARES POR RINGO

POLITEAMA
Tel. 326305
NOITE DE SENSACIONAL ESTREIA com Lee Marvin
HOJE, ás 21.30 (Adultos)
SARGENTO RYKER
(COL.) - Ver anuncio especial
Hoje ás 18.30 — Os grandes romances de amor (Adultos)
UMA SEGUNDA VIDA

IMPÉRIO
Tel 555134
2.ª SEMANA
As 15.15 e 21.30 (Adultos)
Panavision Technicolor
Dois grandes talentos Jack Lemmon e Walter Matthau em
MAL POR MAL ANTES COM ELAS
(The Odd Couple)

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 16 e ás 21 e 30: Grande Companhia internacional (12 anos)

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos.
VILLARET — Às 2' e s. 23: «Oh, que deliciosa coisa» (17 anos)
MONUMENTAL — Às 20 e 45 e ás 23: «Lisboa é sempre mulher» (17 anos)
VARIEDADES — Às 2 e 45: «A Flor do Cacto» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — Às 21: «30 Winchesters» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Uma jovem em Paris» (17 anos)
PARIS — Às 21: «O Regresso dos 7 Magníficos» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Matt Helm, agente muito secreto» (17 anos)
ROYAL — Às 21: «Meu amor, meu amor» (17 anos).
OLIMPIA — Às 21. «Operação tubarão branco» (17 anos)
SALÃO LISBOA — Às 19: «Roma Invencível» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «O Valete de Ouros» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «A maldição dos Deuses» (12 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Viva Maria» (17 anos)
SPORT LISBOA E BENFICA — Às 21 e 15: «Só os fracos se rendem» (12 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Até á eternidade» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Batman o invencível» e «Tempestade na Jamaica» (12 anos)

ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «Não sou digno de ti» (12 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «Diabolik» e «Boeing-Boeing» (17 anos)

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Camelot» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Sombras na cidade» (12 anos)

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «Tarzan e o grande rio» e «1 general e meio» (12 anos)

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Hawai» (17 anos)

QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Cinco destemidos para Singapura» e «Os bárbaros do século XX» (17 anos)

SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Major Dundee» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 15: «Duas mulheres» (17 anos).

TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Vingança de Fu Manchu» e «Escape livre» (17 anos)

COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «O agente secreto F. X. 15» (17 anos)

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

Jacques Dumesnil, que terminou a rodagem do filme «O Boi Clandestino», sob a direcção de Jacques Pierre, vai interpretar, ao lado de Pascale Audret e Annie Sinigalia, «Les Mal Aimés», adaptado da obra de François Mauriac, com realização de Julien Bertheau.

■

Maximilan Schell será o principal intérprete da película Simón Bolívar», baseada na vida do «libertador» sul-americano, em co-produção italo-espanhola. O actor madrileno Paco Rabal desempenha o papel do general Paéz, principal ajudante de Bolívar na sua campanha de libertação.

■

A «Comédie des Alpes», que sob a direcção de René Lesage está a actuar na Casa da Cultura de Grenoble, inscreveu cinco espectáculos no seu programa para a próxima temporada: «Eu, Super-Homem», de Guillaume Kergoulay; «Zoo Story», de Albee; «O Casamento de Fígaro», de Beaumarchais; «A Noite dos Assassinos», de José Triana; e «Fim de Festa», de Samuel Beckett.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

Tamborim
Restaurante — Snack-Bar
Cervejaria
Especialidades diárias
AÇORDA DE LAGOSTA e COZINHA GOESA
Rua Gomes Freire, 14
(Ao Campo Santana)
Telefone 4 62 47

PARREIRINHA DO RATO
Restaurante — snack-bar
cervejaria
Especialidades de churrasco de frango, pato, porco e cabrito
Largo do Rato, 11
(entrada pelo arco)
Telefone 68 59 08
Parque para automóveis

RESTAURANTE
XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
AMANHÃ EXPERIMENTE GALINHA C/ ANANÁS E FICARÁ CLIENTE

ALMOÇO
MESA REDONDA — 50$00

AMANHÃ Bacalhau recheado à transmontana Iscas de porco na frigideira à portuguesa
AGIDE
RESTAURANTE
LARGO DA BIBLIOTECA, 20
TELF. 362123 LISBOA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 H.
JANTARES DANÇANTES

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
Telheiras de Cima, 144
Tel. 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
(Maiores de 25 anos)
Parque privativo para automóveis
(AR CONDICIONADO)

SANCHO
RESTAURANTE
T. da Glória, 14 / T. 369780
ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE NO MELHOR AMBIENTE
SALA PARA 40 E 80 PESSOAS
— AR CONDICIONADO —

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno A

(Ver pelos bairros das imediações e telefones entre parênteses).

ALCÂNTARA — **Bairrão**, R. Prior do Crato, 25 (661321).
ALMIRANTE REIS — **Confiança**, Av. Almirante Reis, 46 (42453).
ALVALADE — **Zil**, Av. da Igreja, 9-D (711780) ✲ **São João de Deus**, R. Pedro Ivo, 1-A-B (725140).
AMOREIRAS — **Britânica**, Trav. **Légua da Póvoa, 5 (689250).**
ANJOS — **Renascença**, R. Damasceno Monteiro, 104-A-B (831504)
AREEIRO — **Roma**, Av. de Roma, 85-B (772466) ✲ **Garantia**, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B (727300) ✲ **Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
ARROIOS — **Veral**, R Morais Soares, 109 (40632).
AVENIDAS NOVAS — **Alcântara**, Av Republica, 74-A (771379) ✲ **Vale**, Av Marquês de Tomar, 45 (773043) ✲ **Dalva**, Av Duque d'Ávila, 125 (45225) ✲ **S. Sebastião**, Largo S. Sebastião, 1-9 (48642).
BAIRRO ENCARNAÇÃO — **Zira**, Praça das Casas Novas — Lote 66 (310172)
BAIXA — **Teixeira Lopes**, R Áureo, 154 (324816) ✲ **Oliveira**, R Prata, 240 (321415)
BELÉM — **Moura**, T. da Memória, 55 (630944).
BENFICA — **União**, Est Benfica, 592 (700092) ✲ **Alegria**, Est. Benfica, 180-A-B (780511).
CAMÕES — **Barreto**, R Loreto, 30 (327284).
CAMPO DE OURIQUE — **Lobel**, R. Infantaria 16, 98-B (688807) ✲ **União**, R. Saraiva Carvalho, 119 (663643).
CAMPOLIDE — **Salutar**, R. B, 75, A-B (Bairro da Liberdade (683694). **Pinto**, R. Campolide, 11 (682610).
CONDE REDONDO — **Sousa Martins**, Rua Sousa Martins, 25 (553468)
ESTEFÂNIA — **Mundial**, L D Estefânia, 9 (45578).
ESTRELA E LAPA — **Andrade Ribeiro**, Av. Infante Santo, 66-B (666971) ✲ **Paiva da Costa**, R Lapa, 105 (6[illegible]4414)
GRAÇA — **Ziller**, R. de S Tomé, 54 (862835) ✲ **Central**, R. Penha de França, 58 (849245).
LUMIAR — **Central**, R Lumiar, 77 (790480) ✲ **Douro**, Al. Linhas Torres, 93-A-B (791131).
OLIVAIS — **S. Paulo**, R 2, Lote 823, á Estrada de Moscavide, Olivais Sul (310711).
PALHAVÃ — **Canto**, Est Laranjeiras, 202-B (780841).
PICHELEIRA — **Luzmar**, R João Nascim. Costa, 16-A (720703).
REGO — **Baptista**, R. Francisco Tomás da Costa 3 (771873)
DE ST.ª APOLÓNIA AO BEATO — **Freitas**, Rua Zófimo Pedroso, 11 (381136) ✲ **Banha**, Est Chelas, 173 (332241) ✲ **Frazão**, R. Cruz de St.ª Apolónia, 90 (847019).
SANTA MARTA — **Fernandes**, R. S José, 87 (326476)
SANTO AMARO — **Blatifar**, R D João de Castro, 27 (638824) ✲ **Correia Azevedo**, R Luís de Camões, 42-B (638625)
S. BENTO — **Castro**, R S Bento, 175 (660513)
MOSCAVIDE — **Varela**, Av Moscavide, 44 (2518520)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Miramar**, R Ernesto da Silva, 8 (212048)
CAXIAS — **Nova**, R Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — **Godinho da Silva**, Av Patrão Lopes, 4 (2432039).
OEIRAS — **Central**, R. João Teixeira Simões, 18 (2430058).
PAREDE — **Macau**, R. J. Ellas Garcia, 62-B (2471785).
ESTORIL — **Suiça** — Cruzeiro (Tel 260087)
CASCAIS — **Marginal** — Av. Marginal (Tel 280078) **A. Costa** — Rua Freitas Reis. 24-C (Tel 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — **Amadora**, P. 28 de Maio, 3-A (935518) ✲ **Carmelo**, R. Elias Garcia, lote 28 (933393) ✲ **Helénica**, R. Elias Garcia, J. P. L., loja B (933613).
DAMAIA — **Confiança**, Est. Militar, lote D (971023).
QUELUZ — **Gil** — Av. Miguel Bombarda, 28 (Tel. 950117) ✲ Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123).
CACÉM — **Central**, R Elias Garcia, 53 (2940034)
MEM MARTINS — **Química**, Est. Mem Martins, 285 (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (980456).
SINTRA — **Simões**, R. Heliodoro Salgado, 26 (980832).
COLARES — **Colares**, Abreja (299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — **Nunes**, L Coronel Ramos da Costa, 10 (234137).
ALHOS VEDROS — **Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — **Macedo Henriques** — R Bernardo Francisco da Costa, 1 (Tel. 27 12 91).
BAIXA DA BANHEIRA — **Nova Fátima**, Est Nacional. 221-B (224 4)
BARREIRO — **Moderna** — R D. Henriqueta Gomes de Araujo, 12 (Tel. 2273443).
COVA DA PIEDADE — **Atlântico**, Quinta do Pombal, 1 (274365).
MOITA — **União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (239025).
MONTIJO — **Hegiene**, R. José Joaquim Marques, 42 (230370).
SESIMBRA — **Leão**, Av Salazar (229471)
SETUBAL — **Higiene** — R Frei Agostinho da Cruz — (Tel. 22408) ✲ **Portugal** — R. Camilo Castelo Branco (Tel. 23211).
SEIXAL — **Soromenho**, R Paiva Couceiro, 38 (2218560)

CENTRO ENFERMAGEM DE URGÊNCIA SANTA MARIA
Injecções, tratamentos e velas, oxigénio, soros e camas articuladas
R. Conde Redondo, 56, 2.º
Telef. 43738 — LISBOA

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — **Companhias das Águas, 361353 ✲ Companhias Reunidas, 537011 ✲ Gazcidla, 538821 ✲ Gazcidla (dom. e feriados), 882069.**
BOMBEIROS — **Sapadores, 322222 ✲ Voluntários, 538524.**

Diário de Lisboa

DL

Propriedade da
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Editor: J. Chrisóstomo de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telefones: 32 02 71 2 3,
32 11 54 5 e 34 221
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 Portugal

UM CURSO DO COLÉGIO DE DEFESA DA N. A. T. O. DE VISITA A LISBOA

Um avião especial trouxe esta tarde até Lisboa os 66 componentes do 33.º Curso do Colégio de Defesa da N. A. T. O., com sede em Roma.

O curso dirige-se aos Estados Unidos, em viagem de trabalho integrada no programa das suas actividades, seguindo para ali amanhã ao princípio da noite.

O comandante é o general Safik Erensu, do Exército turco. O grupo é constituído por oficiais e civis de todas as nações da Aliança Atlântica.

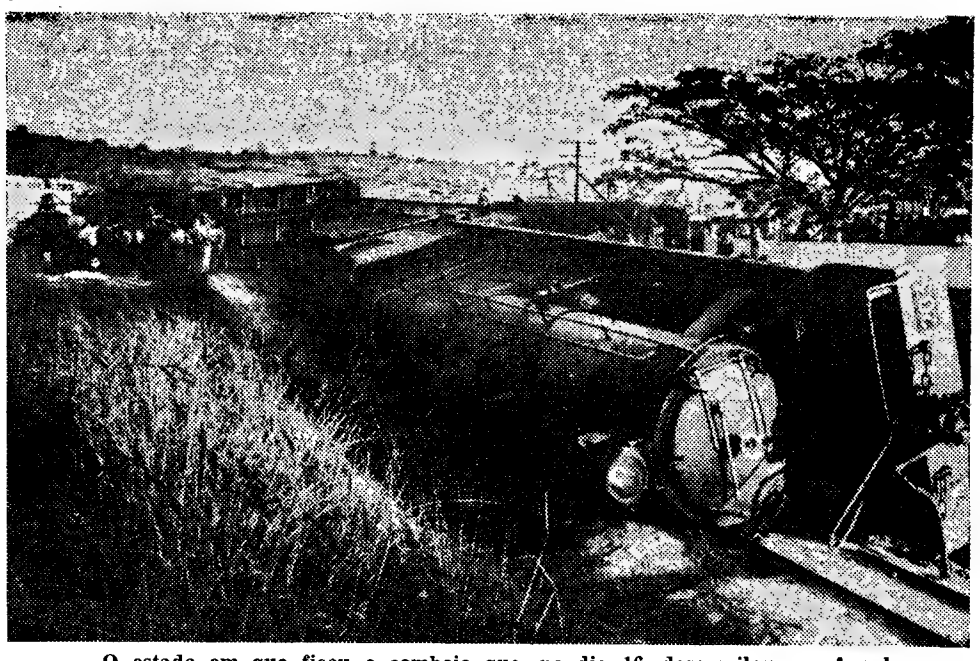
Os componentes do Colégio da N. A. T. O. visitaram esta tarde o Laboratório Nacional de Engenharia Civil e serão obsequiados à noite com um jantar pela Presidência do Conselho.

T. I. L. — UMA NOVA COMPANHIA TEATRAL

Será anunciada dentro de alguns dias a criação de um novo agrupamento teatral, com características e objectivos que pretendem introduzir um novo tipo de actividade no nosso meio artístico. O grupo, que se chamará «Teatro Início de Lisboa» — (T. I. L.), é formado por alguns elementos identificados com a intenção de levantar uma obra válida, que possa contribuir para uma salutar divulgação de teatro. A equipa integra jovens actores, com largas provas prestadas nos palcos profissionais.

PAVILHÃO PARA MEDIÇÕES MAGNÉTICAS

Encontra-se, já concluída a obra de construção do pavilhão para medições magnéticas na Estação Meteorológica Nacional em Angra do Heroísmo.



O estado em que ficou o comboio que, no dia 16, descarrilou em Angola Do espectacular acidente resultaram um morto e dois feridos

A CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA PARA O TRATAMENTO DAS LESÕES VASCULARES INTRACRANIANAS

Reuniu-se esta tarde a classe de Ciências da Academia das Ciências de Lisboa, sob a presidência do prof. Amorim Ferreira, e com a presença de numerosos académicos.

No início dos trabalhos foi aprovado um voto de pesar pelo falecimento do correspondente alemão, Otto Hann, prémio Nobel, cujo elogio foi feito pelo presidente.

A Classe registou o convite da Academia dos Linces acerca do Prémio Fetrinelli (1968-1969, Medicina) e para o Simpósio Internacional de Análise Conformarional de Bruxelas (Setembro 1968).

Na ordem do dia o prof. Almeida Lima apresentou a sua comunicação: *Algumas considerações sobre os aspectos angiográficos dos chamados «Espamos» das artérias cerebrais.*

Depois de recordar que as técnicas neurocirurgicas actuais, que permitem intervir com sucesso no tratamento de lesões vasculares intracranianas se desenvolveram em consequência dos trabalhos de Egas Moniz e da Escola Portuguesa de Angiografia, e de afirmar que ainda hoje dependem do uso sistemático da Angiografia Cerebral, o orador discutiu o conceito de «espasmo» das artérias cerebrais, que, apesar de geralmente admitido, se deverá conservar.

Os fenómenos de falência temporária das funções cerebrais, atribuídos pela maioria dos clínicos a «espasmos» de artérias cerebrais, terão possìvelmente origem em obstruções arteriais transitórias por êmbolos plaquetários migratórios.

A comunicação foi comentada pelo prof. Barahona Fernandes, sendo aprovada a sua publicação nas «*Memórias*» da Classe.

O USO DE ARMAS NUCLEARES ADVOGADO POR SCHROEDER

PARIS, 17 — (R.) — O dr. Gerhard Schroeder, ministro da Defesa alemão, advogou hoje o emprego de armas nucleares em caso de uma emergência na Europa, mas ao mesmo tempo pediu o aumento das forças convencionais da N. A. T. O., neste continente.

«É do interesse da Europa que, em caso de necessidade, se usem armas nucleares tácticas a tempo e o mais longe possível, de forma a evitar a devastação no território da N. A. T. O.», afirmou.

«Nós temos confiança na determinação dos Estados Unidos de empregar realmente armas nucleares na defesa da Europa, mas essas armas não podem substituir adequadamente as forças convencionais no continente.»

O dr. Schroeder prosseguiu: «Considero indispensável a manutenção de forças dos Estados Unidos Canadá e dos países europeus que sirvam de base a uma defesa com armas convencionais.

«A estratégia da resposta flexível e o conceito da defesa avançada presupõem a existência e preparação de forças adequadas, equipadas com armas modernas convencionais e nucleares».

O ministro salientou que a rapidez da invasão da Checoslováquia confirmou a convicção de que uma defesa bem sucedida não pode ser baseada apenas na transferência de forças dos Estados Unidos para a Europa.

SCHROEDER

AUTOR JAPONÊS PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

ESTOCOLMO, 17 — (R.) — O Prémio Nobel da Literatura de 1968 foi hoje atribuído ao japonês Yasunari Kawabata.

Kawabata tem 69 anos e é o primeiro japonês que recebe o Prémio Nobel.

A Academia disse que o escritor mereceu o prémio devido «á sua maestria narrativa a qual juntamente com grande sensibilidade exprime a essência do espírito japonês.»

Estrada Nacional 257

Encontra-se já aprovado o projecto de beneficiação da concordância da Estrada Nacional n.º 257 com a estrada nacional n.º 2.

Para a efectivação da obra proceder-se-á á expropriação de uma parcela de terreno.

Tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu estava geralmente pouco nublado e o vento era fraco por influência da masa de ar transportada na circulação conjunta de um anticiclone centrado na Suíça e de uma depressão centrada ao norte dos Açores.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 29°; mínima: Figueira de Castelo Rodrigo, 7°,6

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 19°,5 na água do mar: 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente pouco nublado com períodos de muito nublado nas regiões ao sul do sistema Montejunto-Estrela; possibilidade de neblina ou bancos de nevoeiro matinais na orla costeira ocidental ao sul do cabo Mondego.

Amanhã
Nascer ás 7 e 48
Ocaso ás 18 e 55

Dia 21 Dia 28 Dia 5 Dia 13

MARÉS

PREIA-MAR: Dia 17 — 0 e 30 (3,2 m); 12 e 52 (3,5 m). Dia 18 — 1 e 30 (3,5 m); 13 e 44 (3,7 m). Dia 19 — 2 e 15 (4,0 m); 15 e 07 (4,2 m).

BAIXA-MAR: Dia 17 — 6 e 21 (1,8 m); 19 h (1,5 m). Dia 18 — 7 e 15 (1,5 m); 19 e 48 (1,3 m). Dia 19 — 7 e 58 (1,3 m), 20 e 27 (1,0 m).

JUNKERS
Telef. 22118 FIGUEIRA DA FOZ
SOMARO, L.DA
Praça 8 de Maio, 64

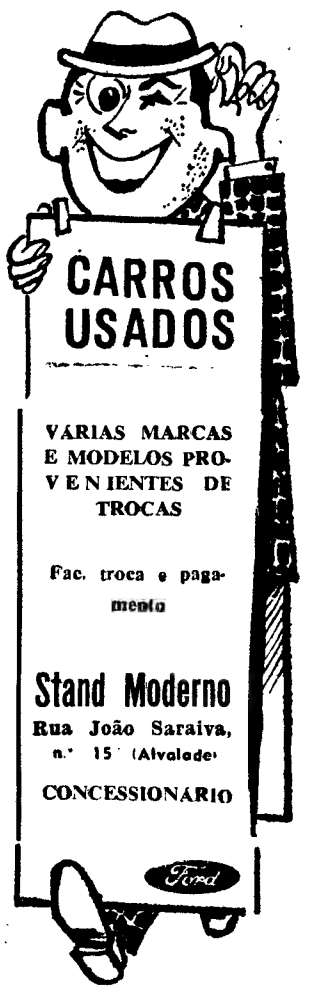
Instituto Superior de Línguas e Administração
ESCOLA SUPERIOR DE ORGANIZAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO
(reconhecida oficialmente para fins militares e provimento de cargos públicos)
FORMAÇÃO DE TÉCNICOS DE ADMINISTRAÇÃO E PSICOLOGIA INDUSTRIAL
Habilitação mínima: 7.º ano dos Liceus ou equivalente
Aulas das 20 às 24 horas
ABERTAS AS INSCRIÇÕES PARA O PRÓXIMO ANO LECTIVO
Pedidos de folhetos e informações para a Rua do Sacramento à Lapa, 16 — Telefs. 676395 - 673766

JOGUE NO
CAMPIÃO
SEXTA-FEIRA 4000 CONTOS

JUNKERS
PETROLIS — Sociedade Leiriense de Combustíveis e Óleos, Ld.ª
Av. Combatentes da G. Guerra
Telef. 22177 LEIRIA

JUNKERS
.ABÍLIO FLORES
R. Heróis da G. Guerra, 104-104-B
Telef. 22008/9 CAL. DA RAINHA

50 MIL CONTOS
1.º PRÉMIO DA
LOTARIA DO NATAL
Bilhetes das duas séries a 5.000$00
Bilhetes simples a 2.500$00
Décimos a 250$00
JÁ À VENDA NA
CASA DA SORTE
A Casa que faz multimilionários



CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

SUPLEMENTO
Diario de Lisbôa
LITERÁRIO

Alberto Ferreira
Alexandre O'Neill
João Gaspar Simões
João Martins Pereira
José-Augusto França
José Vaz Pereira
Rocha de Sousa

N.º 533/17 DE OUTUBRO DE 1968

Marcel Duchamp: auto-retrato

Duchamp & Fontana

Folhetim artístico de José-Augusto França

COM INTERVALO de poucas semanas morreram recentemente Lucio Fontana e Marcel Duchamp. O primeiro tinha setenta anos, o segundo oitenta. Em ambos, porém, a juventude contava como valor maior.

A juventude de Duchamp fora vivida nos anos fervorentes de 1910, a de Fontana nos anos 40 do pós-guerra. Antes de uma guerra e depois de outra se definiram então as criações destes dois homens que marcaram posições-chave na criação estética do Ocidente. Entre um e outro, medeou uma geração que mal compreendeu o primeiro e na qual o segundo não participou. A nova geração, porém, aquela que nos anos 60 se define, viu em ambos mestres de pensamento e de acção.

Mais em Duchamp,, sem dúvida, e por razões históricas: As suas propostas de 1912-25, arredadas no tempo, adquiriram hoje um valor polémico de segundo grau em oposição àquela que fere ainda as propostas de Fontana, de 1946-60. O desinteresse simbaldino de Duchamp, a distanciação em que se desejou, constituiram elementos de acção indirecta que importa receber e dilucidar, um ensino re-significado pelo tempo. E isso foi inteiramente entendido, nestes últimos anos, sobretudo.

A camaradagem que unira Duchamp aos Surrealistas de 1930, a colaboração que sempre o artista dera às suas manifestações até á programação da exposição de 1959, mantivera em actividade o seu nome — o suficiente para encarnar o mito em que se tornara. Duchamp destruira o conceito tradicional de arte, dentro do movimento «Dada», opondo à *criação* a simples *manifestação* do já criado, ou a sua displicente alteração semântica. A importância de tal acção, no mundo estético de hoje, é obvia: ela imprimiu-lhe um sentido maior, na categoria metafórica que lhe convém.

Recentemente, por ocasião da grande retrospectiva de Picasso, em Paris, vários jovens artistas afirmaram que o mestre que reconheciam era Duchamp e não Picasso — e, injustos embora (afinal Picasso precedeu Duchamp, ou possibilitou as suas diligencias), é razoável a posição tomada, em virtude das linhas genealógicas com que passaram a coser a própria arte ou anti-arte praticada.

Folhetim não é artigo de vulgarização e em muitos outros lados pode o leitor ficar sabendo o que fez Duchamp — as suas propostas futuristas, surrealistas, «pop» e «op». Eu

(Continua na pág. seguinte)

A pueril querela do romance

por João Gaspar Simões

NÃO ESTARÁ o problema básico do romance dos nossos dias em saber-se se o romancista deve ou não contar uma história? E este problema não pressupõe a essência da própria arte do romance em si? Que restará, ao fim e ao cabo, de tal género literário, anulado que seja esse seu elemento?

Se quiséssemos remontar às origens da ficção, verificaríamos ter ela nascido precisamente do desejo ou da necessidade em que o homem se encontrou, desde os mais remotos tempos, em recapitular de memória ou por escrito as condições em que se desenrola a sua própria vida. Digamos, portanto, que antes de existirem histórias — ou «estórias», como se escreveu e devia escrever — contadas ou escritas, já o homem vivia as suas próprias «estórias». A vida de cada homem é uma história, história que só principiou a ser contada quando surgiram as epopeias, género de histórias que não eram histórias de um homem ou de alguns homens, mas histórias de povos, narrações dos seus feitos heróicos, ou seja, da sua existência em comunidades.

Quer dizer: a história antecede a «estória». Antes de se contarem histórias ou «estórias» fizeram-se ou viveram-se histórias que a memória dos homens recolheu em poemas épicos.

Só mais tarde nasceriam as «estórias» pròpriamente ditas, oralmente contadas primeiro. Isto é: só tempos depois o homem se daria conta de que, a par da história heróica dos povos, havia a história anónima dos homens.

Convém, pois, sublinhar que quando a literatura principiou a contar histórias já o homem vivia na História as suas «estórias». Desta sorte a ficção quase se limitou a consagrar uma forma literária que precedia a própria literatura. Mas isto, que parece evidente, não foi desde logo descoberto pelo homem. As «estórias» orais, património da humanidade, começaram mesmo por ser alegóricas. Só muito lentamente os homens chegaram á compreensão de que, para contarem a história da sua vida, não deviam usar de formas paradigmáticas. Pode dizer-se que a arte da ficção nasceu apenas no século XIV, quando Boccacio publicou o *Decameron*. Embora nascida então a arte de contar histórias ou «estórias», ainda levaria tempo antes que surgisse aquilo a que no século XIX se chamou «romance». Com efeito, os primeiros romances — sem falarmos de uma ou outra história mais ou menos longa a que, sem propriedade, se deu o nome de romance, como sejam *O Satiricon*, *Dafnis e Cloe* ou *O Asno de Oiro*, peças da literatura grega e latina —, só apareceu na Idade Média; são os chamados romances de cavalarias. Mas mesmo estes primeiros romances eram mais colecções de «estórias» do que propriamente uma «estória». Há que esperar pelo século XVII para vermos surgir o romance tal como o concebemos ainda hoje: um espelho (como queria certo autor citado por Stendhal) que passeia ao longo de um caminho, por auto, uma imagem da vida de cada ser humano.

STENDHAL

CERVANTES

JOYCE

Onde pretendemos chegar? Apenas a esta conclusão: que uma arte literária diferenciada das demais artes literárias pela circunstância particularissima de ser a unica a dar-se conta de que a vida do homem é uma história ou uma «estória», visto o homem viver ao mesmo tempo na História e na «estória», no dia em que renunciar, definitivamente, a esse seu particularismo, perderá a sua razão de ser. E é por isso que, no nosso ponto de vista, o romance que nos nossos dias se recusa a admitir a «estória» como elemento fundamental da arte do romance tem o direito a ser tudo quanto quiser menos romance propriamente dito.

Evidentemente que não sustentamos que a maneira de contar histórias deva ser invariável, e que o romance dos nossos dias deva contar as suas histórias como Cervantes contou as dele. Admitimos a legitimidade da «estória» do *D. Quijote*, a legitimidade da «estória» do *Robinson Crusoe*, a legitimidade da «estória» do *Tristram Shandy*, a legitimidade da «estória» do *Lucian Lewen* ou a legitimidade da «estória» do *Ulysses*. Entre a maneira de contar de Cervantes, de Defoe, de Sterne, de Stendhal, de James Joyce não há outro ponto de contacto além deste que todos contam em verdade uma «estória». A partir do momento em que o romance deixa de contar «estórias», seja lá como for que as conte, perde a sua natureza de romance. Nem se compreende que assim não seja. Muito pobre tem de ser o vocabulário dos povos para estes não encontrarem no momento preciso em que descobrem um novo género literário o termo necessário ao género descoberto! Não se tratará de uma teimosia, a que não será alheio certo comercialismo, o persistirem alguns escritores de hoje em chamarem «romance» a obras onde não há sombra daquilo que constitui a natureza intrinseca ou funcional do género? Como o leitor ainda se não cansou de ler «estórias» — ao contrário do que insinuam os adulteradores da literatura de ficção — e como o escritor dos nossos dias não pode passar sem o editor, unico meio de ver as suas obras publicadas, ei-lo que, escrevendo livros onde já nada existe da natureza particular do género a que diz prestar culto, pusilânimemente continua a chamar-lhes «romances». Quanto a nós, cremos estar apenas diante de uma forma de exploração comercial.

Entenda-se bem: não defendemos qualquer paradigma realista do romance. Apenas sustentamos que, para determinada obra gozar das prerrogativas que caracterizam as obras-primas do género — seja o *D. Quijote* seja o *Ulysses* —, se nos afigura indispensável que essa obra conte ume «estória» ou melhor que esssa obra admita que a vida humana reflectida na literatura de ficção só e romance enquanto esse género literário representar uma imagem da vida em termos de «estória». Se a representar noutros termos — em termos de visão-objecto, de visão-filosófica, de visão-ensaistica, de visão-óptica — termos de que esteja excluída a condição *sine qua non* de tal género literário: sem uma imagem da «estória» dos homens, será tudo quanto quiserem, «romance» não. Pois não é pueril sustentar um ponto de vista diferente?

SUPLEMENTO Diario de Lisbôa LITERÁRIO

LETRAS PORTUGUESAS:

A Pueril Querela do Romance, *por João Gaspar Simões.*
Fogo em Volta... e Resposta a Régio, *por Alberto Ferreira.*

LETRAS ESTRANGEIRAS:

The Flower Power, *por Manuela C. Garção.*

CRÓNICA:

Com Seiscentos Dentistas!, *por Alexandre O'Neill.*
Elogio do Boato, *por João Martins Pereira.*

ARTES PLÁSTICAS:

Duchamp & Fontana, *folhetim artístico de José-Augusto França.*
O Objecto, *por Rocha de Sousa.*

CINEMA:

Morte de um Computador, *por José Vaz Pereira.*

TEATRO:

O Regresso do Grande Living.
Adamov Escreve-se com «M».

JAZZ:

«Simple», Personagens de Hughes, *por José Duarte.*

Du Champ & Fontana

(Continuação da pág. anterior)

quero apenas lembrar-me da grande sala do museu de Filadélfia onde toda a sua obra se encontra depositada, espaço animado e explosivo, motor de história e de humanismo, vertiginoso impulso e temeroso corte em esquemas mentais e sensitivos do passado. Em Paris, há um ano, um velhinho de perfil agudo, enrugado como um pergaminho, o olhar divertido, presidia à inauguração duma retrospectiva que (enfim!) o tão atrasado Museu de Arte Moderna lhe fazia. Foi a única vez que vi Duchamp — sobrevivente e presente como Mefistófeles, na dança irónica do nosso viver...

A Fontana vi várias vezes, e falámos em Paris, onde a sua arte sempre despertou desconfiança. Uma desconfiança que o indignava. Creio até ter sido o único crítico que lá lhe defendi a primeira exposição, em 60 ou 61, numa galeria que teimava inglòriamente em impô-lo, na atmosfera ainda então serenamente «pictural» de Paris. Em 59, quando o citei no colóquio da 1.ª Bienal parisiense para definir uma posição estética dinâmica, lembro-me ainda de um considerável crítico, algo oficioso, que me respondeu, muito irritado, «qu'on avait assez» de tal sugeito.

Haviamos todos de ter, dele, muito mais, nos anos seguintes... Os «Concetti Spaziali» de Fontana rompendo a superfície prudente das telas para explorar o espaço posterior, constituem, na sua admirável simplicidade, uma proposta maior, dentro da arte do nosso tempo acima referida. Golpeando a tela, ou perfurando-a, adquiriu-se operatòriamente uma naturalidade que o tempo-desde-Duchamp garantia já.

Entre os objectos «ready-made» deste e a cenografia do italiano, passou uma corrente de alta tensão. Uma lógica mental finíssima e uma delirante lógica barroca. Completam-se assim. Os objectos míticos do nosso tempo, que podem ser «signés» Duchamp, vivem necessàriamente num espaço complexo e outro, que pode ser criado por Fontana. De qualquer modo, há que entender uma nova categoria espacial — sem o que nada se entenderá do que, em volta de nós, acontece.

...Não será escusado dizer que, no estado actual das pesquisas estéticas de certos jovens artistas portugueses (o Noronha da Costa, o Artur Rosa, o José Rodrigues, o Jorge Pinheiro, o Eduardo Nery, a Lurdes Castro, a Ana Vieira), este espaço ao mesmo tempo experimental e simbólico que o Fontana do «Spazialismo» propôs, tem uma importância maior. E que a todos eles necessàriamente assombra a presença exigente e irónica dum Duchamp *que coisificou a «Imagem».*

N. da R. — A escolha das ilustrações do ultimo «Folhetim Artistico», relativas a Obidos, não é da responsabilidade do autor.

JOSÉ-AUGUSTO FRANÇA

Morte de um computador

(Continuação da 8.ª página)

ções. Porque o espaço interior é tão importante como o espaço exterior, a necessidade de comunicações aperfeiçoadas e rápidas e faz-se sentir duma maneira particularmente aguda. Sobretudo num mundo em que os pré-adolescentes vivem já numa envolvência e num ambiente de adultos. Mas o filme trata do assunto ainda com um espírito de desconfiança no que diz respeito a cérebros electrónicos que mais podem contribuir para uma melhor comunicação: os computadores. E, seguindo esse rumo, não pode deixar de fazer eco dum problema que hoje julgamos ultrapassado: o conflito homem-máquina.

A velocidade com que os computadores fornecem chaves para a resolução de problemas complexos e a versatilidade com que procuram soluções poderá parecer ominosa. Não faltam as grandes palavras sobre a desumanização da cultura. O espectro do desemprego poderá assustar outros tantos.

Mas não há dúvida que a humanidade enfrenta crises e dificuldades que, só por si, não poderá resolver. O homem tem que utilizar os instrumentos do seu próprio engenho e continua a ter de libertar-se dos seus pesadelos, antes de começar a fazer perguntas. «Os nossos netos e os filhos dos nossos netos rir-se-ão — escreve Isaac Asimov — do medo que tinhamos dos computadores». Ora, é este medo que aperfeiçoadas e rápidas faz já do único filme da era do Espaço o primeiro filme do nosso passado.

JOSÉ VAZ PEREIRA

teatro:

O REGRESSO DO GRANDE «LIVING»

O Living Theatre (ver *Suplemento «D L»*, de 23 de Maio) regressou á pátria americana depois de um exílio itinerante pela Europa e com um «palmarés» de vitórias. Fundado em 1915, por Julian Beck e Judith Malina, celebrizou-se como agrupamento de vanguarda com duas peças de arrojada concepção: *The Connection*, de Jack Gelber, e *The Brig*, de Kenneth Brown. *Frankenstein* (inspirada no romance de Mary Shelley) foi a mais recente e, porventura, mais sensacional produção do famoso conjunto, e é justamente com essa peça que ele acaba de fazer a sua reaparição na Broadway. Espectáculo de terror, viagem ao inconsciente, fábrica de realidades que se absorvem sucessivamente umas às outras, a peça põe em questão, como já é lendário dizer-se dela, a crueldade do nosso tempo aos diversos níveis da presença humana: no uso do poder, na alienação do sonho, na transposição mítica (e mística) da responsabilidade, na transfiguração erótica e no caos colectivo. Mas independentemente do tema, o que *Frankenstein* põe em causa é a morte do teatro convencional, o que fica da peça quando espectáculo é uma pujante demonstração de vitalidade e imaginação e a certeza de que, depois de Brecht, de Arthaud e de Ionesco, há novíssimos caminhos para revitalizar o teatro e dar-lhe uma nova expressão. Assim pensa Peter Brooks. Assim pensa Armand Gatti. E com eles todo um imenso público ansioso de renovação, que encontrou no Living Theatre a expressão mais homogénea de uma rebeldia criadora.

JACQUES DEBARY, M. LE MODERÉ
«Os heróis pusilânimes não merecem a comiseração do espectáculo» — Adamov

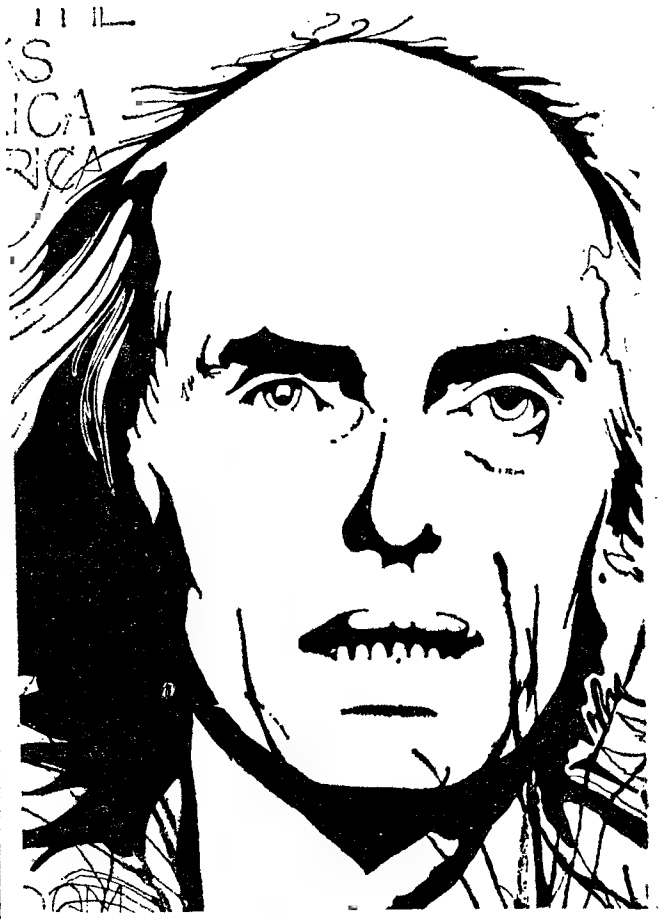
ADAMOV, ESCREVE-SE COM «M»

«O riso de Adamov é o riso da caricatura, um riso verdadeiramente feroz, um riso que faz mal»—diz Jacques Lemarchand na crítica que escreveu para o «Fígaro» á ultima obra do grande dramaturgo, *M le Moderé*, em estreia no Thêatre des Mathurins, de Paris.

«M» aqui, no titulo, tem o valor de uma chave para sugestões. «M» de «Monsieur». «M» de Moderado. «M» de Maldito. «M» de Miséria... E a peça é o riso aberto contra a moderação, a gargalhada de chicote contra os burocráticos bons-sensos que atrofiam a imaginação e o gosto de viver de muitos e fazem a lenda de alguns. Os admiradores de outras peças de Adamov como *L'Invasion* e *Parodie* e os profetas que em 1950 anunciaram nele o revolucionário de vanguarda que, como tal, iria ser enaltecido anos depois, todos esses que agora assistiram no Thêatre des Maturins, aos sonhos e ás desditas de *M le Moderé*, foram unânimes em reconhecer que, uma vez mais, Adamov lançava uma carta mais ousada e mais insólita no seu teatro. O pequeno-burguês que ele lança para o palco do ridículo é o convencional instalado nos pecados convencionais de uma classe.

Moderado nos defeitos, típico, portanto, como herói de virtudes. Um «clown», sem se dar conta, final, quando olhado com um mínimo de imaginação. Um cidadão que se pretende respeitável quando integrado num conjunto de valores convencionais. Cabem nele, é certo, todas as tentações, mas todas as tentações são sugeitas à moderação dos sensatos. Então — e é esse um dos «clássicos» trunfos de Adamov — a realidade torna-se ambigua, a acção recobre-se de um anacronismo latente e o herói enfrenta do cimo de um pedestal um mundo às gargalhadas.

Adamov que está por detrás desse herói e por detrás do público — bem entendido...—acrescenta com *M. le Moderé* uma nova legenda à de *«l'imagination au pouvoir»* e, segundo a crítica, acrescenta, com redobrada ferocidade, a sua galeria dos mitos contemporâneos...



Julian Beck: «O Living Theatre *não é apenas uma*

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA
Cursos: BASICO, NORMAL, ÁCELERADO
ABERTAS AS INSCRIÇÕES — INÍCIO DOS CURSOS — OUTUBRO

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUÍMEDES
Rua Marques da Silva, 99, 2.º — Tel. 532702

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS
R. Conde Redondo, 56, 1.º-Esq. — Tel. 536380
CURSOS INTENSIVOS, NOVAS TÉCNICAS DE ENSINO, PROFESSORES ESPECIALIZADOS, LIVROS PRÓPRIOS

o OBJECTO

por Rocha de Sousa

O *objecto*, em algumas das suas diferentes propostas de comunicação e naturalmente referido às coordenadas da modernidade portuguesa, está na Quadrante para levantar certas interrogações de fundo, para explicar a continuidade revolucionária possível entre as formas de pura rebeldia contestativa e as formas integradas de uma parte da produção artística actual. Ao nível da estética, a exposição debate mais uma vez, presente e nas suas ramificações de abertura ao futuro. Assim ele nos explica que, uma vez assumido o caminho da extrema «pureza», «os tradicionais «géneros» foram exaustivamente explorados nas suas qualidades matéricas até à sua própria negação pelo que já era uma antipintura e uma antiescultura. Neste espírito, uma nova vontade formativa se desenvolve, desabrochando plenamente em 60, revalorizando a imagem e redescobrindo o objecto «ready-made» («Dadá» visto agora a outra luz...). A pintura e a escultura encontram-se finalmente reunidas no Objecto, em síntese mais ou menos perfeita, no desenvolvimento de um processo que tende cada vez mais a integrar uma experiência arquitectónica».

Neste fragmento da introdução proposta por Francisco Bronze à sua própria coordenação dos elementos reais, encontra-se um dado significativo que refere a revalorização da imagem e portanto um novo esquema de apropriação do real. Alguns tipos de objectos que ilustram essa apropriação estão expostos na Quadrante. A contestação aberta com o movimento «dadá» é ali evocada apenas para balizar do ponto de vista histórico, e dentro da estética, o fenómeno de osmose da pintura e da escultura, já que ele se prolonga ou permanece nos nossos dias com particular vivacidade.

TIPOS DE OBJECTOS NO PROGRAMA DA EXPOSIÇÃO

Para além de um conceito de base que inscreve o próprio quadro numa espécie relativamente vasta de objectos, estabelece-se na Quadrante o encontro da pintura e da escultura (a seguir à destruição das fronteiras radicais entre os géneros); no ponto de síntese num outro objecto de características mais vastas. Nele, com efeito, se podem reconhecer, por vezes, elementos segregados à vida do homem, sublimados pela ironia ou desmontados pela análise, peças capazes de sustentarem dessa forma a criação não apenas o conceito de objecto no domínio das artes visuais, mas sobretudo a relação dialéctica estabelecida entre imagem e objecto, quer se aplique a uma redescoberta bidimencional da realidade, quer se objective nas três dimensões de espaço dessa mesma realidade. Pluralmente definido nas suas incidências de ordem plástica, o objecto ali também se explica no campo das suas relações históricas, as de ontem e aquelas que hoje sugerem esperançosamente o futuro. E diz-se esperançosamente porque, seja como for, a exposição organizada por Francisco Bronze aposta com mal disfarçada confiança nos destinos do objecto em paralelo com a evocada crença de Pierre Restany numa estética popular generalizada.

Rui Mário Gonçalves: um programa crítico

O PROGRAMA DO CRÍTICO

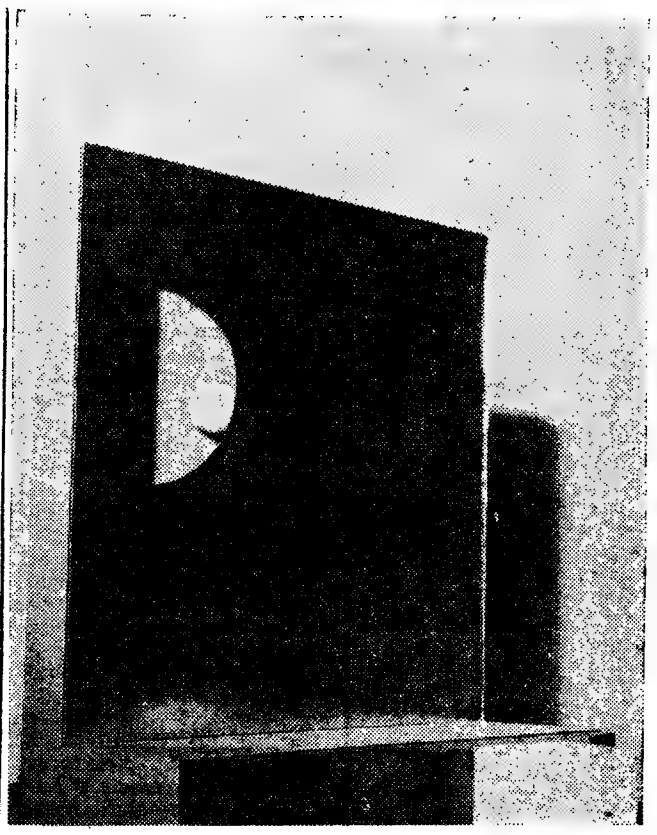
Esta exposição, que reune objectos de artistas representativos, é a última de uma série programada pela galeria Quadrante, onde três críticos foram convidados a organizar publicamente o seu ponto de vista acerca de questões artísticas do nosso tempo. Desse modo se pretendeu objectivar as opções da crítica assim empenhada e alargar pelo confronto a visão dos problemas estéticos na actualidade portuguesa. A primeira exposição dos problemas (IMAGEM / NÃO / IMAGEM) foi da responsabilidade do crítico de arte dr. José Augusto França e relacionava, em diferentes planos de espaço e de tempo, portanto de esquema e de modo, a evolução da imagem, do surrealismo aos nossos dias, na pintura portuguesa. Coube ao dr. Rui Mário Gonçalves o desenvolvimento da segunda exposição (NOVO DESENHO) pela qual se coordenavam, para além de uma perspectiva histórica, os dados fundamentais da evolução do desenho como escrita e como técnica de comunicação.

Nesta terceira parte do plano inicialmente anunciado, Francisco Bronze submete a sua exposição às manifestações de carácter objectualista no domínio das artes plásticas, procurando relacionar tempos e atitudes, assim justificando as raízes sociológicas de uma estética do objecto na sua articulação de um novo vocabulário poético, portanto um novo modo de agir. Em muitos casos, os destroços ou formas objectivas da realidade sociológica recuperam-se escultòricamente para o espaço bidimensional do quadro, nele inscrevendo, pela violência dos contrastes ou pela força expressiva das associações, o manifesto da *crise* quotidiana. Mas a própria ideia do objecto serial, explorado modularmente por processos industriais, vai entroncar-se no retrato irónico das utilidades comuns, abrindo perspectivas vastíssimas à poética objectualista, quer no espaço restrito das suas articulações expressivas, quer no âmbito das suas incidências sociais. É com certeza neste canal que pode igualmente renascer a defesa de uma originalidade constante, a recusa à absorção definitiva do homem pelas cadeias do consumo arbitrário ou a contestação de uma tecnologia mal dirigida.

No domínio da pesquisa orientada a um espaço tridimensional, coordenada de base na experiência referida, deve integrar-se sucessivamente a indagação arquitectónica — e é esse o sentido que reflectem alguns artistas actuais, reunindo em peças de grandes dimensões os dados essenciais de procedimentos plásticos há pouco ainda diferenciados. Para o espaço assim reconquistado, reconciliado com os dados reais de objectos constituídos, outros artistas projectam os elementos consequentes do seu novo diálogo com a realidade. A partir do objecto, conjunto físico por excelência, ligado pelo corpo a uma informação mais concreta, procura-se reorganizar o mundo das aparências, no jogo ilusório das imagens e em confronto com a própria verdade física do suporte de apoio. O objecto desdobra-se portanto em diferentes sistemas de reelaboração do real, quer se faça reflector de imagens que nele se confundem com as suas próprias estruturas, quer se realize escultòricamente para se metamorfosear pela intervenção do espectador, alterando a ordem de uma realidade na aparência pré-determinada, quer se articule em fases típicas da comunicação visual, permitindo desmontar e analisar o mecanismo das percepções.

REPRESENTAÇÃO PROPOSTA

Situam-se naquele campo, assim desenhado nas suas linhas gerais, os objectos propostos por Noronha da Costa, Ana Vieira, Manuela Almeida, Lourdes de Castro e Eduardo Nery. Naturalmente muito diferentes na sua proposição formal, e do mesmo modo nas consequências que determinam ao nível das imagens, todos eles abordam em linha recta a visão no plano das suas estruturas básicas, accionando e revendo a partir daí os fenómenos que *descrevem* ao homem a realidade móvel, o mundo ambíguo das imagens, o permanente equívoco das aparências na sua relação fundamental com o domínio do concreto. Noronha da Costa, talvez o artista mais singular deste conjunto, tem procurado com indiscutível coerência estabelecer as bases daquela relação, negando a dualidade ali implícita para afirmar uma continuidade dialéctica entre o real e o que dele nos é aparente. As coisas e as imagens são assim relacionadas, até aqui quase sempre através das transparências e reflexos de um espelho coordenador onde a realidade se desdobra, se reflecte ou se nega. Em certa medida, este realismo que se redefine em termos novos propõe-se em Noronha da Costa segundo objectos tridimensionais, escultóricos, que prolongam em nós a impressão de objectos industriais, de formas correntes de consumo, de utilidades que incòmodamente nos escapam. O *design* proposto é cada vez mais sugestivo neste sentido, realizando no espectador o apelo irrecusável de aproximação e participação, portanto jogando no objecto o fenómeno da reversibilidade do real — para melhor o compreender ou para definitivamente destruir as relações do código instituídas.



Noronha da Costa: uma nova experimentação do real

Ana Vieira e Lourdes de Castro debatem também este problema, jogando com silhuetas humanas, articulando materiais que possibilitem o movimento do ilusório e a experimentação constante da realidade. No caso de Ana Vieira, e como já tivemos oportunidade de referir noutro local, as silhuetas justapõem-se a uma memória fotográfica de movimentos, de gestos humanos perdidos no instante, ganhando por fim a dimensão de formas abstractas na medida em que de súbito se libertam do elemento corporal que as determinou para realizarem um espaço onde a pintura e a escultura se confundem intimamente. Abordando a produção de Artur Rosa, Eduardo Nery e Manuela Almeida, Francisco Bronze relaciona-os com a «grande corrente construtivista que vem da Abstracção Geométrica». Mas é preciso aqui destacarmos Eduardo Nery pela precisão que o seu trabalho tem vindo a alcançar e pela clareza posta nos seus esquemas ópticos, por vezes excelentes coordenadores dos dados percepcionais. Artur Rosa está mais ligado a uma experiência arquitectónica e a sua obra, embora coerente do ponto de vista formal, situa-se menos especificamente num problema.

Passando para a primeira parte do capítulo anterior, o caso de Palolo (e até de um Bértholo, embora de outro modo) reflecte uma ligação mais intensa e mais directa com a realidade quotidiana, debatendo-a ainda dentro do quadro. Ao que parece, Bértholo ter-se-á afastado um pouco desta linha, mas Palolo é dentro da recolha de imagens ilustrativas da sua movimentação urbana que se articula. Contudo, inverte-se a breve trecho para um domínio objectualista, mais directamente pela natureza de *coisa* que confere à representação do que pelo relevo com frequência já praticado. José Escada, que conserva um espírito de intimidade nas suas formas recortadas, próximo da pintura, desenvolve sobretudo um vocabulário poético mais ligado ao inconsciente.

Os objectos assinados por Cruzeiro Seixas e Charrua situam-se noutra dimensão afirmativa mais ao nível do próprio objecto como tal, como descoberta, como contestação de certos valores, como proposta do arbitrário contra o instituído. Eles são referidos a um tempo em que a urgência aí se colocava, embora o caso de Charrua tenha de ligar-se, como de resto acentua Francisco Bronze, à sobrevivência de uma estética expressionista, «estabelecendo a ponte entre uma subjectividade exasperada e o real objectivo».

UM GRANDE ROMANCE, NOVO E OUSADO, DE

MORAVIA

a atenção

A ATENÇÃO assenta numa situação escabrosa e em amores quase proibidos. Mas o mal também existe na vida — o incesto, a prostituição —, sem contudo perturbar muito a ordem aparente do mundo. Que significa então o realismo? Deve o escritor renunciar ao drama, ao romanesco? Moravia, graças ao Diário do seu herói, contenta-se em mergulhá-los no tecido conjuntivo da banalidade quotidiana—insignificante no plano dos factos, muito significativo e audacioso no dos sonhos.

Jacqueline Piatier (Le Monde)

COLECÇÃO CONTEMPORÂNEA

Portugália Editora

AV. DA LIBERDADE, 13 LISBOA

Fogo em volta... e resposta a Régio

por Alberto Ferreira

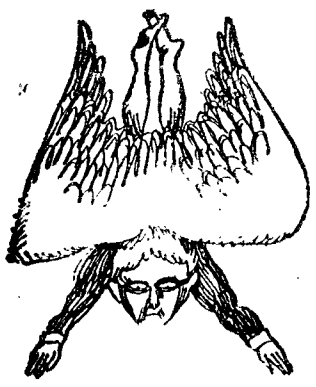
ALBERTO FERREIRA

I—Allegro ma non Troppo

LI, ALGURES, que temos formas a mais e ideias a menos. Ou seja, capacidade imaginativa e mimética que nos permite fingir que pensamos e de tal modo que o próprio autor se consola com a ficção. Pela minha parte sei, claramente, que, algumas vezes, me inebriei com palavras e me esqueci de pensar. O mal não será perigoso quando a ilusão se consegue desvanecer perante um forte impacto de nossa lucidez, ou seja, figuradamente, quando recorremos ao anjo da luz, Lucifer... O caso torna-se, porém, melindroso, para não dizer terrivelmente patológico, quando a literatice se torna obsessiva e altera a ilusão em alucinação. Para confessar tudo quanto neste momento me habita: receio bem que José Régio, e provàvelmente a minha pessoa, esteja a cair precisamente no que também aconteceu a Camilo, a substituição da ideia pela efusão, o estanciamento anacrónico, ou pelo menos tedioso, numa zona essencialmente dinâmica e que erradamente se toma por uma estação, que é a zona intermediária entre a experiência empírica e a conceptualização ideativa, a que alguns chamam imagem e eu prefiro animar numa forma flexiva e verbal: o imaginar. E então surgem metáforas como *Os Intocáveis e Fogos em volta de...* Bem julgo saber que a literatura não respira sem imagens. Mas também me parece poder ser dito, sem temor, que não lhe é alheio o conceito, a categoria, a ideia. Sobretudo na ordem crítica e na interpretação e análise literária, parece ser pràticamente impossível fugir a critérios, a normas metodológicas, a conceitos e a concepções que permitam sair da instabilidade dos juizos instintivos. Como ensinou Kant, na sua *crítica do juizo estético*, agradar ou desagradar não é raiz do juizo e quando neste interfere a emoção, caimos em pleno barbarismo (veja *Critique du Jugement*, Paris, J. Vrin, 1928, p. 58). E creio que ninguém me classificará de neokantiano pelo simples facto ideativo de aprovar este critério.

Posto isto, que poderia ser muito mais forte e indigesto, faço uma manobra ou uma diversão, como se queira. Além da pobreza *de* ideias e *das* ideias afigura-se-me avistar outros maus prenúncios. Olho os céus e colho a impressão de viver por-detrás-do-tempo, ou então, sei lá de atravessar «The Land behind God's back», que, em traslato auxiliado por quem sabe, pode dar, sofrivelmente, O País-que-está-por-detrás-das-costas-de-Deus... Com toda a franqueza: não sei nada de polémicas nem de este estafadíssimo modo de discutir. Sinto-me inepto, apesar de considerar que se poderia escrever excelente série de artigos inspirada pela Ironia, enquanto categoria estética. E cuido que me não seria penoso nem difícil, sobretudo, depois de estar precavido por uma leitura atenta de *O Riso*, de Henri Bergson (aconselho a cuidada tradução de Guilherme de Castilho, publicada por Guimarães Editores). O que não quer dizer que desterre do País-que está-por-detrás-das costas-de-Deus os salutares recursos do *cómico*, em que foi mestre, entre outros grandes, o excelente Rabelais... E não me convenço que Molière e Beaumarchais devam ser exilados para a Sibéria. Com a condição de se respeitar a dignidade de cada um, coisa que Camilo nem sempre teve em conta. Precisamos de civilidade, de educação, de boas maneiras, sem deixar, evidentemente, de recorrer à vivacidade que não pode nem deve ser confundida com ditos picantes, zombarias, remoques e chufas... crime de que me acusa Régio e do qual, com toda a franqueza, me não sinto culpado. Creio, que, mais uma vez, o Poeta confunde as coisas. Ou serei, de facto, «míope» como também o meu caro contraditor me chama? Tornemos todos à inofensiva diversão de que vos afastei. Dizia eu que quedo na impressão de que estamos (o verbo é adequado) nas costas do Tempo, muito por detrás das costas de Deus. Algures, em Inglaterra, dão-se os derradeiros retoques num transatlântico de uns milhares de toneladas, algures, no espaço, uma magnífica cápsula astronáutica transporta três americanos que observam o planeta e preparam a era da circum-navegação lunar, e nós? Aí vamos. Tejo abaixo, num barco a vapor muito parecido com os que vemos nas fitas americanas, fumando pela chaminé, onde se lêem, em letra vermelha sobre fundo branco, títulos como este: «Camilo, génio intocável»! Nem sei que pense! Pior: não sei que diga! Não será possível falar de coisas «nossas» sem filistina disposição? Eu bem imagino que na Alsácia, em qualquer burgo universitário como Estrasburgo, também haverá quem deseje perpetuar um estado de espírito alheio à crítica desassombrada. Filisteus há-os em todo o Mundo. E eu aceito a existência do filisteu desde que me não crucifiquem! Mais: aplaudo o nacionalismo literário desde que o espírito do senhor Chauvin se não intrometa com o seu excessivo sentimento patriótico. Nunca fui favorável ao cosmopolitismo, e até o condenei em livros meus. Por favor! Não se confundam as coisas! Acontece, geralmente, que a carência de pensamento e reflexão empurra a inteligência para a desproposita da transferência de juizos e para a sua extrapolação. Por exemplo: um escritor exige actualização cultural, logo lhe exclamam que é jacobino. Pede-se introdução de novas técnicas de análise literária ou de outros preceitos metodológicos e logo os rabinos gritam: heresia! Com tal atitude mental será possível chegar a resultados valiosos?

Não, não será possível. E ainda menos se persistir a ameaça de certos espinhos verbais, tais como *dogmatismo*, aplicados a esmo. Porque senhores, não basta dispormos de palavras, cumpre que lhes conheçamos o sentido e significação. Tornarei a este tema, num próximo capítulo que talvez intitule de «Missa Solene...» Tudo isto vem a propósito de outro comentário do autor de «A Salvação do Mundo», aparecido em «A Capital», de 25 de Setembro e que pretende responder (ou agra-



COM SEISCENTOS DENTISTAS! (Outra de Pipote...)

por Alexandre O'Neill

ANTES eu tivesse falado, na minha crónica da semana passada, do Geraldo-Trepador-de-Muralhas, vulgo O Sem Pavor, que do Serrano Deusdado (Joaquim), ferro-velho a desunhar-se em quinanes nas feiras de s. pedro e dos santos-que-houver! Antes eu tivera atracado a jangada a uma personagem histórica de verticalidade indiscutível, que batido papo (com evidente simpatia, não acham?) sobre essa afinal grande besta que é o Serrano Deusdado, vulgo, vulgaríssimo Pipote! Aqui deixo a tradução para português de mascate da carta a lápis-tinta molhado em saliva (ainda!) que ele me escrevinhou há uns reles três dias.

> «O Sôr Aníbal *(outra vez o Aníbal, em vez do O'Neill...)* está a prejudicar-me com aquelas larachas que deu á estampa *(em que missal ou almanaque picado pelo bicho teria o malandro catado a expressão?)* no «Diário de Lisboa» de faz quase uma semana (*brrr!*). Quem «lhautorizou» (*sic*) a falar de dentes que não conhece? Vá á Clínica Dentária das Avenidas Novas, pergunte pelo dr. Sousa Rocha e lamba-se com o que ele lhe contar dos meus dentes novos. Onde é que o Sôr Aníbal foi descobrir essa de eu deixar apodrecer os dentes por cortar cavilha, quer-se dizer, por ter cagaço? Homem de letras, chamam ao senhor! Homem de tretas, chamo-lhe eu, ouviu? E' que já uma senhora outro dia começou a entrar comigo de semana. «Então o Deusdado deixou apodrecer os dentes por tefe-tefe, hã?». E ria-se, a lindinha! Três quinanes que deixei de vender e por sua causa. Virei-lhe as costas e preveni-a: «Não faço mais negócios com a madama! Nem uma perna de cadeira!». Está a ver o Sôr Aníbal a bonita situação em que me pôs com a sua mania de andar por aí a inventar histórias? E se tivesse mais juízo na mona, não era melhor? Havia de ser meu filho... Este que se assina Joaquim Serrano Deusdado».

Juro sobre a memória do Geraldo-Trepador-de-Muralhas, com seiscentos dentistas!, que o que contei a semana passada foi ouvido por mim da boooooca (pft!) de Joaquim Serrano Deusdado. Se ele começou a tratar dos dentes, a culpa não é minha... Mas aqui, em legítimo desforço, lhe rogo uma não menos legítima praga:

> — Que a postiça te caia, Pipote, quando estiveres no derriço com a viuva e que ela te ponha uma semana a biberão, enquanto os mecanicos do dr. Sousa Rocha reparam a dentadura do... bebé!

P. S. Para João Abel Manta: *Meu caro, enganei-me! A personagem Pipote não merece nem um milímetro do seu engenhoso traço paciente. Desconfio, até, que não tem contorno... Para que nem tudo fique perdido, aqui lhe deixo uma sugestão: «Retrato da Dentadura quando Pipote»...*

Duas celebridades: Hughes e Ray «Sugar» Robinson

Jazz e

Rest at pale evening...
A tall slim tree...
Night come tenderly
Black like me.

de «Dream Variation»
LANGSTON HUGHES

...O jazz é uma música alegre, porque nasceu duma grande tristeza. Os seus ritmos alegres, nasceram das pulsações dum coração dorido. Desde o princípio do século XVIII, que Congo Square em New-Orleans, era um dos lugares mais tristemente alegres do mundo. Era ali, ao ar livre, naquele largo poeirento, que os escravos executavam as suas danças dominicais e que todo o dia tocavam nos tambores os ritmos de África.

Criavam uma música feliz e maravilhosamente complicada e dançavam num abandono pleno de alegria, até que o sol ao esconder-se, os reenviava para o bairro dos escravos. Enquanto dançavam, muitos esqueciam a sua condição de escravos. No entanto, a música, apesar da sua alegria, lembrava África, a travessia do Oceano, o mercado de escravos, as correntes de ferro, os chicotes, as vidas inteiras de trabalho, sem salário, nem liberdade. Vieram depois, as canções de trabalho, os gritos das plantações, os espirituais, a origem dos «blues», música de desespero e alegria, de tormentos e de risos. É esta aliança, entre tristeza e risos, que dá ao jazz a sua qualidade verdadeiramente única, que enraíza profundamente os seus ritmos sincopados na alma humana e que o impede sempre de ser uma música frívola ou desprovida de sentido ou simplesmente divertida, pouco importando, que a executem só por prazer.

O jazz é, hoje em dia, o bem comum a todos os homens...

Eram estas as raízes do jazz, na opinião do poeta Langston Hughes, um negro norte-americano, cujos antepassados de tão diversas raças e condições (e sem dar uma importância exagerada à hereditariedade) talvez justifiquem, a diversidade das fontes de inspiração na sua obra.

Negro e branco, judeu e índio, escravo e comerciante, político e camponês, até traficante de escravos, de tudo houve na sua família.

Nasceu em 1902 no Missouri, morreu em 1967, em Nova York, em Maio, nas vésperas das manifestações raciais de maior violência, que abalaram Newark, Milwankee, Detroit.

Dos três, o mais consciente socialmente, Hughes forma com Cullen e McKay o grupo mais importante de poetas negros.

Poeta, historiador, ensaísta, professor, romancis-

var?) as questões por mim postas. O título do comentário prometia conduzir a questão ao seu núcleo originário, ou ao que como tal se pretende. Fogo em volta de Camilo, escreve Régio. Fogo, portanto. Não me parece, porém, que esteja o sítio de Camilo a arder. Porque se assim ocorresse todos estaríamos de parabéns. Fogo. Fogo vivo, autêntico, é bem o que nos falta. Mas cuido que é lume, e só lume, que grassa há muito, bulindo de mansinho ali, rompendo acolá com as curtas fúrias dos Eolozinhos que gostam de cheiro a queimado. E o lume nem sequer se passeia no agro camiliano, mas sim na cercada «propriedade» de certos sociólogos, historiadores, ensaístas, filósofos, críticos, ou o que quer que se lhes chame, para o caso tanto se me dá. Houve até um polemista, aliás inteligente e dotado de incontestável finura, que insinuou serem quatro desses cercados «proprietários», pouco mais ou menos, c a n t a d o r e s... Nem mais: uma sorte de Calvários com a infeliz tineta de saberem entoar tão-só uma e a mesma c a n ç ã o. De onde se deve concluir que a motivação profunda, o estímulo decisivo, é outro que não o «nosso» Camilo.

Portanto, o que está em causa não é um caso, uma obra, um nome, nem sequer um domínio epistemológico ou um campo de significação. O que me parece estar a ser discutido, sem que se queira ou possa dizer tudo o que se pensa, é uma determinada concepção do fenómeno literário, uma metodologia que orienta algumas formas de heurística, digamos, por junto, toda uma concepção do mundo do homem. Disse: *do mundo do homem* e não do mundo e do homem, pois segundo julgo, está muito mais em causa o homem do que o mundo. O ideal seria, pois, furtar-nos à fulanização e renunciar a alusões, feliz ou infelizmente cifradas, visto que, de contrário, o leitor, para quem estas c o i s a s são escritas (plateia? Porque não?), Não entenderá patavina do que se vai passando aqui, no «Diário de Lisboa», nas páginas d'«A Capital» e nas da «Seara Nova». Dentro desta óptica será, sem dúvida, proveitosa e exemplar a crítica, o diálogo, a controvérsia. E nos dois ensaios, que compus para os dois volumes publicados da grande polémica *Bom-Senso e Bom-Gosto*, há matéria que bonda para vasta discussão de ideias.

O Camilo tem lá lugar modesto, não que eu lhe atribua um modesto lugar na literatura, mas porque o meu projecto de trabalho não comportava a n á l i s e tão profunda quanto ele merecia. Voltarei, n u m a outra parte desta resposta, ao tema (talvez em «tocata e fuga...»). E já que o óptimo é inimigo do bom, comecemos pela parte mais intrigante ou espectacular desta caturrice literária. Caturrice, digo eu. E minha. Pois a verdade é que não resisto ao pequeno projecto de proteger algumas áreas marginais, não ameaçadas pelo lume, e que respeitam ao carácter particular desta desavença em que o poeta José Régio me m e t e u. Desaguisado que corre o risco de se alterar em pretexto literário para dizermos coisas menores um ao outro, que bem poderiam ser conversadas em colóquio público se o português amasse a ágora. Não o desejará, certamente, o meu carissimo Poeta, que me dizem ser homem de palavra íntima. Eu, que um dia fui «Édipo» e agora me recolho ao espírito de «Hermes», que tenho menos pudor, que falo como um marinheiro grego, que sou, enfim, mais tagarela, gostaria, muito a sério, de beneficiar de tal oportunidade. T a l v e z os fados convenham ao meu lugar geométrico... Então, então, querido Poeta, teremos «batalha» verbal da rija. E entre mortos e feridos talvez escapemos os dois como naquelas histórias de proveito e exemplo... Até lá, que bem poderá ser até nunca mais, c o n t e n t e m o-nos com a hospitalidade de jornais e revistas onde amigos comuns nos felicitam por mais esta j o r n a d a sem glória. Também é verdade que ela, a Glória, se esquiva aos soldados, cabos e brigadeiros das l e t r a s... Mas isto seria já outra diversão psicológica e moral que ponho cuidadosamente de parte. Rua, pois, com a Glória!

Entremos na «toute petite histoire», parafraseando um amigo nosso comum e que ele me perdoe! Entremos então. As «chufas» que o Amigo me outorga. Que ideia foi essa de me atribuir o que é trivial e pitoresco nas regateiras de Mestre Gil? Não, Grande Régio, não! Creio que ainda não tenho o gosto embotado ao ponto de confundir *ironia* com *comicidade*. E se assim os fados me castigam, peço-lhe, imploro-lhe, que me ensine, pois continuo a ser simples aprendiz de arte literária.

JOSÉ RÉGIO

Não é a primeira vez que, publicamente, r e c o n h e ç o meus erros e dislates. Mas não é só por estas bandas que o reincidente comentário ao meu «fraquinho» *Os Intocáveis*, merece reincidente comentário do aluno resmungão. Antes, porém, de prosseguir, quero dar-me ao prazer de declarar que, se fosse interrogado em literatura por si, talvez apanhasse justamente um dez, embora o bom padre Gradil, me tenha contemplado com nota mais confortável. Mas nesse dia do meu longíquo exame não foi Camilo que

(Continua na 7.ª página)

«Simple», personagens de Hughes

por José Duarte

ta, crítico, dramaturgo, tradutor, viajante incansável, Langston Hughes divulga a cultura negra norte-americana, da qual foi um dos seus grandes expoentes.

Uma obra cada vez mais densamente social, uma adesão cada vez mais clara a um tipo de ideologia, fizeram de Langston Hughes, um autor, que embora pouco conhecido, é um marco significativo na cultura americana. Como negro e americano, o jazz ocupa na sua obra uma importância notável, é uma presença quase constante, que começa no seu primeiro livro «The Weary Blues» (prémio «Opportunity» 1926).

Mas, é sobre uma personagem célebre na sua obra, uma personagem que muito tem a ver com o jazz, que nos vamos debruçar um pouco.

Langston Hughes, quando da sua colaboração no jornal «New York Post» criou um personagem que alcançou uma popularidade notável entre os leitores negros e até entre os americanos, em geral. Através dum diálogo imaginado e despretensioso, numa linguagem simples, Hughes e esse personagem discutiam opiniões, problemas, dificuldades da vida dum negro norte-americano.

Era uma maneira cómoda, ingènuamente astuta, maliciosamente franca, de auxiliar o negro menos dotado a tomar consciência da sua condição, das suas

Langston Hughes: a verdade em 1.ª mão

responsabilidades. L. Hughes chamou-lhe Jess B. Simple, afinal um jogo de sons, palavras que ouvidas soam, Juste be simple. E como «Simple» ficou conhecido, na obra de L. H. que dele afirma:

«...«Simple», não é só o retrato dum homem mas é também o retrato de toda uma situação social, duma larga porção de população de Harlem, a maior cidade negra do mundo, com as suas preocupações diárias, os seus problemas, as suas i n q u i e t a ç õ e s, expressas simplesmente, sinceramente, em geral com um sorriso e sem outro propósito, que não seja o de matar o tempo, para não ficar só com as suas preocupações, preocupações em relação ao trabalho, às distracções, aos senhorios, às mulheres, à raça, à democracia...»

«Simple» tornou-se para muitos americanos o tipo comum, médio, do negro que podia ser encontrado nas ruas de Harlem.

«Simple», como homem da rua, interessa-se por jazz, o que não é de estranhar, tendo em vista, a origem do jazz. Quer se trate de espirituais, canots religiosos, «blues», cantos profanos ou de jazz, propriamente dito, esta música tem as suas raízes profundamente mergulhadas na alma do povo negro norte-americano.

«...Um homem de pele escura não conhece senão dias e s c u r o s...» explica «Simple», «...o «bop» nasceu em dias escuros, razão pela qual «bop» é música exasperada, selvagem, frenética, louca e que não pode ser compreendida senão por quem também conheceu dias escuros. Q u e m nunca sofreu, não pode tocar «hop» q u a n t o mais apreciá-lo...»

A observação de L. H. «...que «Simple» em tudo misturava o problema racial...» «Simple» limitava-se a constatar muito filosòficamente «...mas esse problema está em todo o lado...»

Para as massas populares negras encerradas nos «ghettos» das grandes cidades, o jazz propõe-se como evasão. O ritmo, os «riffs», repetidos à exaustação, servem como escape a um mundo de frustrações, numa atmosfera sensual, onde a promiscuidade física é por vezes o único elo de ligação. Não era pois surpresa ler «Simple» declarar: «...não gosto de velhos cânticos, nem de hinos, com arranjos musicais. Prefiro «swing» e aleluias ritmadas, cantos do evangelho e tambores...»

Com o advento e expansão da televisão, as pequenas salas de cinema viam-se obrigadas a fechar e «Simple» observava: «...Os velhos cinemas transformam-se em templos, já não se distingue um cinema duma igreja, a mesma fachada, as mesmas luzes; o palco é altar, na bilheteira depositam-se esmolas...»

«Simple» era grande apreciador de jazz moderno, do «be-bop». Quando ouviu «Dizzy» Gillespie e as suas bizarras onomotopeias «hey-ba-ba-be-bop» ou « hi-de-hia-do-bop-mop », «Simple» explicou: «...«be-bop» é uma música autêntica como aliás toda aquela que é tocada por homens de cor...». Langston Hughes tenta atenuar o radicalismo e afirma: «...o «be-bop» já passou, já teve o seu tempo — hoje tudo é «cool», progressista...»

«Simple» ràpidamente, acaba a discussão, afirmando muito à sua maneira: «...o «bop» pode ter passado de moda, mas o seu estilo permanece. Além disso, a palavra «bop» surgiu dos encontros entre a polícia e os negros; uma pancada-bop; duas, três; bop, bop, be-bop; e o ritmo passou da cabeça dos negros, para os trompetes, saxofones, pianos, baterias. Eu próprio tive essa experiência; uma vez tive uma resposta infeliz e... bop, bop, be-bop...».

Langston Hughes suspirando: «a tua explicação deprime-me».

«Simple» rematando: «a mim, é a tua simplicidade de espírito que me deprime».

BIBLIOGRAFIA:

Simple speaks his mind (L. Hughes 1950).

Simple takes a wife (L. Hughes 1953).

Simple takes a claim (L. Hughes 1957).

The best of Simple (L. Hughes 1961).

Langston Hughes (F. Dodat 1964).

COLECÇÃO

POETAS DE HOJE

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES

ILHA DO DESTERRO

Sobre a obra poética de Alexandre Pinheiro Torres afirmou Jorge de Sena que «patenteia grandes dotes de inquietação lírica e de visão profunda, que uma expressão rica, muito dúctil e volúvel, por vezes cinge com relevante vigor».

Portugália Editora
Av. Liberdade, 13, 3.º

the flower power

the flower power

the flower power

JE VEUX REGARDER DIEU EN FACE — LE PHÉNOMÈNE HIPPIE
por
Michel Lancelot
ed. Albin Michel
Paris 1968

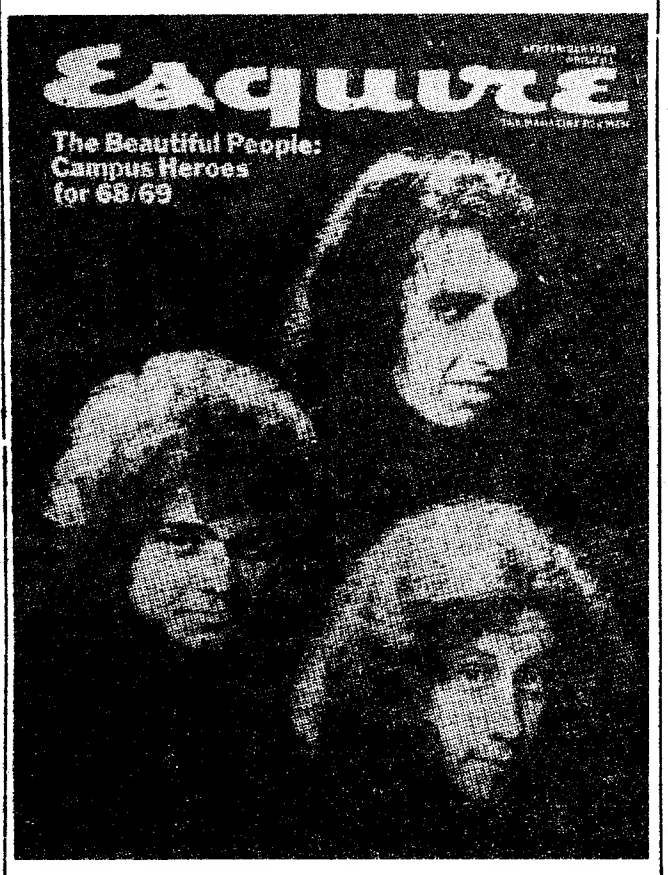
EM 1968 a genealogia dos «hippies» está devidamente determinada e as suas razões de comportamento foram e têm sido sobejamente analisadas pelos sociólogos para que se admitam ainda as falsas interpretações magazinescas postas em circulação por interesses do baixo comércio. Produtos de uma sociedade de consumo, são eles os jovens activistas do protesto contra essa mesma sociedade mas sofrem, por isso mesmo, da contra-propaganda que lhes deturpa a imagem essencial e das confusões que convenientemente foram postas a circular acerca da sua verdade.

Assim a juventude corrompida dos *blousons noirs* franceses, a dos *mod* e *rockers* britânicos ou a dos *houligans* eslavos são modelos de oportunismo atirados contra a geração do Flower Power com o objectivo de desorientar e criar um conceito superficial e antagónico. Elvis Presley é posto em pé de igualdade com Bob Dylan, Susan Sontag e os escritores de São Francisco caem no index dos marginais. O «cocktail» do desprestígio passa a ser servido em doses abundantes na baixa imprensa e nas avengas dos eruditos sensatos.

O FUMO E A ESSÊNCIA

Sucede porém que da confusão nasce o lucro, como muito bem sabem os «trustmen», dos mercados de juventude. E, assim, a imagem superficial do «hippie» devidamente mercantilizada transformou uma expressão de protesto numa vitória comercial das mesmas sociedades de consumo. O *hippie way of life* foi então devidamente explorado pelos ditadores de Carnaby Street e de indústria do gira-disco...

Apesar disso a face verdadeira do movimento subsiste. O *Human Be In* de Janeiro de 1967 que reuniu 40 000 jovens no Parque de Golden Gate, os recitais de Liverpool, o Underground Cinema, a escola de Andy Warhol — centenas, enfim, de manifestações superiores consolidaram e continuam a definir o espírito do Flower Power. Michel Lancelot no seu estudo *Je Veux Regarder Dieu en Face - le - Phénomène Hippie* aponta uma longa série de acontecimentos significativos na evolução desta juventude. Mas se esse Prólogo Cronológico é insuficientemente esclarecedor, o espírito da obra é por demais sensacionalista para que compense a escassês da informação com uma linha orientada de esclarecimento. Lancelot, por exemplo, estabelece uma definição social do «hippie» numa descendência imediata dos *beatniks* (o que não é de todo inexacto) mas não se refere ao fenómeno *hipster*, que, esse sim, foi o que mais directamente o inspirou. As raízes intelectuais do movimento são também contornadas confusamente numa amálgama apressada de conceitos e o LSB toma o papel do «grande revelador» quando, na verdade, ele ocupa uma posição secundária (e actualmente renegada em muitos casos) na ética «hippie». Jornalista do *Combat* e de *l'Aurore*, Lancelot toma em relação ao problema o partido dos esotéricos revestindo o movimento de um sentido de religiosidade que de maneira alguma o pode situar no momento histórico em que se processa. Timothy Leary é «uma facção posterior» e à margem «hippie», Mandala e o sonho psicadélico não justificam o sentido contestório dessa juventude.



As deturpações calculadas: o Esquire *dedicou um número à «sociologia» do Campus americano...*

JOAN BAEZ: a flor e o cântico

AS VOZES DIVERGENTES

É inegável que a tentação do Oriente e das filosofias imobilistas preenche uma parte considerável da filosofia existencial «hippie». Mas mesmo nos adeptos do «yoga» essa tendência raramente se sobrepõe ao movimento vivo e à expressão directa de acção. Os cartazes, a música sincopada dos Beatles, as canções fortemente radicadas na vida actual, de um Bob Dylan, de uma Joan Baez ou de um Donovan mostram bem que a letargia não é o denominador comum da atitude «hippie». De resto há uma certa diferença entre um jornal *new left* como o *Berkeley Barb* e o esotérico *Orache*, entre o *It (International Times)* de Londres e o *Ramparts* de Nova York, embora qualquer deles se ocupem da questão e tenham grandes zonas de audiência nessa juventude. Tal como há fatalmente diferenças consideráveis entre as análises que Norman Mailer publicou sobre o problema (e de que Lancelot não faz menção) e a mística exaltação que é, ao cabo e ao resto, este *Je Veux Regarder Dieu En Face.*

DAYBREAK
por *Joan Baez*
ed. Dial Press, Inc.
Nova Iorque, 1968

FILHA DE um alto funcionário da UNESCO *folksinger* de primeira garndeza, Joan Baez representa actualmente a imagem do *campus* americano, a voz dos *be in* e dos *sit in* que são, no meio universitário dos Estados Unidos, veementes expressões de confiança e de solidariedade. Como Bob Dylan, como Miriam Makeba, ela tem na idade da discoteca um lugar à parte e de cotação universal. Como em qualquer destes ídolos, o seu prestígio assenta numa consciência cívica exigente e numa sólida formação intelectual.

«*Daybreack*», um sucesso literário que a *Dial Press*, de Nova Iorque, acaba de lançar, é a prova pública dessa profundidade interior. Ao escrever a sua «autobiografia precoce», Joan Baez deu uma nova dimensão à sua voz. Os anos de infância que ali estão analisados numa prosa directa e repassada de um lirismo sadio, a experiência estudantil, o amor e a indignação, os retratos dos heróis contemporâneos (do próprio Bob Dylan, entre outros) tudo isso traz a estas memórias um sabor de circunstância que prende pela simplicidade da confissão e pela alegria de viver que se desprende de cada página.

Os leitores devotados de Ian Fleming e os turbulentos fanáticos de Elvis Presley repudiarão certamente o tom tranquilo e primaveril do livro de Joan Baez. E houve críticos, como Richard Goldstein, do «The New York Times», que se empenharam em destacar as ingenuidades ou a falta de ofício literário que «*Daibreak*» evidencia num ou noutro ponto. Isso, que aconteceu com os relatos vividos que ficaram na História como documentos, não destrói de modo algum o valor das memórias de Joan Baez. Permite-lhe, pelo contrário, em muitos casos, transmitir com ternura inesperada ou com fulgor confessional, o clima sentimental de uma experiência que se está a reviver directamente sobre o papel e que é tão rica, embora tão breve ainda, de acção e de sonho.

LÍNGUA ITALIANA

AINDA ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES

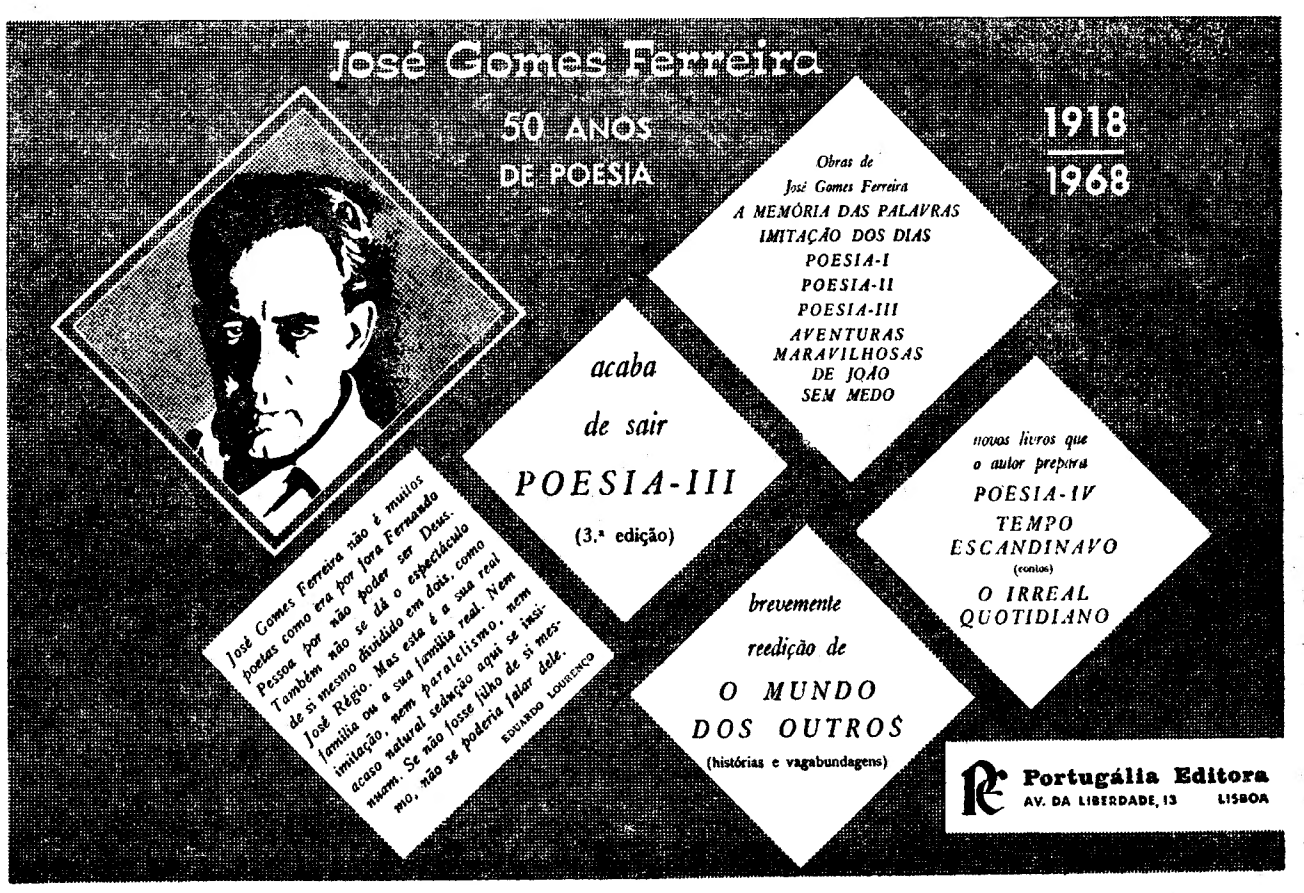
PARA OS NOVOS CURSOS PARA PRINCIPIANTES, A CARGO DE PROFESSORES ITALIANOS, COMEÇADOS EM 14 DE OUTUBRO

CURSO TRIENAL DE LÍNGUA, CURSO DE CONVERSAÇÃO, CURSO DE CULTURA (LITERATURA, ARTE, MÚSICA) A COMEÇAR EM NOVEMBRO.
MANIFESTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS—EXPOSIÇÕES DE ARTE.

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA
RUA DO SALITRE, 146 — TEL. 68 41 72

INSCRIÇÕES: DAS 10 ÀS 13 e DAS 16 ÀS 20 HORAS

Aos melhores alunos do Instituto serão concedidas bolsas de estudo para frequentar cursos de Verão em Itália.
A taxa de frequência são 300$00 para todo o ano.



Resposta de Alberto Ferreira

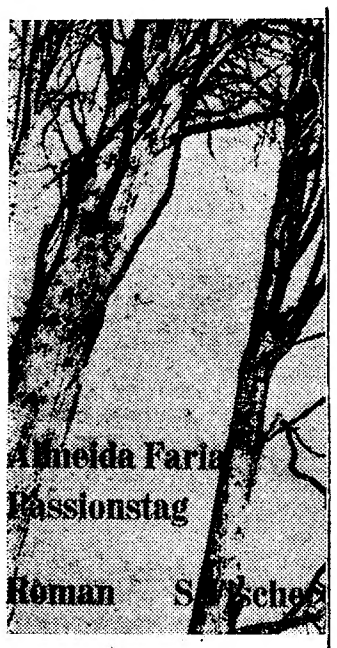
(Continuação da 3.ª página)

me saiu nos pontos, mas Camões, José Régio e Fernando Pessoa... Ai de mim! Não vou insistir na intocabilidade do juizo próprio nem na vulnerabilidade do alheio, mas nas glosas de alguns motes que se foram perdendo nas névoas do outeiro. Supunha eu, em ilusório supor, que se desterrara da malfadada República das Letras a necessidade psicológica (e talvez moral) de gozar a crua alegria de ganhar o jogo, mesmo que este se trave à beira do suplício, ou seja, no duro exercício de escrever. Não assim, como eu julgara, não assim como parece ressaltar da réplica (sê-lo-á?) de Régio. Permita-me dizer isto, nesta agradável liberdade da escola liberta de medos e de puxões de orelhas. Trata-se, creia, de um dito inocente e que, ao cabo, inteligentemente interpretado, (ou indulgentemente), lhe é favorável. Pois que maior elogio para um escritor, com a sua idade cronológica, que insinuar que ele, o Escritor, mergulha as fundas raízes do seu espírito na adolescência! Deixo isto claramente expresso no fito de proteger esta nossa conversa das trabuzanadas dos nossos costumes polémicos. Demasiado se transformaram as discussões literárias em enfadonhas e crueis batalhas de «morte». Ah!, e eu bem no sei, a palavra pode dividir os homens até ao corte de relações. É a primeira vez que me meto numa alhada destas e bem arrependido estou pois me não falta trabalho! Crente, todavia, que nem sempre a palavra divide mas também une, aqui me tem, encorajado por uma expressão feliz de Camilo, a propósito do que se diz e escreve, «porque lá está o claro entendimento de quem lê para as distinguir...» às palavras.

Antes de comentar algumas discordâncias, afigura-se-me medida adequada à situação, sublinhar certas concordâncias de juizo. E há, bem vistas as coisas, alguns pontos em que o juizo do Mestre é perfilhado por este seu humilde admirador. O normal nas pessoas que assistem a estas controvérsias é ignorar as zonas de acordo e cavar no fofo da discórdia (a palavra é forte, arredonde-se...). Concordo consigo em que a minha conversa parece «fraquinha» (não lhe chamemos resposta). Refiro-me à réplica *Os Intocáveis*. Não se interrogou porquê, Mestre? Afigura-se-lhe que o seu comentário continha substância, ou «forcinhas», para muito mais? Quando cometi aquela «fraqueza», limitei-me a seguir o entono, a toada, o tom, o mote, do seu artiguinho. Não vi, sinceramente, não vi (já se vê que a minha «cegueira» não é para desprezar, o Mestre já me avisou) mas não consegui espreitar grande coisa no seu comentário. E o que lá foi dito de importante comentelo-ó eu de aquele modo sem importância. Acha, Mestre, que a partir de tal matéria poderia eu elaborar uma teoria, construir um sistema, fundar um movimento, descobrir uma lei? O que mais importava no meu estudo sobre o Romantismo Português não foi comentado. Sei, agora, pelo seu segundo comentário, que manifesto «aturadissimo labor», etc. Cumpre repetir, mil vezes, que esse «aturadíssimo labor» foi partilhado, e com que talento!, por Maria José Marinho. Diz ainda, no seu segundo comentário, que «o que é preciso é discutir os juizos, as interpretações, as teses — porque estes estão muito longe de ser intocáveis». No que abundo. E não faltam por lá teses, hipóteses, juizos (e se me quiser conceder esse favor, *novas* categorias e critérios de valoração...) que urge discutir. Tornarei a este assunto. Mas continuemos no aturado recenseamento dos acordos, fazendo notar que não procuro evanescentes aproximações subjectivas nas quais convergimos os dois, pode crer... Concordo consigo em que Camilo é «desigual e irregular», concordo em que ostenta «excessos e faltas de bom-gosto»-mas sem o gosto sublinhado... No limite, o bom senso roça a mediocridade tal como a falta de bom-gosto toca o mau gosto. Releia-se Descartes, que sobre estas coisas simples, deixou ideias claras e distintas... Se me exige o passo busca-lo-ei na tradução que dele fiz (gemendo!) para a nossa amada língua. Concordo ainda em que o seu realismo (quando por aí anda, previno eu, cuido que com fortíssimas razões), é «admirávelmente expresso (mais do que expresso propendo eu em crer) em tantas e tantas páginas magistrais». Coloco aqui algumas reservas quanto à «espontaneidade» do processo criativo pois me parece que é minimizar a capacidade intelectiva de um artista que ambos admiramos e desejamos seja julgado plenamente. Problema que nos levaria horas e horas a contar... Porém, pecadilhos de hermenêutica simplificadora quem os não comete? E eu serei grande pecador no capítulo. Mas não há intocáveis, pois não Mestre? Que me corrijam, eis o que peço. Prossiga-se no exame das analogias de juizo. Também concedo em que o estilo dele «talvez», «talvez (seja) o mais rico e variado de toda a literatura portuguesa». Aceito, sobretudo, o carácter dubitativo da proposição. Aceito a sua escrupulosa dúvida, para não dizer cepticismo, claramente explicitada no emprego prudente do «talvez». Com efeito, não será rico e variado o estilo de Régio? Não o será também o de Aquilino, o de Pascoais e o de Fernando Pessoa, o de Eça de Queiroz, o de Garrett? E o de Virgílio Ferreira, e o de José Cardoso Pires? Valerá a pena fazer o totobola dos estilos dos grandes escritores, ou de pauta na mão, classificar os escritores nos jogos olímpicos do estilo? Espero, mesmo neste pormenor, que o caro amigo, ainda que me não aprove quanto à forma, me conceda o merecido beneplácito quanto ao conteúdo. E por agora encerro o inventário das concordâncias.

No tocante às suas qualidades de psicólogo (para empregar o seu próprio vocábulo) não me atrevo eu, «insensível» e «preconceituoso classificador do moderno dogmatismo» (cito de memória), a contestá-las. Juro-lhe (ainda se usará disto, fora dos formulários ressequidos das instituições?), mas juro! que ignorei, até às provas de composição vindas da Comissão de Censura, a intervenção «dos meus amigos» e, que o saiba, só um velo «à liça...» Por minha banda, não acredito que Augusto da Costa Dias se tenha disposto a gastar as suas preciosas horas de insónia (que as tem como o bom do Camilo!) por mera amizade individual, embora, como Cicero, ambos muito prezemos a dita amizade. «Reforço», sugere o Mestre. E porquê?! Imagina-nos numa espécie de caça às bruxas, ou julga-nos sucessores de lusitanos cruzados? Francamente, francamente, não me dei conta de que Alcácer-Quibir estava à vista. Há muito que escuto o crepitar do lume, mas não me lembra de ouvir a barulheira das quebradas lanças... Sinto-me tentado a aproveitar de outro modo o seu expressivo verso «sei que não vou por aí». Mas seria explorar efeitos fáceis de uma metáfora rica de sentido e significação. Não o faço, pois seria feia acção. Terminando, por hoje, lhe declaro, respondendo à sua inadequada alusão, que nem escolhi a «excelente caricatura de Pomar», nem é meu o «risonho rótulo por baixo». São coisas de jornalismo que nem eu nem o meu excelente amigo (ao que suponho) teremos de nos ocupar. Mais uma palavrinha: bem sei, ou ao menos cuido saber, que, adoptando o registo *sério*, ou talvez melhor, não-irónico, não existem intocáveis para si nem para ninguém com o mínimo equilíbrio mental. Inútil, portanto, se me afigura o seu veemente protesto. Claro, claríssimo, que em tal registo de comunicação e nesse irradiar da sensibilidade privada de ironia, só, de facto, «analfabetos, cegos, loucos, surdo-mudos e não sei que mais...» Não o somos, pois não? Terei assim o olímpico gosto de fechar esta carta com mais uma concordância!

ALBERTO FERREIRA



A PAIXÃO, o notável romance que impôs Almeida Faria nas letras nacionais, acaba de ser publicado na Alemanha. O facto em si mesmo é realmente significativo e honra sobremaneira a literatura portuguesa, dado que se trata de uma obra a muitos títulos difícil de traduzir, quer pelas originalidades do estilo, quer pela construção narrativa, tão pessoal e tão subtil.

A «Paixão» de Almeida Faria

Almeida Faria, que com o seu primeiro romance, *Rumor Branco* (1962), obtivera o «Prémio da Revelação» da S. P. E., passa agora além-fronteiras e é mais um dos nossos autores a contribuir para a internacionalização da literatura portuguesa. A largueza de inventiva, a segurança de construção e a probidade do tratamento dos temas — tudo, em suma, o que a Crítica tem posto em destaque em relação a Almeida Faria — foram em boa hora reconhecidas pelos editores alemães de *A Paixão* que, com acerto, seleccionaram um escritor português verdadeiramente representativo.

Uma voz única: António Gedeão

«Ali está um poeta novo e diferente», escreveu Jorge de Sena na extensa e rigorosa análise que faz da obra de António Gedeão (*Poesias Completas*, Portugália Editora, 1963). E realmente o reconhecimento comum de ser esta uma das vozes mais profundas e mais pessoais da poesia portuguesa contemporânea reassume flagrante evidência quando, como agora, relemos, comparamos e meditamos os quatro admiráveis livros — *Movimento Perpétuo*, *Teatro do Mundo*, *Máquina de Fogo* e *Linhas de Fogo* — que se reunem neste volume.

A excepcional importância de António Gedeão na literatura portuguesa contemporânea tem sido — felizmente — reconhecida; o processo da sua criação poética, a renovação de tradições que ela implica e o exacto saber oficial com que a realiza, é Jorge de Sena quem, até ao mais pequeno pormenor vem demonstrar; mas a pureza de imagens, o fulgor da invenção e o tom dos versos de António Gedeão isso é que, acima de tudo, se descobre na leitura dos poemas deste livro. Extraordinário momento, este que a nossa poesia apresenta quando nela se eleva uma voz tão pessoal e tão inteligentemente despretensiosa. E rara felicidade, também, a de um poeta encontrar um estudioso que, como Jorge de Sena, desmonta, associa e «explica» um acto tão sábio e tão trabalhado como o de criar, com pureza, Poesia.

Morte de um computador

por José Vaz Pereira

«No meu campo especial da radioastronomia, estamos em condições de encarar as possibilidades de receber sinais de regiões do Universo que distam da Terra perto de seis, sete ou oito milhões de anos-luz.» Sir Bernard Lovell..

Os factos de *2001: Odisseia no Espaço* são também de 1968. Prevê-se já que, num futuro próximo, um computador possa «dialogar» com um ser humano; está dentro das previsões da NASA que, antes do Natal de 1969, Apolo 11 aproximando-se da Lua, liberte um módulo com autonomia operacional, capaz de colocar cosmonautas naquele satélite. Considera-se já uma certeza que os computadores, longe de se fixarem numa maquinaria complexa de botões, tubos e circuitos e de ocuparem zonas apreciáveis de espaço, se reduzam ao tamanho duma caixa de charutos e deixem de ser utilizados apenas por grandes firmas industriais e serviços públicos para se individualizarem como os transistores portáteis dos nossos dias. Zond-5 provou a infinita precisão atingida pelos instrumentos de controle remoto.

O filme exibido com tanto êxito e polémica em todo o Mundo resultou da colaboração íntima entre Stanley Kubrick, cineasta americano de vanguarda e Arthur Clarke, especialista britânico em comunicações espaciais e autor de ficção científica. Mas Kubrick dispôs sobretudo do mais vasto complexo técnico-artístico já realizado na história do cinema; socorreu-se da opinião de verdadeiras autoridades em assuntos de cosmonáutica; revolucionou, depois dum período de investigação e experiências exaustivas, os cerrados limites laboratoriais em que parecia encerrada a produção fílmica; definiu-nos novas noções de tempo e de espaço e construiu uma imensa relojoaria de precisão, tão perfeita e tão equilibrada, que torna plausíveis os mais ambiciosos sonhos do homem. *2001: Odisseia no Espaço* é, nesse aspecto e antes de mais nada, uma tremenda e excitante vitória.

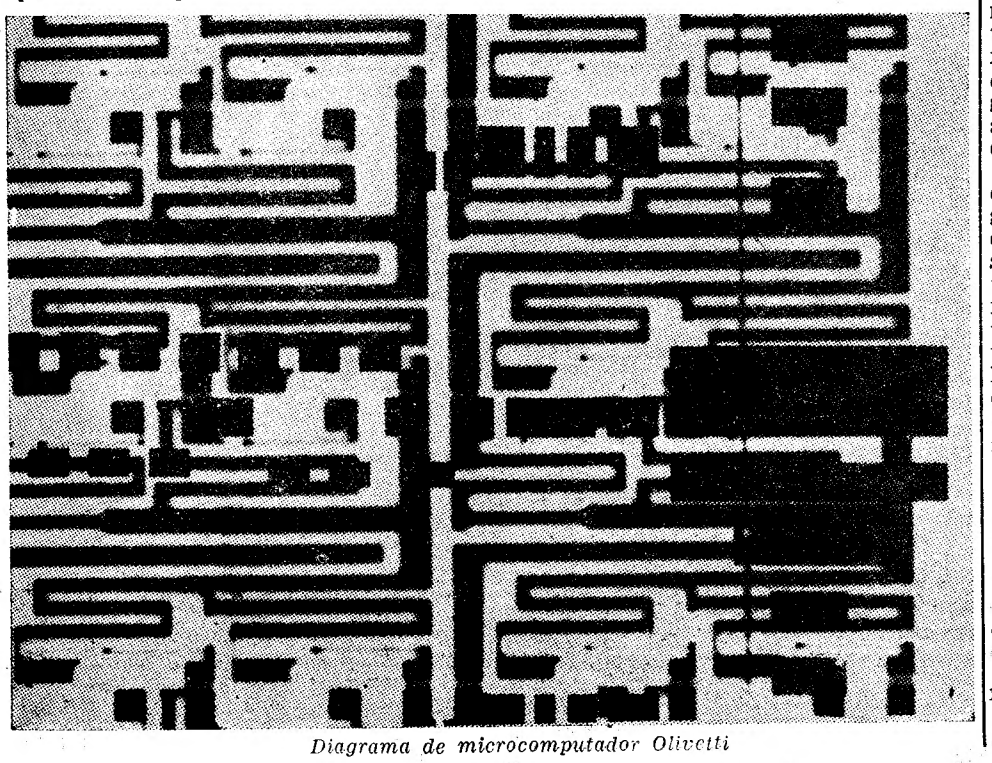


Diagrama de microcomputador Olivetti

Assim, enfrentamos um filme de perto de 2 horas e 15 minutos em que o diálogo se limita a ocupar uma escassa meia hora. Por isso mesmo e com alguma miopia, certa crítica acusou Kubrick e Clarke de não respeitarem elementos clássicos como a intriga e o recorte psicológico. Como se estivessem em jogo as mesmas realidades que motivam e explicam os outros filmes! E, contudo *2001: Odisseia no Espaço* consegue uma envolvente fluidez apesar do tempo mínimo dedicado ao diálogo.

A obra de Kubrick torna obsoleta uma vasta filmografia de ficção científica que não lograra ultrapassar as fronteiras duma antecipação mais ou menos folhetinesca nem duma literatura populista de divulgação. Ainda que o prólogo da película fizesse recear um documento tipo «Enciplopédia pela Imagem», cedo reconhecemos que em *2001: Odisseia no Espaço* a própria improvização vem revestida dum rigor que quase a atraiçoa. Mas, a esse rigor, Kubrick junta a procura sistemática de novos efeitos, a utilisação vem revestida dum realismo impressionante, o emprego de espelhos (como na psicadélica viagem a Jupiter), a solarização de negativos. Tudo isso contribui para dar ao filme, para além do seu tom profético, a nervosidade avassaladora, a cintilação portentosa dum *happening* visual. Um corredor em que mergulhamos vertiginosamente, sem possibilidade de nos determos.

Nave espacial 2001

Uma das personagens centrais de *2001: Odisseia no Espaço* é o computador Hal, cujo comportamento, no decorrer da expedição da nave *Discovery* se começa a tornar suspeito. O computador age com desconfiança e tende a eliminar os que duvidam da sua eficiência. Mas Dave, o cosmonauta sobrevivente, consegue regressar á nave e, entrando no cérebro do computador, pratica uma autêntica lobotomia em Hal, arrancando célula sobre célula, provocando uma morte de funções com ressonâncias humanas, como que aniquilando algo de sua própria personalidade. Outro ponto nuclear do filme é um objecto rectangular, negro e brilhante, uma laje de simplicidade assustadora que parece marcar as várias etapas do homem, personificar o desconhecido ou a atracção do desconhecido, ter, no meio do seu mistério, uma omnipresença que desafia o tempo.

E a laje acaba por reaparecer no salão Luís XVI em que o cosmonauta se identifica com diversas e perturbadoras fases da sua vida: no «outro» homem que ele vê encontra-se a si próprio, o tempo e o espaço têm novas dimensões, a realidade um carácter incontrolável e ambíguo e á passagem dos anos não preside qualquer cronologia razoável. O homem volta sempre ao princípio e mesmo que a sua caminhada seja reveladora, o caminhante que termina a jornada não é o mesmo que a inicia.

Do Espaço volta-se á terra e o homem surge de novo, a despontar para a vida sem que saibamos se a criança do Cosmos representa mais sabedoria do que a trajectória falível dos seus predecessores.

A laje poderá simbolizar dezenas de hipóteses, desde Deus até á procura duma identidade. Esta amplitude, tal como o *rosebud* de *O Mundo a seus pés* de Orson Welles, em vez de se tornar hermética, fornece uma infinita abertura a diversas interpretações.

2001: Odisseia no Espaço entra em linha de conta com uma das grandes revoluções dos nossos dias: a revolução das comunica-

(Continua na 2.ª página)

Elogio do boato

por João Martins Pereira

As teorias da comunicação, os estudos sobre tratamento da informação — tão na moda actualmente — desprezam, como coisas sérias que pretendem ser, um importante elemento de informação: o boato. Parece-nos injusto. Será o boato sinónimo de informação falsa? Não. De outro modo, como se explicariam aquelas notícias que dizem: «Confirmar-se os boatos de que ...»? Se nos socorrermos do que aprendemos no liceu quanto à classificação das costelas (verdadeiras, falsas e flutuantes, se a memória não falha) e dividirmos as informações por idênticas categorias, o boato não figurará, portanto, entre as falsas, mas sim, com todo o rigor, entre as flutuantes. O boato flutua, não se sabe bem onde nem quando nasce, onde nem quando morre. A não ser, é claro, sempre que diga respeito a factos que permitam, posteriormente, verificar-lhe a exactidão. Isso é, de resto secundário. Até porque, entretanto, ele já caiu no esquecimento. O boato vale por si mesmo, actua no preciso momento em que é comunicado. Suscita, conforme o seu conteúdo (ou *mensagem*) e as características do meio receptor — indivíduo isolado fumando distraidamente à beira de um passeio, mesmo sentado a ler um jornal à mesa de um café, mesmo ao telefone, grupo reduzido em qualquer das duas primeiras situações ou noutras imagináveis, etc. [1] — a total adesão, a dúvida, a gargalhada, a discussão. Nenhuma destas atitudes, diga-se desde já, tem algo que ver com a sua verosimilhança, como esta com a realidade a que diz respeito. Aí reside, precisamente, toda a riqueza da relação «boatifica» (termo que nos valerá o ódio dos puristas, mas que julgamos mais adequado do que «boateiro», melhor no papel de substantivo, ou do que um hipotético e anódino «boatal», igualmente pouco ortodoxo): qualquer boato, por mais inverosímil, tem as mesmas probabilidades de vir ou não a ser confirmado, do mesmo modo que será fàcilmente aceite em certos meios e momentos, e ridicularizado noutros. A referida relação, que se traduz na prática pela que se estabelece entre o emissor e o receptor do boato, faz lembrar as situações de que trata a teoria dos jogos (ou, em linguagem mais corrente mas não menos moderna, seria uma relação «estratégica»). Assim, o receptor poderá reagir mentalmente desta maneira: Se dou a entender que acreditei, ele vai pensar que sou um anjinho, mas, por outro lado, se ponho em dúvida, ele ...»; e o emissor destoutra: «Ele parece ter acreditado, mas por certo está a fingir, pois é capaz de saber coisas que não quer dizer, e se assim for ...», e por aí adiante. Acresce a esta ambiguidade o facto de não ser fácil identificar um boato como tal. É sabido que certas expressões introdutórias — «*garantiram-me que*», «*foi-me contado por um amigo íntimo do tipo*», «*queres ouvir esta que é autêntica, posso-te jurar a pés juntos*», e tantas outras — não deixam lugar a dúvidas, mas nem sempre isso acontece. Com efeito, obra de imaginação quantas vezes próxima da obra de arte, no que não tem paralelo com outro qualquer veículo da informação, o boato toma com frequência formas a tal ponto sofisticadas que, servido por um bom intérprete, se torna irreconhecível. O boato é, na realidade, mais do que comunicado, interpretado, como o é a letra de uma canção, e, como esta, terá mais ou menos sucesso segundo o talento empregado para o exprimir.

Obra de imaginação. Não será afinal uma prova, ou uma confissão, de que é necessàriamente falso, no plano da informação? De nenhum modo: imaginação não é sinónimo de fantasia. À custa de imaginação, que não só de técnica, consegue o caricaturista mostrar-nos a realidade, com meia dúzia de traços, assim como nos pode dar, noutros momentos, figuras arrancadas por inteiro à fantasia. E, já que falamos de imaginação, porque não reconhecer em tantos boatos que por aí se ouvem o dedo de um surrealismo *qui n'ose pas dire son nom?*

Para quem, depois do que fica dito, insista em não considerar apaixonante a problemática do boato e em não conferir a este o lugar e a dignidade que merece, um último apontamento sobre o que poderíamos chamar a função social do boato. Não vamos, decerto, negar que, em torno de um boato, qualquer de nós já participou em discussões entusiásticas, que puseram em jogo toda a inteligência e discernimento de que fomos (ou não) dotados — não será isto uma função educativa, ao manter despertas as nossas faculdades intelectuais? Nem vamos esquecer os largos momentos de ócio que teremos passado a tentar desmontar todo um mecanismo que nos foi sugerido por um ingénuo boato, na ânsia de descobrir algo que antes desconhecíamos — evidente função cultural e ocupação de *loisirs*... Sem falar no interesse cívico da confrontação de ideias, de posições distintas em relação a problemas que, sem boato, não nos fariam deter um instante.

É óbvio que, retomando a classificação proposta de início, a informação flutuante (o boato) perde fatalmente terreno em meios onde triunfa a árida informação verdadeira. Talvez esta tenha outros encantos e outras virtudes, mas não nos permitindo a imaginação ir tão longe, quantas noites de angústia já nos poupou, quantas alegrias — mesmo que efémeras — nos proporcionou esse desconhecido, o boato.

---

(1) Notar que o boato é um veículo de informação essencialmente utilizado no diálogo ou na conversa entre poucas pessoas. Não é corrente, por exemplo, ser transmitido por um orador perante vasto auditório, embora haja circunstâncias propícias a isso, e não deixem de ser aproveitadas. O boato tem qualquer coisa de afectivo, de íntimo. Na maior parte dos casos não é dito, é cochichado ou ciciado.